

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



Guilherme Barreto Rocha Lima

***Bom humor e benevolência: forma narrativa e moralidade  
em *Joseph Andrews*, de Henry Fielding***

Monografia apresentada à Graduação em História da PUC-Rio como  
requisito parcial para obtenção do título de Bacharel e Licenciado em  
História.

Orientador: Prof. João de Azevedo e Dias Duarte

Rio de Janeiro

Novembro de 2021

## **Agradecimentos**

Antes de mais nada, agradeço à PUC-Rio, instituição renomada por sua excelência de ensino, pela formação ao longo destes últimos quatro anos e meio e pela bolsa de estudos integral, sem a qual não poderia ter trilhado esta jornada. Em seguida, ao CNPq, pelo apoio durante a caminhada pela Iniciação Científica, em meio a qual surgiu o projeto que veio a dar origem ao presente trabalho. Quero agradecer ainda ao corpo docente e funcionários do Departamento de História da PUC-Rio, bem como de outros nos quais cursei disciplinas, e, em particular, a meu orientador, o professor João de Azevedo e Dias Duarte, com quem tantas matérias acompanhei e bons momentos compartilhei, e sem cuja sabedoria a execução desta monografia seria impossível. Por fim, agradeço a Vinicius Sabato e Miguel M. Abrahão, meus antigos professores de História do Colégio Santo Agostinho, responsáveis por despertar-me o gosto e a curiosidade por estudá-la. A todos que participaram desse processo, estendo meu carinho e garanto que os levarei em minha memória para o que o futuro reservar à minha frente.

**Resumo:**

O presente trabalho busca analisar as estratégias retórico-literárias utilizadas por Henry Fielding em seu romance de estreia, *Joseph Andrews*, de 1742, para a veiculação de determinados princípios morais-religiosos associados à vertente do anglicanismo conhecida como “latitudinária”, a qual se caracterizava pela ênfase em razão, pragmatismo, liberalidade, caridade e tolerância. Examinar-se-á sobretudo a figura do narrador no romance, operador da transmissão de tal conjunto de valores e padrões de comportamento. Parte-se da hipótese de que, com *Joseph Andrews*, Fielding ambicionava reformar as paixões e modos da sociedade inglesa de então, testemunha de uma série de aceleradas transformações políticas, econômicas, demográficas e socioculturais, e ainda marcada pelas tensões e conflitos que haviam eclodido com as guerras civis e perseguições religiosas do século XVII.

Palavras-chave: Henry Fielding, *Joseph Andrews*, latitudinarismo, retórica, narrador

## **Sumário**

<b>Introdução</b>	<b>4</b>
<b>Capítulo 1 - Os fundamentos pedagógicos e morais de <i>Joseph Andrews</i></b>	<b>8</b>
1.1 A função pedagógica do romance inglês no século XVIII	8
1.2 A perspectiva teológico-moral latitudinária em <i>Joseph Andrews</i>	22
<b>Capítulo 2 - As estratégias retóricas do narrador para a reforma dos valores e comportamentos</b>	<b>45</b>
2.1 O narrador como guia moral	45
2.2 O narrador como amigo	67
<b>Conclusão</b>	<b>87</b>
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>89</b>

## Introdução

À época da publicação de *Joseph Andrews*, em fevereiro de 1742, Henry Fielding (1707-1754) já se consagrara como um dos mais importantes dramaturgos de seu tempo. Aos vinte anos de idade, assistiu à primeira encenação de uma peça de sua autoria, *O Amor sob Diversas Máscaras* (1727), em Drury Lane, um dos teatros de maior prestígio de Londres, dando início a um decênio extremamente prolífico ao longo do qual lançaria mais de vinte trabalhos, alguns deles estrondosos sucessos, como *A Farsa do Autor* (1730) e *Tom Thumb, ou a Tragédia das Tragédias* (1731)<sup>1</sup>. Entretanto, a promulgação do Ato de Licenciamento em 1737, que fechou as portas da quase totalidade dos teatros da capital e instaurou censura prévia para novas produções, encerrou precocemente sua carreira<sup>2</sup>, e, somando-se à prodigalidade de seus gastos durante a juventude, deixou-o em situação financeira terrível. Quando, então, o debute como romancista de Samuel Richardson (1689-1761) em novembro de 1740, até então um próspero editor de livros e informes parlamentares, *Pamela, ou a Virtude Recompensada*, causou furor entre o público letrado inglês, Fielding, que nos anos anteriores vinha se desdobrando como rábula e escritor para diversos jornais como forma de sustentar sua família, divisou uma oportunidade de obter alguma renda extra através do fomento de uma polêmica, com a redação de uma réplica<sup>3</sup>.

Contudo, embora a esperança de aliviar sua penúria tenha fornecido o impulso mais imediato para a empresa, ela de forma alguma foi o único motivo, ou mesmo o principal. A aclamação dirigida ao conteúdo moral da obra de Richardson por nomes tão eminentes quanto o poeta Alexander Pope, chegando mesmo a ser recomendada pelo pastor Benjamin Slocock como exemplar de

---

<sup>1</sup> Para mais informações, KEYMER, Thomas. In: RAWSON, Claude (ed.). **The Cambridge companion to Henry Fielding**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. 202 p.

<sup>2</sup> De fato, as frequentes sátiras desferidas por Fielding contra o gabinete do primeiro-ministro Robert Walpole em suas peças fez dele um dos alvos principais da lei, algo amplamente notado já à época. Anos mais tarde, seu amigo James Harris declararia que “a Assembléia fez uma lei para calar um homem particular.” BREE, Linda. In: RAWSON, Claude (ed.). **The Cambridge companion to Henry Fielding**. 1. ed. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2007. p.10.

<sup>3</sup> MAIOLI, Roger. In: FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 18.

conduta casta para moças em pleno púlpito<sup>4</sup>, desagradou a uma corrente na qual Fielding se incluía, para quem esta apenas aparentava virtuosismo enquanto propalava comportamentos subversivos para a ordem social, como veremos adiante.

Sua estreia como romancista parte de uma inversão das premissas morais e estéticas de Richardson: aqui, o personagem-título, irmão de Pamela e inspirado por seu exemplo de castidade, resiste aos avanços de sua patroa, Lady Booby, por sua vez, tia do captor da garota, o Sr. B. Após ser demitido, ele imediatamente deixa Londres e inicia sua viagem de retorno a seu vilarejo, na expectativa de reencontrar sua amada Fanny Goodwill para poderem casar-se. Logo no começo de seu trajeto, porém, dois assaltantes roubam todos seus pertences e espancam-o quase até a morte. Sendo resgatado e levado a uma estalagem para se recuperar, acaba se encontrando por coincidência com o pastor Abraham Adams, que se dirigia para a capital no intuito de vender alguns sermões para serem publicados, vindo a descobrir, no entanto, que havia esquecido de colocá-los em sua mala. Sendo assim, decidem continuar pela estrada juntos, vindo a ser acompanhados, um pouco mais tarde, pela própria Fanny, que, ouvindo da precária condição de saúde de Joseph trás ser atacado, pôs-se a pé ao seu encontro para auxiliá-lo, sendo, no entanto, providencialmente salva por Adams de uma tentativa de estupro. Ao longo do caminho, eles se deparam com uma pleora de tipos sociais de distintas índoles e se envolvem em várias confusões pitorescas, das quais sempre terminam por escapar por um triz. Chegando por fim a seu destino, Fanny e Joseph começam os preparativos de seu casamento sob os auspícios de Adams, embora ainda tenham que enfrentar as artimanhas de Lady Booby, obcecada pelo jovem, e uma série de reviravoltas quanto às verdadeiras origens de seus nascimentos antes de poderem realizar seus desejos. Diversos elementos do enredo, portanto, opõem-se aos de *Pamela*: a opção por uma vasta quantidade de cenários (estalagens, tavernas, bosques, casas de campo, etc.) ao invés das propriedades do Sr. B.; o deslocamento por um longo trajeto e a sensação de amplitude do mundo daí provinda, em lugar do claustro e da paralisia; a enorme quantidade de coadjuvantes e episódios aparentemente desconexos, que visam oferecer um amplo panorama dos

---

<sup>4</sup> KEYMER, Thomas. In: RICHARDSON, Samuel. **Pamela; or, Virtue Rewarded**. 2. ed. Nova Iorque: Oxford University Press, 2001, p. xxiv.

costumes e valores da sociedade inglesa de então, contrário ao número restrito de personagens e ao encadeamento necessário de situações, entre outros.

Mas as diferenças entre as duas obras vão mais além. À fluida estrutura epistolar do romance de Richardson, Fielding opõe uma cuidadosa organização inspirada em modelos neoclássicos, seccionando sua obra em quatro livros, cada um dividido em capítulos numerados em algarismos romanos, com títulos extensos resumindo seus conteúdos para o leitor, antecedidos por um prefácio no qual explica com grande erudição seus pressupostos éticos e estéticos. Ademais, substitui-se o turbilhão verbal da narração em primeira pessoa, no qual diálogos, pensamentos e sentimentos são apresentados de forma imediata, crua, explosiva, às vezes confusa, por um narrador que conta a história à distância, no passado, sem nela ter se envolvido diretamente, controlando magistralmente a cadência de sua evolução em meio a repetidas interpelações ao leitor, nas quais, através de uma linguagem equilibrada, perspicaz e bem-humorada, chama a sua atenção para um ou outro aspecto do acontecido e externa análises e julgamentos acerca dos fatos e pessoas, servindo como um guia que realça os conteúdos morais mais universais que devem ser retirados daqueles casos particulares.

Em tudo isso, percebe-se uma conexão íntima e, tentaremos demonstrar aqui, consciente por parte de Fielding entre ética e estética, moral e retórica, a ambição de veicular um determinado conjunto de preceitos que guie os sentimentos e comportamentos dos sujeitos em suas dimensões individual e social e a necessidade de um modo de exposição adequado, que seja agradável e persuasivo. Pautando-se por tal objetivo, o presente trabalho se divide em dois capítulos, com cada um deles contendo duas seções. No primeiro, buscaremos apresentar os desafios e transformações que se impunham à sociedade inglesa de meados do século XVIII e as funções pedagógicas que o romance moderno, gênero literário então em formação, assumiu para si como ferramenta de refundação das bases morais e comportamentais sobre as quais se deveria assentar a organização da coletividade, bem como os fundamentos morais e religiosos latitudinários que permeiam a obra de Fielding e o modo pelo qual ele articula respostas de cunho teórico, estilístico e funcional aos impasses colocados. No segundo, passaremos a uma análise mais minuciosa de diversos elementos e estratégias do estilo retórico empregado pelo narrador em sua

autoconstrução como personagem e fiador da transmissão dos valores, sentimentos e padrões de comportamento que subjazem os fins reformistas da obra, selecionando alguns excertos particularmente proveitosos nesse sentido, além de lançar mão, quando conveniente, de uma abordagem comparativa, que contribua para realçar fatores que poderiam não ficar claros se observados sem uma contraposição externa.



## Capítulo 1 - Os fundamentos pedagógicos e morais de *Joseph Andrews*

### 1.1 A função pedagógica do romance inglês no século XVIII

Os romancistas ingleses do século XVIII revestiram suas obras de abertas intenções pedagógicas. Nas palavras de Samuel Richardson, autor de trabalhos de vulto, como *Pamela* e *Clarissa* (1748), por exemplo, “A instrução, Madame, é a pílula; a diversão é o dourado”<sup>5</sup>, assim uma reformulação da máxima horaciana do *utile et dulci*; ou, em outros termos, “[...] divertir e entreter, e ao mesmo tempo instruir e aprimorar as mentes da juventude de ambos os sexos: [...]”<sup>6</sup>, como declarado no prefácio a *Pamela*. Henry Fielding, por sua vez, pretende fazer de seu debute como romancista, *Joseph Andrews*, “[...] um espelho a milhares em seus gabinetes, para que possam contemplar sua deformidade e se empenhem em reduzi-la [...]”<sup>7</sup>. Em um momento em que o romance moderno ainda buscava se estabelecer enquanto gênero literário autônomo e respeitável e mantinha aberto um considerável espaço para a experimentação formal, a consecução dessas ambições de inculcação de determinados valores morais e reforma dos costumes do público leitor exigia de escritores e críticos, de acordo com Sandra Guardini Vasconcelos, “[...] definição e demarcação de fronteiras, explicitação de propósitos, investigação de soluções formais, busca de justificativas. Teorização, em resumo.”<sup>8</sup> No âmbito de tais esforços, Fielding logo adquire uma posição de destaque tanto pelos conteúdos morais subjacentes a seus trabalhos e os recursos estéticos de que lança mão para veiculá-los quanto por suas tentativas de delimitação consciente dos pressupostos éticos e estéticos que informam seu estilo e propósitos, sobretudo em seus prefácios e capítulos introdutórios, metacomentários críticos que contribuem imensamente para uma melhor compreensão de seu legado e sugerem um autor em pleno domínio de seu

<sup>5</sup> *apud* VASCONCELOS, Sandra. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 46.

<sup>6</sup> RICHARDSON, Samuel. **Pamela; or, Virtue Rewarded**. 2. ed. Nova Iorque: Oxford University Press, 2001, p. 3, tradução minha.

<sup>7</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 232.

<sup>8</sup> VASCONCELOS, Sandra. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 43.

texto, compreendido como um artefato integral no qual os elementos retóricos devem ser pensados em harmonia com as finalidades morais.

Desejamos assim marcar uma sutil, porém importante, discordância em relação a um ponto articulado por Martin C. Battestin no prefácio de seu seminal estudo *The moral basis of Fielding's art* (1959), referência inexorável para qualquer estudo dos fundamentos religiosos e morais que sustentam os romances do literato inglês, em especial *Joseph Andrews*. Dividindo Fielding entre, por um lado, um escritor moralista, preñado de tópicos solenes, e, por outro, um satirista, argumenta ele que

“O perigo, claro, mantém-se em que, ao revelar o moralista em Fielding, nós possamos parecer ocultar o satirista. [...] Conquanto o perigo reconhecidamente é real, neste caso ele parece inescapável. O esforço de definir os fundamentos morais da arte de Fielding inevitavelmente envolve um deslocamento do foco para longe da comédia.”<sup>9</sup>

Embora em vários outros momentos Battestin acentue a aguçada compreensão de Fielding quanto à necessidade de erigir suas histórias como todos homogêneos, não deixando de afirmar, portanto, a colaboração entre as facetas moralista e satírica em seus horizontes reformistas, ou, ao menos, a intenção nesse sentido, a perspectiva que se anuncia aqui, ao menos para os fins de pesquisas, análises ou críticas de sua obra, é ainda assim a de duas instâncias em conflito, como se, em competindo por proeminência aos olhos do leitor, uma delas (quase sempre, a sátira) acabasse por ofuscar a presença da outra, prejudicando a plena compreensão das nuances do texto, e exigisse então tratamentos separados para o entendimento adequado de seus efeitos. Em nosso ponto de vista, entretanto, as ambições pedagógico-morais de Fielding não encontram-se de modo algum em dissonância de qualquer tipo com suas opções estilísticas, narrativas ou retóricas, possuindo nestas, ao contrário, meios de expressão e de convencimento do leitor que, tendo sido objetos de meditação, devem, conseqüentemente, ser observadas em conjunto, caminho que parece-nos mais interessante no destrinchar minucioso da ação almejada sobre o público e do tipo de caráter que assim deveriam fomentar. Ora, uma passagem esclarecedora quanto a esse ponto dá-se quando, discorrendo no Prefácio de *Joseph Andrews* sobre a escolha pela admissão de um

---

<sup>9</sup> BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding's art: a study of Joseph Andrews**. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p.xi, tradução minha.

tom burlesco, entendido aqui como aquilo que é “monstruoso e desnatural”<sup>10</sup>, em sua dicção, embora não em seus “sentimentos e personagens”<sup>11</sup>, argumenta-se que este

“[...] contribui mais para a alegria e o riso requintados do que nenhum outro; e estes são provavelmente remédios mais salutareos para a mente, e ajudam melhor a purgar a zanga, a melancolia e os maus afetos do que geralmente se imagina. Mais do que isso, perguntarei à observação comum se as mesmas agremiações não se encontram *mais cheias de bom humor e benevolência depois de terem sido adoçadas por duas ou três horas com entretenimentos desse tipo do que quando azedadas por uma tragédia ou uma palestra solene.*”<sup>12</sup>

Mais do que mera carta de intenções ou conjectura sobre métodos retóricos, este trecho constitui também um ataque, nada velado, a bem da verdade, contra um dos recortes sociais e religiosos que Henry Fielding buscou combater com maior veemência (embora não o único, como veremos adiante), qual seja, as congregações puritanas radicais, e, particularmente, os grupos metodistas: guiam inequivocamente a essa percepção seus desejos de “[...] purgar a zanga, a melancolia e os maus afetos [...]”<sup>13</sup>. A “melancolia” religiosa, sobretudo, era então parte de um léxico de cunho médico-filosófico frequentemente mobilizado, como lembra João de Azevedo e Dias Duarte em *O progresso do peregrino*, como tentativa de conferir raízes patológicas<sup>14</sup> à crença que estes grupos cultivavam quanto à espécie de relação direta, não mediada por qualquer autoridade temporal ou eclesiástica, que manteriam com o espírito divino (o que seus detratores chamavam de “entusiasmo”, em contraposição a uma suposta “inspiração”). Com base em tal suposição, acreditavam que suas ações, enquanto ferramentas da promoção dos desígnios celestiais para a humanidade, detinham uma legitimidade implícita, transcendente, ainda que porventura em conflito com as leis e instituições terrenas<sup>15</sup>. Não apenas isso, dessa avassaladora devoção derivava um comportamento taciturno e antissocial,

<sup>10</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 60.

<sup>11</sup> Idem, p. 60.

<sup>12</sup> Idem, p. 61, grifos meus.

<sup>13</sup> Idem, p. 61.

<sup>14</sup> Para uma discussão mais detalhada desse tópico, cf. DUARTE, João. **O progresso do peregrino: religião e política na gênese do Iluminismo inglês**. 1.ed. Curitiba: Prismas, 2017, cap. 2, p. 81-99.

<sup>15</sup> cf. DUARTE, João. **O progresso do peregrino: religião e política na gênese do Iluminismo inglês**. 1.ed. Curitiba: Prismas, 2017, cap. 1, p. 34-49; WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 103.

que, desviando todas as energias para o horizonte *post mortem* e a salvação, levava-os a desprezar as coisas do mundo e os prazeres da carne, inclusive a companhia de seus iguais<sup>16</sup>, conduzindo assim ao estereótipo disseminado de puritanos (em especial, *quakers*) cheios de “zanga” e “maus afetos”. Entendendo-a como “uma corrupção do legítimo amor a Deus, que opera por excesso e deficiência”<sup>17</sup>, figuras como Robert Burton (1577-1640), autor de um influente tratado médico-moral, *The anatomy of melancholy*, de 1622<sup>18</sup>, contribuíram assim “para a construção da imagem do ‘puritano’ como uma figura solitária, sobranceira e desregrada, cujo comportamento antinomiano decorria de uma confusão patológica entre a própria fantasia e a autoridade divina”<sup>19</sup>, descrição que visava simultaneamente, por óbvio, desqualificá-los. Tais argumentos ecoam ainda nas polêmicas de Fielding contra um de seus alvos preferidos, George Whitefield (1714-1770), um dos principais responsáveis, junto a John Wesley (1703-1791), pela revigoração do metodismo por volta das décadas de 1730 e 1740<sup>20</sup>: criticando a doutrina da justificação pela fé por ele pregada, que desconsiderava a relevância da caridade e das boas ações na obtenção da graça divina em prol de uma eleição apriorística arbitrária, cujos motivos seriam insondáveis ao conhecimento humano e sobre a qual uma vida de virtudes ou pecados em nada poderia interferir, o Pastor Adams, um dos protagonistas de *Joseph Andrews*, acusa-a de “detestável”<sup>21</sup> e inspirada pela “insensatez e o entusiasmo”<sup>22</sup>, indo além para declarar que

“[...] foi certamente cunhada no inferno, e pensar-se-ia que ninguém, salvo o diabo em pessoa, teria a empáfia de pregá-la. Pois pode alguma coisa ser mais derogatória para a honra de Deus do que suporem os homens que o Ser Onisciente dirá doravante aos bons e virtuosos: ‘Não obstante a pureza de tua vida, não obstante a constante regra de virtude e bondade com que caminhaste sobre a terra, como não creste em todas as coisas à real maneira ortodoxa, tua falta de fé te condenará?’ Ou, por outro lado, pode alguma doutrina ter uma influência mais perniciosa sobre a sociedade do que a convicção de que será um

<sup>16</sup> DUARTE, João. **O progresso do peregrino: religião e política na gênese do Iluminismo inglês**. 1.ed. Curitiba: Prismas, 2017, p. 45-46.

<sup>17</sup> Idem, p. 86.

<sup>18</sup> Idem, p. 85.

<sup>19</sup> Idem, p. 88.

<sup>20</sup> BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding’s art: a study of Joseph Andrews**. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 22-23.

<sup>21</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 128.

<sup>22</sup> Idem, p. 128.

bom apelo para o vilão em seu derradeiro dia: ‘Senhor, é verdade que jamais obedeci a um único de teus mandamentos; mas não me punas, pois acredito em todos eles?’<sup>23</sup>

Em suma, os preceitos metodistas configuravam para Fielding, de acordo com Battestin, “[...] uma racionalização bastante confortável para a autoindulgência, e perigosamente subvertiam a moralidade pública”, uma “lógica conveniente para a completa hipocrisia”<sup>24</sup>.

Sua solução para tais riscos passava, portanto, por “encher” seus leitores de “bom humor e benevolência”<sup>25</sup>. Há, dessa forma, dois momentos em sua afirmação. Não se trata apenas de proclamar uma alternativa moral e religiosa às demais vertentes em disputa, mas de incuti-la nos espíritos, de torná-la eficaz na reforma dos modos de agir e pensar, dos hábitos, valores, padrões de comportamento social, de empregá-la na reeducação do público, de fazê-lo refletir e convencê-lo - em outras palavras, não basta saber *o que* falar, é preciso elaborar o *como*. Ainda assim, seria inócuo explorar as estratégias narrativas e compositivas de Fielding sem que antes estivesse bem-estabelecido o conteúdo e a razão de ser de suas exortações.

Embora sua carreira como romancista, percorrendo nove anos, de 1742, com o lançamento de *Joseph Andrews*, a 1751, com a publicação de *Amelia*, tenha se dado em um período de relativa solidez do poderio político do liberalismo *whig* e do regime parlamentarista instaurado após a Revolução de 1688-89<sup>26</sup>, a Inglaterra de então encontrava-se fragmentada entre uma miríade de correntes políticas e religiosas fundadas sobre ideias e valores muito diferentes (não raro, inconciliáveis) entre si, algo que, ao dificultar a produção de um consenso mínimo em torno de instituições e garantias legais básicas a balizar debates, discordâncias e soluções negociadas ou de maneiras aceitáveis de se portar no âmbito público, por vezes ameaçava romper essa pretensa estabilidade<sup>27</sup> - como deixa explícito, por exemplo, o levante jacobita de 1745<sup>28</sup> -, evocando

<sup>23</sup> Idem, p. 128

<sup>24</sup> BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding’s art: a study of Joseph Andrews**. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 83, tradução minha.

<sup>25</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 61.

<sup>26</sup> HILL, Brian. In: DICKINSON, Harry T. (ed.). **A companion to eighteenth-century Britain**. 1. ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2002, p. 63-66.

<sup>27</sup> DUARTE, João. **O progresso do peregrino: religião e política na gênese do Iluminismo inglês**. 1.ed. Curitiba: Prismas, 2017, p. 189-196.

<sup>28</sup> O jacobitismo foi um movimento que se espalhou por Inglaterra, Gales, Escócia e Irlanda e defendia, por diferentes motivos em cada região, o retorno da dinastia Stuart ao trono após a

temores de uma recaída nas sangrentas guerras civis e perseguições religiosas e governos autoritários que haviam marcado o século anterior, cujos traumas eram ainda muito vívidos na memória coletiva. Simultaneamente, uma série de aceleradas transformações dava-se ainda nos campos social, econômico e cultural, vinculadas em grande medida à ascensão de uma burguesia comercial que se por um lado tomava consciência cada vez mais aguçada quanto ao papel crucial por ela desempenhado na sustentação do Estado e exigia assim da administração dos negócios públicos maior acessibilidade e transparência<sup>29</sup>, progressivamente, por outro, desenvolvia os próprios gostos, valores, ideias, ambições, padrões de comportamento e formas de expressão, em suma, uma cultura distinta, impulsionada também por fenômenos como “[...] o crescimento demográfico, a expansão do letramento, a multiplicação da mídia impressa, a urbanização e o surgimento de espaços e estabelecimentos comerciais urbanos de sociabilidade [...]”<sup>30</sup>. Esse novo “público” que surgia, conquanto causasse temores entre setores políticos e intelectuais que consideravam-no “[...] uma entidade suspeita, perigosa, ligada, por um lado, à trivialidade, ao efêmero, ao gosto insaciável por novidades, ‘galanterias e modas’ [...], e, por outro, ao furioso e incontrolável ‘espírito de partido’ [...]”<sup>31</sup>, não deixava de apontar também para um declínio da hegemonia do sistema de valores e costumes ligado à aristocracia tradicional, habitualmente associada então aos grandes proprietários de terra (“*Squires*”), ao ambiente rural e ao conservadorismo *tory*. O grande problema que suscitava respostas conflitantes das duas correntes políticas de maior prevalência à época, *tories* e *whigs*, ancoradas sobre interesses e concepções de mundo radicalmente dissonantes, era,

---

Revolução de 1688-89. Nas duas primeiras, ficaram associados sobretudo a católicos, beneficiados pelas medidas pró-Roma de Jaime II, *nonjurors* (aqueles que se recusaram a jurar lealdade aos novos monarcas) e setores mais radicais do Toryismo, que viam na coroação de Guilherme de Orange uma ruptura das prerrogativas do poder da Igreja anglicana. Em três ocasiões distintas, levantes jacobitas tentaram tomar o poder e restaurar os Stuart pela força das armas: entre 1689 e 1692, mantendo um esforço de resistência após a Revolução; entre setembro de 1715 e fevereiro de 1716, com a formação de exércitos principalmente no norte de Escócia e Inglaterra; e, por fim, entre agosto de 1745 e abril de 1746, quando suas forças foram definitivamente derrotadas. Há registro ainda de uma série de conspirações, planos e rebeliões menores, que chegam a 1759. Para mais informações, cf. SZECHI, Daniel. In: DICKINSON, Harry T. (ed.). **A companion to eighteenth-century Britain**. 1. ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2002, p. 81-96.

<sup>29</sup> HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2014, p. 176-183.

<sup>30</sup> DUARTE, João. História, Romance e Iluminismo: considerações preliminares. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 62, p. 555-572, 2017, p. 559.

<sup>31</sup> Idem, p. 559-560.

em essência, a manutenção da estabilidade e da paz social.

A leitura dos primeiros permanecia em muitos aspectos próxima àquela que alicerçara seu apoio ao regime da Restauração Stuart (1660-1688), período de feroz repressão a frações heterodoxas da Igreja anglicana e, principalmente, a congregações puritanas, a cujo antinomismo, fruto da já citada espécie de relação que criam manter com Deus, culpavam pelo caos que havia varrido o país por quase vinte anos, de 1642, quando da eclosão das guerras civis, até 1660<sup>32</sup>. Entendiam ser elemento indispensável para o restabelecimento da ordem a defesa da ascendência absoluta da Igreja anglicana, com suas doutrinas e rituais, sobre os assuntos de religião, devendo esta ficar sob a proteção do rei, que ocuparia simultaneamente os postos de máxima liderança política e espiritual, justificado por seu suposto direito divino<sup>33</sup>. Em um momento em que as sensibilidades laicas que viriam a ganhar força ao longo do século XIX ainda não se faziam presentes e assuntos de religião eram unanimemente considerados parte da esfera política, a contraparte teológica dos *tories* dava-se no chamado anglicanismo *High-Church*, ala mais rigorosa da Igreja oficial capitaneada por membros de seu alto clero, e, em conjunto, o objetivo último desses setores era o retorno a uma Igreja unificada que regulasse as crenças, valores, costumes, dinâmicas de relação social, o ritmo da vida humana como um todo, garantindo assim a preservação da harmonia no seio da comunidade<sup>34</sup>, ainda que para isso fosse preciso recorrer à violência para forçar infieis à conversão e silenciar os que de qualquer modo se recusassem a segui-la<sup>35</sup>. Desconfiados da possibilidade de que divergências políticas e religiosas ou distintas visões de mundo pudessem conviver e ser mediadas pacificamente, julgavam, portanto, que Igreja e Estado deveriam coagir os indivíduos a um grau mínimo de homogeneidade de comportamentos, crenças e valores, ou seja, exercer certo grau de controle sobre corpos e mentes.

Profundamente diferente era o entendimento *whig*. Estes consideravam que a fragmentação da sociedade inglesa em múltiplas denominações religiosas tornara inevitável a existência de opiniões distintas daquelas professadas pela cúpula da Igreja<sup>36</sup> e a aristocracia conservadora, e que a repressão impiedosa aos

<sup>32</sup> DUARTE, João. **O progresso do peregrino: religião e política na gênese do Iluminismo inglês**. 1.ed. Curitiba: Prismas, 2017, p. 130-137.

<sup>33</sup> Idem, p. 148-149.

<sup>34</sup> Idem, p. 142-146.

<sup>35</sup> Idem, p. 149-151.

<sup>36</sup> Idem, p. 151-152.

não-conformistas contrariava princípios cristãos, servia antes a interesses particulares de integrantes do alto clero e incensava novas insatisfações que pouco contribuíam para a causa da paz<sup>37</sup>. Depreende-se disto o núcleo de pautas por eles defendido em matéria religiosa, que transcendia discordâncias internas decorrentes da heterogeneidade de seus quadros, compostos principalmente por dissidentes e anglicanos heterodoxos<sup>38</sup>: o fim, ou ao menos a atenuação, das perseguições a não-conformistas; a liberdade de consciência aos súditos, desde que estes expressassem suas crenças pacificamente e respeitassem suas demais obrigações civis<sup>39</sup>; e, uma reforma da Igreja anglicana que flexibilizasse questões doutrinárias e cerimoniais, facilitando a incorporação de parcelas da população que objetavam aos dogmas e ritos preconizados pelos *High-Church*<sup>40</sup>. A leitura subjacente a essas propostas entende que a obtenção da estabilidade dependeria de garantir que divergências ao credo oficial não incorreriam em riscos à integridade física, às liberdades civis ou à propriedade dos que as professassem, aplacando os temores que poderiam motivar a irrupção de novos levantes<sup>41</sup>. Mais do que simplesmente conveniente, um certo grau de tolerância seria portanto imperativo a qualquer arranjo político ou religioso em condições de evitar derramamentos de sangue, ainda que muitos *whigs* tivessem como ideal uma reforma que reavesse uma Igreja unificada. Ponderavam, por exemplo, que mesmo o antinomismo das congregações puritanas, não obstante indiscutivelmente representasse uma das principais origens das guerras civis, fora inflamado pelas políticas discriminatórias às quais viram-se expostas pelas reformas eclesiais conduzidas pelo arcebispo William Laud com a anuência de Carlos I, que reforçavam elementos litúrgicos e o rigor hierárquico herdados da Igreja de Roma em detrimento de preceitos protestantes<sup>42</sup>.

Ainda assim, o whigismo, sobretudo em suas fileiras mais moderadas, que vieram a tornar-se proeminentes a partir da década de 1710, não era ingênuo quanto aos riscos incutidos nessa relativa leniência, admitindo, como aponta João

---

<sup>37</sup> Idem, p. 164-165.

<sup>38</sup> Idem, p. 129.

<sup>39</sup> Idem, p. 167-170.

<sup>40</sup> Idem, p. 74.

<sup>41</sup> Idem, p. 195-196.

<sup>42</sup> A profunda repulsa dos puritanos a essas reformas chegou a gerar acusações de que Carlos I seria o Anticristo e consistiu em uma das razões que conduziram à Revolução Puritana de 1642. William Laud seria executado em 10 de janeiro de 1645, enquanto Carlos I sofreria o mesmo destino em 30 de janeiro de 1649.



de Azevedo e Dias Duarte, que “[...] a animosidade entre os diversos partidos formados nas últimas décadas continuava elevada, amplificada por uma cultura de debate e contestação bastante articulada e disseminada”<sup>43</sup>. Observando assim a necessidade de se construir instâncias ou mecanismos que dessem conta de conter possíveis ondas de violência derivadas de um acirramento das tensões, a solução por estes articulada passava, contudo, por um trajeto alternativo e, por assim dizer, mais sofisticado em relação àquele traçado pelo toryismo: através de um amplo projeto de reforma de valores, costumes e formas de sociabilidade, da elaboração e divulgação de padrões de comportamento público que constrangissem os sujeitos a uma autoanálise, uma percepção mais aguçada do tom de suas falas e da aparência de suas ações aos ouvidos e olhos alheios, a responsabilidade pela manutenção da disciplina social deveria ser transferida das autoridades monárquica e religiosa para as disposições interiores de cada indivíduo<sup>44</sup>. No vasto arsenal de veículos empregados na promoção desse programa cultural, o romance, por sua popularidade através de diversas camadas sociais, ocuparia uma posição de destaque.

Não que a utilização deste para a educação dos leitores ao redor de algum complexo de valores, ideias e padrões adequados de comportamento fosse exclusividade de uma ou outra facção política ou religiosa. Não apenas isso, as preocupações éticas que circundavam as polêmicas em torno do romance enquanto gênero literário em formação e as relações “externas” a serem mantidas com o conjunto mais abrangente da sociedade incitavam também uma longa lista de debates estéticos e temáticos “internos” - como resume Sandra Vasconcelos, “[...] definição do gênero; problemas de forma e técnica; questionamento do conteúdo próprio ao romance; [...]; a figura do leitor; o papel do romancista; estratégias narrativas; a relação do romance com outros gêneros [...]”<sup>45</sup>, entre outros - nos quais participavam escritores, críticos e mesmo leitores. Em todas estas se respondia, ademais, em alguma medida, a duas espécies de críticas ou suspeitas que perseguiram o gênero: primeiro, que seria ele, na melhor das hipóteses, um passatempo frívolo, um emprego autoindulgente de tempo e

---

<sup>43</sup> DUARTE, João. História, Romance e Iluminismo: considerações preliminares. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 62, p. 555-572, 2017, p. 559-560.

<sup>44</sup> Idem, p. 560-562.

<sup>45</sup> VASCONCELOS, Sandra. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 43.

energia, algo que, na puritana Inglaterra de então, onde o rigor no trabalho detinha um valor religioso, emblema da esperança salvífica, já em si gerava incômodos<sup>46</sup>. Entretanto, pior ainda, em suas versões mais réprobas, corromperia a moral e os costumes, efeito das representações realistas<sup>47</sup> do cotidiano de setores sociais baixos que o caracterizavam, frequentemente assumindo matizes eróticas, violentas ou grotescas e enveredando pelas vidas de prostitutas, bandidos e malandros<sup>48</sup>. Em seguida, embora seus autores procurassem fazer jus ao chamado “giro empirista” que cada vez mais se assenhoreava da intelectualidade do país<sup>49</sup>, parte desta mantinha-se refratária a seu suposto realismo e suas reivindicações enquanto ferramenta pedagógica, antes crendo inconcebível que alguém pudesse imitar com precisão a caótica multiplicidade de acontecimentos que convivem no dia-a-dia, suas interpolações e consequências em um todo coerente<sup>50</sup>. Seria inevitável, portanto, que estes fossem distorcidos e exagerados para efeitos dramáticos<sup>51</sup>, como da mesma forma os sentimentos e motivações que animam as ações humanas, que quase sempre acabavam por parecer produto de nada mais do que egoísmo e maldade. Não obstante, ao tentar esconder seus elementos fabulosos ou criativos, pudesse sugerir sobretudo à juventude a adequação ou justificabilidade de comportamentos que deveriam ser evitados.

Dentre os vários argumentos elaborados por autores que se sentiram compelidos a sair em defesa de suas obras, os de Fielding em *Joseph Andrews* (mas também posteriormente em *Tom Jones*) encontram-se entre os mais interessantes. Antes de mais nada, há de se notar que evita ele classificar seu livro como “romance”, em parte pela supracitada má fama que ainda acompanhava o termo, associado a narrativas torpes e indecentes, e cujo sentido,

---

<sup>46</sup> Idem, p. 44.

<sup>47</sup> Trataremos o conceito de “realismo” aqui de acordo com a forma como é concebido por Ian Watt, ou seja, “um conjunto de procedimentos narrativos” caracterizado pela “premissa, ou convenção básica, de que o romance constitui um relato completo e autêntico da experiência humana e, portanto, tem a obrigação de fornecer ao leitor detalhes da história como a individualidade dos agentes envolvidos, os particulares das épocas e locais de suas ações - detalhes que são apresentados através de um emprego da linguagem muito mais referencial do que é comum em outras formas literárias.” WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p. 34.

<sup>48</sup> VASCONCELOS, Sandra. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 61.

<sup>49</sup> MAIOLI, Roger. **Empiricism and the early theory of the novel: Fielding to Austen**. 1. ed. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2017, p. viii-ix.

<sup>50</sup> Idem, p. 54-55.

<sup>51</sup> Idem, p. 50-51.

ademais, não estava bem-estabelecido à época, sendo frequentemente utilizado de maneira intercalada a “romanesco”<sup>52</sup>. Ao contrário, apresenta-o, entre outros, como “poema épico-cômico em prosa”<sup>53</sup> (no Prefácio) e “biografia”<sup>54</sup> (no capítulo introdutório ao Livro III), chegando mesmo a atacar

“[...] as modernas escritoras de romances e Atlântidas, que, sem a menor assistência da natureza ou da história, recordam pessoas que nunca existiram nem existirão, e fatos que jamais ocorreram nem possivelmente ocorreriam; cujos heróis são de sua própria criação, e cujos cérebros são o caos de onde compilam todo o seu material.”<sup>55</sup>

Tanto o eco a algumas das críticas empiristas ao romance quanto suas autodescrições não são gratuitas. Reiterando a intenção de que tudo em sua história “[...] seja copiado do livro da natureza, e mal haja um personagem ou ação que não tirei de minhas próprias observações e experiências [...]”<sup>56</sup>, Fielding explora alternativas para convencer seus leitores acerca da legitimidade de sua alegação. O epíteto “biografia” surge assim em uma tentativa de simultaneamente mobilizar e polemizar o papel que o pensamento neoclássico predominante reservava à história, qual seja, nas palavras de David Hume (1711-1776), que “Estes registros de guerras, intrigas, facções e revoluções são tantas coleções de experimentos, pelos quais o político ou o filósofo moral fixa os princípios de sua ciência”<sup>57</sup>, ou, em outras palavras, um repositório de casos particulares a partir do qual se deveria conseguir inferir princípios gerais que educassem o sujeito e informassem suas ações em uma dada situação. Era precisamente esta mediação que a história oferecia entre o singular e o universal,

---

<sup>52</sup> Utilizamos aqui a distinção feita por Sandra Vasconcelos, que nota a existência na língua inglesa dos termos “*novel*” e “*romance*” como designadores de gêneros literários diversos, diferenciação, contudo, inexistente na maioria das línguas latinas, que empregam igualmente “*romance*” para um e outro. Para evitar confusões, ela sugere que “*novel*” seja traduzido como “romance”, enquanto “*romance*”, “estória romanesca” ou “romanesco”. As estórias romanescas têm algumas de suas principais características em que “são vagas quanto aos detalhes da vida cotidiana, apresentam estrutura episódica, personagens aristocráticas e herói e heroína idealizados, para combinar com sua alta condição social”. Desse modo, estruturam-se por “regras de outra natureza, em que vale antes, na maneira como ali se organizam os acontecimentos, o princípio da casualidade ou a intervenção da Providência, o que acarreta total abdicação da organicidade do enredo.” VASCONCELOS, Sandra. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 32.

<sup>53</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 60.

<sup>54</sup> Idem, p. 229.

<sup>55</sup> Idem, p. 230-231.

<sup>56</sup> Idem, p. 65.

<sup>57</sup> *apud* MAIOLI, Roger. **Empiricism and the early theory of the novel: Fielding to Austen**. 1. ed. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2017, p. 77, tradução minha.

entre “o impulso generalizante do neoclassicismo e a orientação aos particulares do empirismo”<sup>58</sup>, que, para ele, encontrava-se em risco pela preocupação exagerada com a reconstituição meticulosa de detalhes e contingências pouco importantes em detrimento do sentido moral ou prático mais profundo dos acontecimentos:

“[...] a verdade só se há de encontrar nas obras dos que celebram as vidas de grandes homens, e que são comumente chamados biógrafos, assim como aos outros se deveria com efeito chamar topógrafos ou corógrafos - palavras que bem marcariam a distinção entre eles, sendo o mister dos últimos sobretudo descrever países e cidades, coisa que, com a assistência de mapas, eles fazem mui justamente, e em que são confiáveis; mas, quanto às ações e aos caracteres dos homens, seus escritos já não são tão autênticos, do que não se requer outra prova além daquelas eternas contradições que ocorrem entre dois topógrafos que tomem a peito a história do mesmo país: [...]. Mas, embora estes difiram vastamente na narrativa dos fatos, uns atribuindo a vitória a um lado e os outros ao outro, uns representando como vilão o mesmo homem a quem os outros atribuem um grande e honesto caráter, todos concordam quanto ao cenário onde o fato supostamente ocorreu e onde o indivíduo que é tanto um pilantra como um homem honesto viveu.”<sup>59</sup>

Para Fielding, o problema, contudo, ia além de uma simples deficiência de interpretação ou de acesso a fontes. Conhecer o verdadeiro caráter de alguém exigiria, como argumenta no *Essay on the knowledge of the characters of men*, inferências a partir de uma exposição prolongada a suas ações, e destas a constância e sinceridade, exercício que escaparia ao escopo do historiador, capaz de capturar apenas fragmentos da vida e comportamento de seus objetos de pesquisa, levando-o a projetar sobre eles a própria “[...] ingenuidade, viés político ou preconceito pessoal [...]”<sup>60</sup>. Diante das limitações inevitavelmente impostas pelos registros históricos, que impossibilitariam um conhecimento confiável dos fatos tal como se deram, mais valeria, portanto, demonstrar a maneira pela qual os caracteres universais se expressam em contextos, ainda que imaginados, “[...] organizados artisticamente em um todo unificado, uma estrutura de enredo dotada de uma coerência extraordinária”<sup>61</sup>, o que, do ponto de vista de um admirador de Aristóteles como ele, permitiria também escapar ao mero acaso da história. Ou, em suma,

<sup>58</sup> MAIOLI, Roger. **Empiricism and the early theory of the novel: Fielding to Austen**. 1. ed. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2017, p. 75, tradução minha.

<sup>59</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 229-230.

<sup>60</sup> MAIOLI, Roger. **Empiricism and the early theory of the novel: Fielding to Austen**. 1. ed. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2017, p. 78, tradução minha.

<sup>61</sup> DUARTE, João. História, Romance e Iluminismo: considerações preliminares. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 62, p. 555-572, 2017, p. 568.

“[...] não será um livro como o que registra os feitos do renomado Dom Quixote mais digno do nome de história do que até mesmo o de Mariana? Pois ao passo que o último se confina a um período específico de tempo e a uma nação específica, o primeiro é a história do mundo em geral, pelo menos daquela parte polida por leis, artes e ciências, e isso desde o momento em que ela foi primeiramente polida até os dias de hoje; e também doravante, por quanto tempo ela assim perdurar.”<sup>62</sup>

A partir disso, pode-se analisar também certos pressupostos por trás da denominação “poema épico-cômico em prosa”, estando estes intimamente ligados à necessidade de expor seus protagonistas a toda sorte de aventuras e contratempos, para então poder com segurança aferir e confirmar suas essências morais e recomendá-los, desse modo, como guias de conduta aos leitores. De firme formação clássica, não por acaso Fielding arraiga o marco distintivo do gênero épico em “[...] sua ação sendo mais extensa e abrangente, contendo um círculo muito maior de incidentes e introduzindo maior variedade de personagens”<sup>63</sup>, enquanto o cômico, por sua vez, seguindo a diferenciação deste para com o “sério” feita por Aristóteles na *Poética*, representa ações “leves e ridículas”<sup>64</sup>, além de “introduzir pessoas de grau inferior e consequentemente de modos inferiores”<sup>65</sup>, e, “em seus sentimentos e dicção, por observar o lúdrico em lugar do sublime”<sup>66</sup>. Desse modo, tais caracterizações lançam as bases para a busca pela construção de um amplo panorama social da Inglaterra de seu tempo a partir dos múltiplos episódios enfrentados por seus protagonistas, o próprio Joseph Andrews, sua noiva Fanny Goodwill e seu mentor e amigo, o pastor Abraham Adams, ao longo da estrada pela qual viajam de volta para o vilarejo onde moram. É claro que, em algum grau, a remissão da obra ao épico certamente passava pela expectativa, como aponta Ian Watt, de que “[...] evocar o prestígio da epopeia o ajudaria a conquistar [...] um interesse menos preconceituoso por parte dos *literati* [...]”<sup>67</sup>. Contudo, seria precipitado descartar aí o impacto deste sobre a forma efetiva adquirida pelo texto. Mais ainda, Martin C. Battestin recorda a leitura mais comum acerca do épico dentre os teóricos

---

<sup>62</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 231.

<sup>63</sup> Idem, p. 60.

<sup>64</sup> Idem, p. 60.

<sup>65</sup> Idem, p. 60.

<sup>66</sup> Idem, p. 60.

<sup>67</sup> WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p. 275.

neoclássicos, como, por exemplo, em *Le Bossu*, preferido de Fielding, em que “[...] a fábula (o tema ou moral) do épico era primária, a ação sendo concebida para incorporar e exemplificar a moral particular que o trabalho como um todo devia inculcar”<sup>68</sup>, algo que reverbera no elogio do escritor inglês ao *Telêmaco*, de Fénelon, ou à *Odisseia*, de Homero, ou mesmo em sua crítica àquelas “estórias romanescas, como *Clélia*, *Cleópatra*, *Astreia*, *Cassandra*, o grande *Ciro* e inumeráveis outras, que contêm, em meu entender, muito pouca instrução ou entretenimento”<sup>69</sup>. De fato, o épico, igual que a história, era para ele um gênero que transitava entre o particular e o universal, capturando na representação dos atos, palavras, sentimentos e ideias de personagens individuais noções e conhecimentos derivados de aspectos essenciais compartilhados por um povo, um setor social, etc., uma concessão ao idealismo neoclassicista que ainda assim procurava se adaptar e dialogar com as correntes empiristas ascendentes. Um “épico-cômico” pode ser interpretado assim como uma formulação artística da variedade de tipos humanos, atitudes e emoções, virtuosas ou não, que se revelam na vida cotidiana, em lugar do sublime presente em sua variante trágica, almejando extrair disso regras gerais acerca da moral e costumes que contribuam para o aguçamento da capacidade crítica e o aprimoramento ético do leitor.

Retornemos, portanto, à função mais abrangente que Fielding pretendia cumprir no seio de uma Inglaterra conturbada e dividida. Os protagonistas e as confusões que os envolvem em *Joseph Andrews* são planejados de modo a denunciar os vícios, a “ vaidade”<sup>70</sup> e a “hipocrisia”<sup>71</sup> que, para ele, contaminavam a realidade de seu tempo (embora não só o dele), contrastando-os com as qualidades das quais o personagem-título e o pastor Abraham Adams deveriam ser estandartes para assim ridicularizá-las, expor suas feições execráveis, e constranger o público leitor a reformar seus sentimentos e ações, valores e hábitos. Posto em outra chave, a incorruptibilidade da moral e das virtudes dos protagonistas mesmo frente aos muitos desafios aos quais se vêem lançados, suas comoventes permanências no âmbito do bom e correto ainda quando tentados por

<sup>68</sup> BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding’s art: a study of Joseph Andrews**. 1. ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 88, tradução minha.

<sup>69</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 60. *Clélia* e *Ciro* são de autoria de Mlle. de Scudéry, *Cassandra* e *Cleópatra*, de la Calprenède, e *Astreia*, de Honoré d’Urfé, todos autores franceses.

<sup>70</sup> Idem, p. 63.

<sup>71</sup> Idem, p. 64.

oportunidades ou pelo desejo da mesquinhez devem ser garantias de seus espíritos virtuosos, qualificando-os como parâmetros de conduta. Tanto em seus objetivos de causar um impacto na vida interior de seus leitores quanto nos paradigmas moral-teológicos com os quais flertava, agregando-os a suas opiniões do ser humano e da sociedade, o literato aproximava-se do whigismo moderado, embora seja precipitado necessariamente considerá-lo um *whig*. De fato, o ponto de contato entre ambos está muito mais em suas aproximações ao pensamento dos clérigos latitudinários. No esforço de bem entender as bases morais sobre as quais se assenta *Joseph Andrews* (e, em seguida, os artificios retóricos pelos quais se visa promovê-las), devemos, portanto, analisar seus fundamentos e sua influência sobre a concepção, as personagens e o enredo do livro.

## 1.2 A perspectiva teológico-moral latitudinária em *Joseph Andrews*

Embora a presença de um substrato moral nos romances de Fielding tenha sido desde muito cedo consensual entre os estudiosos de sua obra, a definição do conteúdo deste permaneceu contenciosa por algum tempo. Dentre as hipóteses levantadas, estiveram a de que seria ele um representante do deísmo<sup>72</sup>, corrente que, rejeitando a revelação cristã, defendia estar o universo arranjado sob uma ordem racional, seus objetos e a dinâmica entre eles marcados por uma qualidade transcendente que denominavam a “eterna adequação das coisas”, o estímulo maior para a prática do bem, conforme à continuidade de tal harmonia, encontrando-se no prazer derivado de se constatar a “beleza natural da virtude”, dispensando qualquer incitação externa, como a esperança da salvação, o temor pela punição dos pecados ou mesmo firmes imperativos éticos; ou ainda, que se basearia no estoicismo<sup>73</sup>, este pregando desapego e desprezo aos afetos, sensações, prazeres e sofrimentos mundanos em prol da autossuficiência e integridade do indivíduo, a tácita aceitação das imposições do destino e um modo de vida austero, sem excessos, na medida do indispensável à sua manutenção. A enorme importância de Martin C. Battestin e seu já citado *The moral basis of Fielding's art* dá-se assim por sua argumentação no sentido de localizar *Joseph*

---

<sup>72</sup> BATTESTIN, Martin. *The moral basis of Fielding's art: a study of Joseph Andrews*. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 12.

<sup>73</sup> Idem, p. 11.

*Andrews* (e o trabalho do autor desde fins da década de 1730, em geral) no campo do “latitudinarismo”, tese que, recebida com aclamação, veio a provar-se extremamente influente em estudos posteriores.

De fato, escrevendo em *The Covent-Garden Journal* em 25 de fevereiro de 1752, Fielding cita diretamente, em tom elogioso, um de seus nomes de maior destaque:

“Digo, em acordo ao Dr. [Isaac] Barrow, Aperfeiçoemos e avancemos nossa Natureza à máxima perfeição de que ela é capaz, quero dizer através da prática de todo o Bem que pudermos; e certamente aquela Natureza que aparenta participar da Bondade divina neste Mundo é a mais provável de participar da Felicidade divina no próximo.”<sup>74</sup>

A alusão ao pensamento latitudinário encontra-se ademais no clamor ao esforço pelo aperfeiçoamento das Naturezas de cada um a partir da prática do Bem, tropos centrais das proposições morais desses teólogos. Mais além, Battestin entende que sua adesão a esta escola achava-se consolidada ao menos desde sua experiência como editor do periódico *The Champion*, entre 1739 e 1741, tomando enquanto evidência passagens como, por exemplo,

“Como a boa natureza, que é a principal, se não a única qualidade na mente do homem ao mínimo tendendo nessa direção, não proíbe a vingança de uma ofensa, o Cristianismo nos ensinou algo além do que a religião natural e a filosofia poderiam alcançar; e conseqüentemente, que não é isto tão antigo quanto a criação, nem a revelação inútil com vistas à moralidade, tivesse ela nos ensinado não mais que esta excelente doutrina, que, se geralmente seguida, faria a humanidade muito mais feliz, assim como melhor do que é.”<sup>75</sup>

Mais do que alguns claros ecos da moralidade latitudinária, aqui estes estão positivamente contrastados aos limites da “religião natural e a filosofia”, inequívoca oposição a deístas e estóicos. Antes de delinear-mos, entretanto, suas sombras sobre a primeira empreitada do autor na “nova província do escrever”<sup>76</sup>, cabe determo-nos de maneira mais detalhada sobre o contexto de seu surgimento e suas proposições mais relevantes.

Como antes exposto, à época em que problemas de fé eram também de Estado, as fragmentações política e religiosa da Inglaterra representavam duas faces da mesma moeda. As guerras civis que varreram o país entre 1642 e 1660

<sup>74</sup> *apud* BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding’s art: a study of Joseph Andrews**. 1. ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 61-62, grifos e tradução meus.

<sup>75</sup> Idem, p. 76-77, tradução minha.

<sup>76</sup> FIELDING, Henry. **Tom Jones**. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 68, tradução minha.



havia sido fomentadas em parte pela oposição de congregações puritanas radicais a um conjunto de reformas conduzido por Carlos I sobre ritos e estrutura da Igreja anglicana, que reforçavam elementos litúrgicos e o rigor hierárquico herdados da Igreja de Roma em detrimento de preceitos protestantes. Por sua vez, a Restauração Stuart, em vigor entre 1660 e 1688, período de violenta repressão a dissidentes e privações a suas liberdades civis e religiosas, como fica bem exemplificado pelo Código de Clarendon, conjunto de cinco Atos aprovados entre 1661 e 1678<sup>77</sup>, teve um de seus pilares na ala *High-Church* do anglicanismo. Outrora discutidos, os pressupostos teológicos metodistas mais decisivos para a questão aqui colocada eram em geral compartilhados pelas demais congregações puritanas radicais, como calvinistas, anabatistas ou *quakers* - quais sejam, que os desígnios de Deus eram insondáveis ao entendimento humano; as ações dos sujeitos em suas vidas terrenas, insignificantes para alterar o destino por Ele previamente imposto a cada um; as ambições de quaisquer autoridades ou instituições em interpretar Suas vontades ou intermediar Suas relações para com os fiéis e a salvação destes, indignas de crédito; e, que Ele escolhia seus eleitos para promover com trabalho e pregação Seu plano para a humanidade, conduzindo os passos destes através da ação direta do Espírito Santo sobre suas almas, fazendo-os assim instrumentos de Seu poder e conferindo legitimidade implícita a suas condutas, ainda que em desacordo com governos temporais, doutrina que autorizava um comportamento antinomiano. Ao contrário, os anglicanos *High-Church* defendiam uma imposição estrita dos dogmas, hierarquia episcopal, ritos e sacramentos oficiais, a perseguição a dissidentes e não-conformistas e a disposição do Estado ao redor da preservação da supremacia da Igreja sob a proteção do monarca, cujas decisões deveriam ter força de lei por seu direito divino à Coroa, modelo que visava pautar o cotidiano social em suas várias dimensões práticas e ideológicas. Relevantes também se faziam as conjecturas morais de deístas e estóicos, acima discutidas, bem como a de hobbesianos, que entendiam ser a natureza humana fundamentalmente corrupta e as ações dos indivíduos guiadas antes de mais nada por paixões e

---

<sup>77</sup> Eram eles: Ato de Corporação (1661); Ato de Uniformidade (1662); Ato dos Conventículos (1664); Ato das Cinco Milhas (1665); e, os Atos de Teste (1673 e 1678). Suas provisões expulsavam os “não-conformistas” da Igreja anglicana, proibia reuniões de congregações dissidentes, impedia que os membros destas ocupassem cargos na administração pública, entre outros.

interesses egoístas, os quais, entrando em conflito uns com os outros, levavam inelutavelmente à guerra e ao sofrimento, sendo, portanto, mais desejável a submissão do comportamento em sociedade às ordens de um poder absoluto que garantisse a paz e a estabilidade, ainda que em contradição às crenças e valores pessoais do sujeito<sup>78</sup>.

O desenvolvimento dos paradigmas teológicos e morais latitudinários a partir da década de 1650 procura assim simultaneamente a crítica de seus rivais e a afirmação de uma alternativa que propusesse a vivência de uma fé, de valores, sentimentos e comportamentos fundados sobre parâmetros tangíveis, que não parecessem inalcançáveis a seus seguidores. Uma pressuposição que antecedia toda a construção conseguinte de seus argumentos contrapunha-se diretamente à concepção hobbesiana acerca da essência humana: longe de a crerem impecável, nela ressaltavam, não obstante, a concomitante existência de elementos cálidos, empáticos e benevolentes, que espontaneamente despertavam o desejo de conviver harmoniosamente com seus pares e, de todo modo, abriam caminho para sua perfectibilização. O clérigo Isaac Barrow (1630-1677), perguntava, por exemplo, em seu sermão *Da autoconfiança*:

“Não há para todos os homens em alguma medida, para alguns homens em um maior grau, uma generosidade inata, da mais amável e louvável a todos, que dispõe homens com suas próprias dores, riscos e detrimentos a socorrer e aliviar outros em dificuldade, a servir o público e promover o benefício da sociedade, ao que excessivamente observar o interesse privado se contraria à razão e à sabedoria da natureza?”<sup>79</sup>

Compartilhando da espécie de ataque latitudinário aos discípulos de Hobbes, Fielding afirma então na edição de 11 de dezembro de 1739 do *The Champion*:

“Aqueles que creditam ações aparentemente boas a causas más conseguem traçá-las apenas por via das curvas de seus próprios corações, e embora tentem traçar um desenho feio da natureza humana, eles devem necessariamente copiar a deformidade de suas próprias mentes.”<sup>80</sup>

Em outra passagem, diz ainda:

---

<sup>78</sup> cf. BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding’s art: a study of Joseph Andrews**. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 55-56; DUARTE, João. **O progresso do peregrino: religião e política na gênese do Iluminismo inglês**. 1.ed. Curitiba: Prismas, 2017, p. 156-159.

<sup>79</sup> *apud* BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding’s art: a study of Joseph Andrews**. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 16, tradução minha.

<sup>80</sup> Idem, p. 55, tradução minha.

“O descobridor da verdade, tendo revirado aquela latrina, sua própria mente, e sendo incapaz de traçar algum raio de divindade ou qualquer coisa virtuosa ou boa, ou amável, ou afetuosa, muito justa, honesta e logicamente conclui que tais coisas não existem na totalidade da criação.”<sup>81</sup>

A presença destas sementes de virtude, no entanto, não garantia por si só sua adequada maturação. Barrow apontava que “se bem administrados, se instruídos por boa disciplina, se guiados por bons exemplos, se vivendo sob a influência de leis sábias e governantes virtuosos”<sup>82</sup>, os indivíduos conseguiriam aflorá-las, sendo o pecado íntimo “da ausência de boa educação, da má conduta, maus costumes, maus exemplos”<sup>83</sup>. Fielding, em veia similar, asseverava na edição de 30 de abril de 1748 de *The Jacobite's Journal* que a educação

“pode servir a todos os bons propósitos, e [...] pode em tanto cultivar a mente humana, que toda semente de bem na natureza humana deva ser alavancada à completa perfeição e maturidade, enquanto tudo que seja de má tendência é cortado, e, como tal, arrancado pelas raízes da disposição jovial antes que se espalhe e seja fortalecido pelo tempo.”<sup>84</sup>

Devendo instrução e exemplos colaborar para fazer despontar nos sujeitos determinadas virtudes caras a esses teólogos e seus partidários, como piedade, compaixão, liberalidade, benevolência e ativa filantropia para com o próximo, elas haviam de ser locupletadas ainda pelo cristianismo e seu mandamento de caridade, definida por Fielding no *The Champion* de 27 de março de 1740 enquanto

“[...] aquela amável qualidade, que, como o Sol, brilha sobre todas as nossas demais virtudes, isto é, que nos capacita a atravessar todos os ofícios e estações da vida com real mérito. [...] Ela nos torna gentis sem medo, humildes sem ambições e beneficentes sem ostentação, e estende o poder, conhecimento, força e riquezas dos indivíduos para o bem do todo. [...] todas as demais virtudes sem alguma tintura disto podem bem serem chamadas *splendida peccata*.”<sup>85</sup>

Ainda que a caridade cristã dividisse com a simples boa natureza a exigência de uma prática altruísta, desinteressada do bem - Barrow descreve a “verdadeira religião” como “uma boa compleição interior de mente exercendo-se em obras de

---

<sup>81</sup> Idem, p. 55-56, tradução minha.

<sup>82</sup> Idem, p. 16, tradução minha.

<sup>83</sup> Idem, p. 16, tradução minha.

<sup>84</sup> Idem, p. 62, tradução minha.

<sup>85</sup> Idem, p. 75, tradução minha.

verdadeira devoção e caridade”<sup>86</sup>, enquanto John Tillotson (1630-1694), outro importante pregador latitudinário, entende que “O conhecimento da religião é apenas com fins de praticá-la, e um artigo ou proposição de fé é algo fútil se não produz tais ações quanto a crença em uma proposição requer”<sup>87</sup> -, ela superava-a ao exigir algo além, qual seja, a disposição a perdoar as injúrias, desde que não representassem um perigo ao bem-estar coletivo - como exposto em citação anterior, “a boa natureza [...] não proíbe a vingança de uma ofensa”, lição que caberia à revelação cristã. Não apenas isso, o literato expõe em *Amelia* (1751) uma outra fonte para a eficácia da religião na reforma de sentimentos e comportamentos:

“Se os homens agem, como eu acredito que o façam, de suas paixões, seria justo concluir verdadeira aquela religião que se aplica imediatamente às mais fortes dessas paixões, a esperança e o medo, escolhendo antes confiar em suas recompensas e punições que naquela beleza nativa da virtude que alguns dos filósofos antigos acharam apropriado recomendar a seus discípulos.”<sup>88</sup>

Uma discordância de ordem prática para com os deístas se anuncia aí: de acordo com Battestin, teólogos como Samuel Clarke (1675-1729) consideravam que uma moralidade fundada sobre a “beleza natural da virtude” e a “eterna adequação das coisas” seria viável somente em circunstâncias ideais, em tempos e mentes generosos, embora “em um mundo confuso e corrompido pela fraqueza e os maus costumes, o estímulo mais poderoso de futuras recompensas e punições fosse requerido”<sup>89</sup>. Em outros termos, a religião deveria preencher a insuficiência das forças autônomas do indivíduo e constrangê-lo a evitar excessos ou faltas - bem recorda João de Azevedo e Dias Duarte, virtudes de suma importância no pensamento latitudinário eram também a sobriedade e a moderação, “um comportamento moderado e decoroso, congruente com a posição do indivíduo na hierarquia social divinamente instituída”<sup>90</sup>, em paráfrase de Edward Fowler (1632-1714), em suma, um comportamento “civil”. Ainda assim, a obediência aos mandamentos da fé sem um genuíno apego aos

---

<sup>86</sup> Idem, p. 20, tradução minha.

<sup>87</sup> Idem, p. 20, tradução minha.

<sup>88</sup> Idem, p. 64, tradução minha.

<sup>89</sup> Idem, p. 17, tradução minha.

<sup>90</sup> DUARTE, João. **O progresso do peregrino: religião e política na gênese do Iluminismo inglês**. 1.ed. Curitiba: Prismas, 2017, p. 78.

semelhantes, o envolvimento em suas alegrias e sofrimentos e a promoção de seu bem-estar nada mais seria do que formalismo vazio, hipocrisia pouco capaz de gerar uma harmonia social duradoura - qualquer projeto que ambicionasse produzir uma felicidade e fraternidade sólidas não poderiam dispensar a prevalência de uma capacidade de empatizar com o próximo e se enredar na trama coletiva, o cultivo de emoções construtivas, a serviço do bem comum, mesmo que filtradas por uma faculdade crítica que as impedisse de cair em um sentimentalismo vulgar que acanhasse o ímpeto de punir apropriadamente atos que transgredissem esse ideal social. A nível ilustrativo, percebe-se a reação do pastor Adams ao presenciar a felicidade de Joseph e Fanny ao se reencontrarem após longa separação: “Alguns filósofos talvez se perguntem se ele não seria o mais feliz dos três, já que a bondade de seu coração gozava as benesses que exultavam no peito dos outros dois juntamente com as suas próprias”<sup>91</sup>. Constata-se aí a oposição feita aos estóicos: o desprezo destes pelos sentimentos e experiências mundanas, incluindo aqueles valorizados pelos latitudinários, como a benevolência, a caridade, entre outros, era tomado, nas palavras de Tillotson, como “uma marca da maior degeneração e depravação da natureza humana”<sup>92</sup>. Não somente, consideravam-na não mais que uma abstração irrealizável - “tão extravagante e impraticável, pois eles a conceberam não de acordo com a real natureza do homem tal como existe no mundo, mas de acordo com uma ideia formada em suas próprias imaginações”<sup>93</sup>, diz Barrow. Este último ponto, sobretudo, faz-se ver com clareza em *Joseph Andrews* na reação do pastor Adams à notícia equivocada de que seu filho teria morrido afogado, traíndo seus reiterados conselhos a Joseph ao longo de suas aventuras de que este se conformasse tranquilamente ao destino lhe imposto pela Providência. Por exemplo, no episódio em que são rendidos e amarrados pelos comparsas de um fidalgo que sequestrara Fanny e desejava violá-la, interpõe-se o clérigo às lamúrias de seu amigo com o seguinte conselho:

“[...] é o dever de um homem e de um cristão invocar a razão o quanto antes em seu auxílio, e ela logo lhe ensinará paciência e submissão. Conforte-se portanto, meu filho,

---

<sup>91</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 199.

<sup>92</sup> *apud* BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding's art: a study of Joseph Andrews**. 1. ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 15, tradução minha.

<sup>93</sup> Idem, p. 15, tradução minha.

conforte-se, eu digo. [...] você deve considerar que é cristão, que nenhum acidente nos ocorre sem a permissão divina e que é o dever de um homem, e muito mais de um cristão, submeter-se. Nós não fizemos a nós mesmos; mas o mesmo poder que nos fez impera sobre nós, e estamos absolutamente a seu dispor; ele pode fazer conosco o que lhe aprouver, e não temos o menor direito de nos queixar.”<sup>94</sup>

Ainda imediatamente antes da entrada do mensageiro com a informação do suposto acidente com o menino, termina ele uma longa reprimenda à ansiedade de Joseph em logo obter uma licença para casar com sua noiva com a exortação de que

“[...] nenhum cristão deve afeiçoar-se a pessoa ou coisa alguma deste mundo salvo se for capaz, no momento em que ela lhe for requerida ou arrebatada de alguma forma pela divina Providência, de pacata, tranquila e resignadamente desfazer-se dela.”<sup>95</sup>

Ao ouvir as más notícias, entretanto, reage “a pisar fundo pela sala e a deplorar sua perda com a mais amarga agonia”<sup>96</sup>, chorando e lamentando com pesar a tragédia. À descoberta do engano, com a súbita aparição do garoto correndo ensofado, “A alegria do pastor era então tão extravagante como fora antes sua mágoa; beijou e abraçou o filho mil vezes, e saiu dançando pela sala como um destrambelhado”<sup>97</sup>.

Em tudo isso, percebe-se algumas características essenciais do latitudinarismo. Primeiramente, concebiam no cristianismo uma religião eminentemente prática, de nada importando a profissão de dogmas ou a atenção a cerimônias se desacompanhadas de uma promoção altruísta da felicidade do próximo - para Fowler, “o principal desígnio do Evangelho é tornar os homens bons; não intoxicar os seus cérebros com ideias ou preencher suas cabeças com um sistema de opiniões, mas reformar as suas vidas e purificar a sua natureza”<sup>98</sup>. Ademais, entendiam dever ser ele uma ferramenta para a preservação da harmonia e tranquilidade social, não menos pela leitura de que as guerras civis haviam sido causadas por “um espírito religioso intolerante e belicoso”<sup>99</sup>. Por fim, buscavam fundar as bases de sua teologia e moral sobre princípios racionais

<sup>94</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 301.

<sup>95</sup> Idem, p. 345.

<sup>96</sup> Idem, p. 345.

<sup>97</sup> Idem, p. 346.

<sup>98</sup> *apud* DUARTE, João. **O progresso do peregrino: religião e política na gênese do Iluminismo inglês**. 1.ed. Curitiba: Prismas, 2017, p. 75.

<sup>99</sup> DUARTE, João. **O progresso do peregrino: religião e política na gênese do Iluminismo inglês**. 1.ed. Curitiba: Prismas, 2017, p. 72-73.

de caráter pragmático, considerando de segundo plano elucubrações metafísicas ou dogmáticas ou a observância rigorosa de ritos para além de questões mínimas que estivessem previstas nas Escrituras ou pudessem ser universalmente consentidas, sugerindo em lugar destas uma postura tolerante e flexível, ou, da origem da designação, certa “latitude” em temas doutrinários<sup>100</sup>. Destas premissas decorrem suas objeções aos *High-Church* e puritanos antinomianos. No caso destes, aos quais nutriam (bem como aos hobbesianos) especial antipatia, atacavam sua obstinação fanática por teses pelas quais dispunham-se a subverter a paz, a ordem e o respeito a costumes inofensivos que contribuíam à boa convivência da comunidade, e que o latitudinarismo considerava fantasiosas, derivadas da superstição, da imaginação e do engano, às quais, como discutido na seção anterior, imputava explicações de cunho médico e moral. Particular desprezo dirigiam à doutrina da justificação pela fé e a pouca importância a que esta sujeitava as boas ações enquanto condição para a salvação - “O que pensam vocês então se eu lhes disser que serão justificados apenas pela fé em Jesus Cristo, sem qualquer consideração por ações ou comportamentos já testemunhados em nós? Pois a salvação é o presente generoso de Deus”<sup>101</sup>, pregava Whitefield. Vimos igualmente na primeira seção a crítica contundente que a esta Fielding dirige através do pastor Adams, no discurso por ele proferido em sua conversa com o pastor Barnabas, valendo ainda assim recuperar uma colocação irônica que bem sintetiza a posição latitudinária diante da questão: “Senhor, é verdade que jamais obedeci a um único de teus mandamentos; mas não me punas, pois acredito em todos eles”<sup>102</sup>. Quanto aos *High-Church*, embora com eles compartilhassem o desejo de uma Igreja nacional unificada e, de qualquer forma, pregassem, em vista da necessidade de manter a estabilidade social, a obediência aos ritos e preceitos oficiais, discordavam de seu apego excessivo ao que consideravam mero formalismo, sua intransigência na imposição de verdades e cerimônias e sua recusa a reconhecer a necessidade de reformas que mitigassem a aversão ao clero que encontrava-se disseminada no seio da sociedade inglesa, fruto de corriqueiras denúncias de abusos, avaria,

---

<sup>100</sup> Idem, p. 71-73.

<sup>101</sup> *apud* BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding’s art: a study of Joseph Andrews**. 1. ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 23, tradução minha.

<sup>102</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 128.

hipocrisia, ignorância, corrupção, indulgência, vaidade, orgulho e diversos outros males que o assolavam. Em edição do *The Champion*, Fielding afirma, referindo-se tanto a metodistas quanto aos *High-Church*, que “A religião e as leis foram adulteradas com tantas cerimônias desnecessárias e impertinentes que elas têm sido muito frequentemente afundadas em dúvida e obscuridade”<sup>103</sup>. Enquanto isso, em *Joseph Andrews*, responde o pastor Adams ao ortodoxo Barnabas:

“[...] se o sr. Whitefield não houvesse levado sua doutrina para além do que o senhor menciona, eu continuaria, como fui outrora, seu simpatizante. Eu próprio sou um tão grande inimigo do luxo e do esplendor do clero como ele pode ser. E pelo florescente estado da Igreja não entendo, mais do que ele, os palácios, equipagens, vestes, mobília, ricos regalos e vastas fortunas de seus ministros. É certo que tais coisas, que sabem tão intensamente a este mundo, não convêm aos servos de alguém que professava não ser deste seu reino.”<sup>104</sup>

De fato, o estilo de vida do pastor Adams coincide com o aquilo que prega. Dando aulas e pregando em quatro igrejas diferentes<sup>105</sup> para complementar sua renda anual de vinte e três libras, insuficiente para sustentar sua esposa e seis filhos<sup>106</sup>, vestindo há dez anos uma sotaina rasgada ao saltar uma cerca<sup>107</sup> e, no todo, incapaz de “fazer grande figura”<sup>108</sup>, sua pobreza não impede, contudo, sua boa natureza de conduzi-lo ao exercício das virtudes da caridade e da benevolência, estando sempre disposto a compartilhar o pouco que possui ou empregar suas energias para auxiliar os necessitados, jamais se desviando dos imperativos lhe impostos para com a religião e seu curato por sua ocupação, ainda que para potencial malefício a si e sua família. Ao ouvir os gritos desesperados de uma mulher que sofria uma tentativa de estupro (a qual acabaria por ser Fanny, embora não soubesse disso em um primeiro momento), ele prontamente se dirige a seu socorro e não hesita em se engalfinhar com o criminoso, à revelia das advertências do cavalheiro que o acompanhava de que “[...] os bandidos estão muito provavelmente munidos de pistolas carregadas com balas [...]”<sup>109</sup>. Mais adiante, quando Joseph e Fanny visitam-lhe em sua casa, logo

<sup>103</sup> *apud* BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding’s art: a study of Joseph Andrews**. 1. ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 98, tradução minha.

<sup>104</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 127-128.

<sup>105</sup> *Idem*, p. 179.

<sup>106</sup> *Idem*, p. 74.

<sup>107</sup> *Idem*, p. 208.

<sup>108</sup> *Idem*, p. 74.

<sup>109</sup> *Idem*, p. 181.



a serve um pedaço de toucinho e “uma caneca com uma água choca a que chamava cerveja”<sup>110</sup> quando descobre que ela estivera em jejum toda a manhã, embora fosse o “único resquício de sua provisão”<sup>111</sup>, para desgosto da família: “[...] é muito duro que o senhor traga estranhos aqui para tirar a comida da boca de seus filhos. O senhor os tem sustentado desde que eles voltaram para casa; e, por tudo o que eu saiba em contrário, pode sustentá-los por mais um mês”<sup>112</sup>, reclama sua filha mais velha, ecoando a mãe. Já quando Lady Booby, tomada de ciúme e cupidez por Joseph, ameaça procurar seu superior para pedir seu afastamento do curato caso levasse à frente os procedimentos para o casamento do jovem casal, responde que

“[...] eu não sei o que sua senhoria entende pelos termos *mestre e serviço*. Eu me acho a serviço de um mestre que jamais me descartará por cumprir meu dever. E se o doutor (pois é verdade que nunca pude pagar por uma licença) houver por bem me dispensar de meu curato, Deus espero há de prover-me um outro. Pelo menos minha família, como eu também, temos mãos, e Ele favorecerá, não duvido, nossos esforços por ganhar o pão honestamente com elas. Enquanto minha consciência estiver pura, nunca temerei o que o homem possa fazer-me.”<sup>113</sup>

O idealismo e retidão ingênuos de Adams, sua incansável dedicação ao que considerava o papel de um religioso e de uma pessoa decente, de modo geral, conquanto frequentemente acabassem por colocá-lo em apuros, faziam-no, entretanto, adorado por sua paróquia, que nele reconheciam a dignidade com que devia se portar alguém em sua posição:

“[...] quão mais intensamente não operou o afeto que tinham pelo pastor Adams sobre todos os que assistiram ao seu retorno? As pessoas se aglomeravam à sua volta como crianças devotas ao redor de um pai indulgente, e concorriam umas com as outras em demonstrações de zelo e amor. O pastor, por seu turno, apertava a mão a todo mundo e se informava com amabilidade da saúde de todos os que estavam ausentes, e de seus filhos e parentes, e expressava no rosto uma tal satisfação que nada, exceto a benevolência alegrada por seus objetos, poderia infundir.”<sup>114</sup>

A decisão de tornar Adams o parágon moral da obra, a representação mais bem acabada dos valores que nela se buscava transmitir, não se dá por acaso: declara Fielding no Prefácio que “nenhum outro ofício lhe teria dado

---

<sup>110</sup> Idem, p. 344.

<sup>111</sup> Idem, p. 344.

<sup>112</sup> Idem, p. 358.

<sup>113</sup> Idem, p. 321-322.

<sup>114</sup> Idem, p. 315.

tantas oportunidades de demonstrar suas dignas inclinações”<sup>115</sup>. A preservação da reverência do povo ao clero consistia para o autor um ponto indispensável no resguardo do bem-estar da sociedade, ao que este constituía a pedra angular no fornecimento de exemplos, no cuidado das almas e na distribuição de benesses em tempos difíceis. O total investimento do pastor na vida espiritual, portanto, ao que engendrava um elogio ao valor da Ordem e projetava um modo de ser adequado a seus membros, postulava simultaneamente um contraste e uma censura àqueles clérigos que, desviando-se de seus deveres, despertavam a aversão da população, retratados aqui principalmente nos pastores Barnabas e Trulliber. O primeiro é um autoindulgente, vaidoso, bajulador e incompetente *High-Church*, inapto a zelar pela salvação das almas dos fiéis, como quando falha em conduzir Joseph, a quem se supunha estar em seu leito de morte, ao perdão dos ladrões que o assaltam logo no início de sua viagem, antes apressando-se em terminar as preces, pois “[...] aguardavam-no certos convivas no saguão abaixo, onde os ingredientes do ponche estavam todos preparados [...]”<sup>116</sup>. O outro, mais extremo exemplo de corrupção clerical, é rude, ignorante, violento, mercenário, hipócrita e mesquinho e emprega a maior parte do seu tempo cuidando de suas terras e criações de animais<sup>117</sup>, negligenciando assim suas responsabilidades pela paróquia, onde “[...] todos viviam com o maior medo e apreensão dele”<sup>118</sup>, além de rejeitar a necessidade da vivência ativa dos mandamentos preconizados nas Escrituras, tomando-os como assunto de mera contemplação mental. Em seu diálogo com o primeiro, Adams vai além de afirmar concepções como a necessidade de que o clero mantenha-se humilde, longe de luxo e opulência, ou centralidade do cultivo de sentimentos virtuosos e da prática de boas ações na vivência adequada da fé - “um turco ou pagão bom e virtuoso é mais admissível às vistas de seu criador do que um cristão vicioso e perverso, ainda que sua fé seja tão perfeitamente ortodoxa quanto a do próprio São Paulo”<sup>119</sup> -, tecendo um feroz ataque ao autoritarismo e à intransigência doutrinal de anglicanos ortodoxos, em detrimento das verdadeiras finalidades fraternais e comunitárias da religião:

---

<sup>115</sup> Idem, p. 66.

<sup>116</sup> Idem, p. 109.

<sup>117</sup> A legislação inglesa proibia a prática aos religiosos, para não afastá-los de suas obrigações espirituais.

<sup>118</sup> Idem, p. 212.

<sup>119</sup> Idem, p. 128.

“[...] se pelo clero o senhor entende uns poucos indivíduos facciosos e maquinadores, que têm por meta implantar seus esquemas favoritos ao custo da liberdade do homem e da própria essência da religião, não está no poder de tais pessoas aviltar qualquer livro; testemunha-o aquele excelente livro chamado *Um Relato Singelo da Natureza e dos Fins do Sacramento* [do clérigo latitudinário Benjamin Hoadly]; um livro escrito (se posso arriscar a expressão) com a pena de um anjo, e calculado para restaurar o verdadeiro uso do cristianismo e daquela sagrada instituição: pois o que melhor tenderia aos nobres propósitos da religião do que reuniões alegres e frequentes entre os membros da sociedade, em que estes prometam, na presença uns dos outros e a serviço do Ser supremo, que serão bons, amistosos e benevolentes uns para com os outros?”<sup>120</sup>

Já em sua réplica a Trulliber, que, irado, recusa-se a emprestar-lhe um pouco de dinheiro para que possa, junto de seus companheiros, continuar a viagem de retorno a seu vilarejo, é incisivo:

“Lamento [...] que o senhor saiba o que é a caridade, já que não a pratica melhor; devo dizer-lhe que, se confia em seu saber para justificar-se, descobrirá que se equivoca, ainda que lhe ajunte a fê sem boas obras. [...] Pois as ordenações delas [das Escrituras] são tão explícitas, e as recompensas e punições tão imensas, que é impossível que um homem creia nelas firmemente sem obedecê-las. Agora, não há ordenação mais expressa nem dever mais frequentemente injungido do que a caridade. Todo aquele, portanto, que não tem caridade, não faço escrúpulo de afirmar que não é cristão.”<sup>121</sup>

Símbolo da caridade, virtude mais imperiosa do pensamento teológico e moral latitudinário, as boas propensões de Adams são, contudo, anteriores a qualquer estudo ou reflexão intelectual. Personagem quixotesco, descreve-se-o como

“[...] tão inteiramente ignorante dos modos deste mundo quanto uma criança recém-chegada a ele poderia ser. Como nunca tinha a intenção de enganar, nunca suspeitava esse desígnio em outrem. Era generoso, amigável e denodado ao extremo; mas a simplicidade era sua característica: ele não concebia [...] que paixões como a malícia e a inveja existissem na humanidade [...]”<sup>122</sup>

Sem saber distinguir os quinhões adequados às abstrações e especulações adquiridas através de sua vasta erudição, seu domínio de diversos idiomas e profundo conhecimento da filosofia e literatura clássicas<sup>123</sup> e ao pragmatismo por vezes exigido na dinâmica concreta do cotidiano social, vê-se sempre envolto em novas confusões, conveniente para explicitar a baixeza moral e os vícios dos

---

<sup>120</sup> Idem, p. 128.

<sup>121</sup> Idem, p. 211.

<sup>122</sup> Idem, p. 74.

<sup>123</sup> Idem, p. 73-74.

vários tipos sociais retratados por Fielding. Observe-se quando, diante de um estalajadeiro que justificava seu ceticismo quanto às inclinações do espírito humano a partir de várias experiências de pessoas e lugares em seus anos como marinheiro, o pastor desdenha de uma tal contingência, rebatendo que “[...] as viagens a que me refiro se dão nos livros, a única maneira de viajar pela qual se pode adquirir algum saber”<sup>124</sup>, indo além para dizer que “[...] se um homem navegar à roda do mundo e ancorar em todos os seus portos sem ter conhecimento, voltará para casa tão ignorante como partiu”<sup>125</sup>. Realmente, é ele o verdadeiro protagonista do cerne da obra, despontando nos capítulos finais do Livro I para ser o centro da maioria dos acontecimentos nos Livros II e III (em um total de quatro partes).

Seria um erro, no entanto, como indica Battestin, menosprezar a função moral do personagem-título, Joseph Andrews, e sua resoluta castidade<sup>126</sup>. Note-se que mais de uma vez, em periódicos, peças e romances, o autor condenou tanto o adultério quanto a relativa leniência da sociedade de seu tempo para com “[...] uma catástrofe quiçá bastante comum, e bastante cômica também, na história moderna, mas amiúde fatal para a tranquilidade e o bem-estar das famílias, sendo assunto de tantas tragédias tanto na vida como no palco”<sup>127</sup>. No *Covent-Garden Journal*, em outubro de 1752, por exemplo, declara:

“Eu posso ousar, sem temer a imputação de pedantismo ou rabugice, confrontar a opinião geral presente e questionar se o adultério é mesmo aquela matéria de piada e diversão que se concebe que seja, e se não seria decente e apropriado estabelecer alguma pequena punição por este vício em um país civilizado (mais ainda em um cristão).”<sup>128</sup>

Na obra aqui em questão, ademais, a conduta infiel do sr. Tow-Wouse, dono da estalagem na qual Joseph e Adams coincidentemente se encontram pela primeira vez, traz más consequências tanto para ele, que se vê obrigado a submeter-se a uma série de tarefas “em sinal de gratidão pela bondade da esposa em se reconciliar com ele, juntamente com muitas e encarecidas promessas de jamais

---

<sup>124</sup> Idem, p. 224.

<sup>125</sup> Idem, p. 224.

<sup>126</sup> BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding’s art: a study of Joseph Andrews**. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 113-114.

<sup>127</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 131.

<sup>128</sup> *apud* BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding’s art: a study of Joseph Andrews**. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 115, tradução minha.

voltar a ofendê-la de semelhante maneira”<sup>129</sup>, além de ter de resignar-se a ser recordado de sua falha pelo resto de seus dias, “como uma espécie de penitência”<sup>130</sup>, quanto para a jovem camareira Betty, com quem o ato se havia consumado, demitida de seu emprego<sup>131</sup>. Contudo, é na história de Leonora, contada por uma passageira que dividia um coche com o pastor Adams e a sra. Slipslop, que o potencial devastador de uma traição se revela plenamente. Apesar de seu noivado com Horácio, “[...] um jovem cavalheiro de boa família”<sup>132</sup>, bonito, altivo, espirituoso, bem-humorado e profissionalmente promissor, além de perdidamente apaixonado por ela, Leonora deixa-se encantar, às vésperas do matrimônio, pelo galante, fino e ostentoso Belarmino<sup>133</sup>, que, despertando sua vaidade ao preferi-la a todas as outras mulheres em um baile, assim como sua ambição, diante dos aparentes prospectos materiais, logo a convence a romper seu antigo compromisso e firmar um novo com ele em vez disso<sup>134</sup>. Com sua reputação na vizinhança cada vez mais em xeque pelas frequentes e longas visitas ao sujeito<sup>135</sup> (que convalescia após ser quase fatalmente baleado por Horácio, inconformado com seu preterimento)<sup>136</sup>, em desacordo aos conselhos de sua tia de que mantivesse uma prudente distância até a conclusão dos ofícios, acaba por se descobrir completamente arruinada quando Belarmino, interessado apenas, na verdade, no dote e fortuna de seu avaro pai, a abandona e retorna para a França, seu país-natal<sup>137</sup>, frustrado pela recusa de seu sogro em dividir com eles seus recursos financeiros antes da morte. Devastada, Leonora decide deixar a cidade e se recolher a uma casa distante, continuando solteira pelas décadas subsequentes e levando “uma vida desconsolada”<sup>138</sup>, apesar da persistência do amor por ela de um agora melancólico e endinheirado Horácio.

Através destes casos, podemos perceber o sentido mais amplo que detém a castidade no esquema moral de Fielding. Escreve ele na edição de 2 de fevereiro de 1739 do *The Champion*:

---

<sup>129</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 133.

<sup>130</sup> Idem, p. 133.

<sup>131</sup> Idem, p. 133.

<sup>132</sup> Idem, p. 150.

<sup>133</sup> Idem, p. 154-155.

<sup>134</sup> Idem, p. 155-158.

<sup>135</sup> Idem, p. 170-171.

<sup>136</sup> Idem, p. 160.

<sup>137</sup> Idem, p. 173-174.

<sup>138</sup> Idem, p. 174.

“A conquista de si mesmo é justamente preferida por homens sábios que a de exércitos e reinos. Isto é aquela coragem que é tão ardentemente recomendada em nossa religião, e que, por mais passiva que possa ser em relação aos outros, é extremamente ativa com respeito ao íntimo de alguém. Quem quer que cuidadosamente inspecione sua própria mente irá encontrar inimigos o suficiente para combater do lado de dentro; um exército de obstinadas paixões o manterá em uma disputa acirrada, irá com frequência obrigar sua razão a recuar; e caso elas sejam a longo prazo subjugadas, não será sem muito trabalho e resolução.”<sup>139</sup>

Assim sendo, a castidade estava no âmbito de uma capacidade de disciplina, de temperança governada por uma faculdade racional desenvolvida a ponderar e afastar o indivíduo de prazeres efêmeros, impetuosos, que, entretanto, poderiam infligir danos profundos a ele e à sociedade e o afundariam em uma vida pecaminosa. Mais ainda, uma tal dose de sobriedade era indispensável a uma tal moralidade prática e benevolente, que, não se deixando levar por grandes arroubos emocionais, não incorresse no risco de pôr a ordem e o bem-estar dos demais por conta de comoções momentâneas. Consistia assim em um ideal de constância a regular a relação do sujeito com si próprio e as esferas de convivência social como um todo, além de “antítese às luxúrias e intrigas modernas da alta sociedade”<sup>140</sup>, ao comportamento de libertinos como o sobrinho de Lady Booby, o dândi Didapper. Por mais que Fielding não ignore a fragilidade de uma tal qualidade mesmo em pessoas valorosas - a camareira Betty não deixa de ter “boa natureza, generosidade e compaixão”<sup>141</sup>, e o próprio Joseph, frente às investidas iniciais de sua senhora, admite depois que “[...] por um instante quase me esqueci de quantas palavras o pastor Adams jamais me disse”<sup>142</sup> - e esteja disposto, seguindo o imperativo da caridade, a perdoar determinados deslizes, não se deve relevar, contudo, a sua importância dentro de um paradigma em que uma virtude verdadeira e completa não pode prescindir de dimensões práticas.

Ademais, há um outro fator importante na resistência de Joseph a suas pretendentes, principalmente Lady Booby, qual seja, seu caráter sincero e desinteressado. Apesar de sua criação em família humilde (“Quanto a seus

---

<sup>139</sup> *apud* BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding’s art: a study of Joseph Andrews**. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 117, tradução minha.

<sup>140</sup> BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding’s art: a study of Joseph Andrews**. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 118, tradução minha.

<sup>141</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 131.

<sup>142</sup> *Idem*, p. 96.

ancestrais, pesquisamo-los com grande dificuldade mas pouco sucesso, tendo sido incapazes de traçá-los para além de seu bisavô [...]”<sup>143</sup>) e pobreza - como resume a sra. Slipslop, por conta de seu baixo salário, que ainda por cima dividia igualmente com seus pais, “[...] quando a libré de sua senhoria lhe foi tirada, ele não tinha com que comprar um casaco, e teria saído pelado se um dos lacaios não lhe tivesse *prevenciado* um”<sup>144</sup> -, não se deixa seduzir pelos potenciais ganhos materiais e sociais que o envolvimento com uma rica viúva da aristocracia rural poderiam lhe representar, antes mantendo-se firme nas lições e exemplos de virtude do pastor Adams e de sua irmã, Pamela Andrews (“[...] deve-se inteiramente aos excelentes sermões e conselhos dele, juntamente com suas cartas, o ter eu sido capaz de resistir a uma tentação [...]”<sup>145</sup>), na esperança de “[...] resolução e graça suficientes para não me desfazer de minha virtude por dama alguma sobre a terra”<sup>146</sup>, movido também pelo desejo de consumir seu amor puro, inocente e verdadeiro com a também pobre, bela e casta Fanny.

Apesar de exemplificarem a “soma dos deveres do indivíduo para com Deus, a sociedade e si mesmo”<sup>147</sup>, Joseph e Adams não deixam de possuir defeitos ou errar. Este demonstra-se algo orgulhoso ao falar de seus sermões - “E eu creio que há alguns entre os meus discursos [...] que os bispos não julgariam de todo indignos de ser impressos; e fui informado de que poderia alcançar uma soma bem alta (na verdade uma soma imensa) com eles”<sup>148</sup> - ou de seus talentos como professor - “[...] não me considero o segundo de ninguém, *nullis secundum*, no ensino de tais coisas, de maneira que um menino pode adquirir tanto saber na educação privada como na pública”<sup>149</sup> -; o outro, por exemplo, mostra-se pouco disposto a perdoar seus assaltantes, afirmando que “[...] se me ocorresse encontrá-los de novo, temo que os atacaria e aliás os mataria se pudesse”<sup>150</sup>. De fato, assim Fielding justificava em *Tom Jones*, em vista de seus fins reformistas, a opção por personagens mistas, detentoras tanto

---

<sup>143</sup> Idem, p. 71.

<sup>144</sup> Idem, p. 318.

<sup>145</sup> Idem, p. 96.

<sup>146</sup> Idem, p. 96.

<sup>147</sup> BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding’s art: a study of Joseph Andrews**. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 116, tradução minha.

<sup>148</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 123.

<sup>149</sup> Idem, p. 270.

<sup>150</sup> Idem, p. 109.

de virtudes quanto defeitos:

“[...] cumpre-nos avisar-te, meu digno amigo (pois, talvez seja o teu coração melhor do que a tua cabeça), que não condenes como má uma personagem por ser perfeitamente boa. Se te comprazem modelos de perfeição, há livros em quantidade para te satisfazerem o gosto; mas como, no curso de nossa conversação, nunca topamos com pessoa alguma nessas condições, não quisemos apresentar aqui nenhuma delas. Para dizer a verdade, duvido um pouco de que um simples mortal já tenha alcançado esse grau consumado de excelência, assim como duvido de que já tenha existido um monstro suficientemente mau para verificar aquele *nulla virtute redemptum a vitiis* de Juvenal; nem vejo, em realidade, quais os bons resultados que se obtêm ao inserir personagens tão angelicamente perfeitas ou tão diabolicamente maldosas em obras de ficção; visto que, ao contemplar qualquer uma delas, o espírito humano é mais capaz de se deixar esmagar de tristeza e de vergonha que de tirar algum proveito desses paradigmas; pois, no primeiro caso, há de afligi-lo e vexá-lo encontrar um exemplo de excelência em sua natureza que não lhe é possível esperar, razoavelmente, alcançar algum dia; e, ao contemplar o último, pode experimentar as mesmas sensações desagradáveis vendo degradada em tão odiosa e detestável criatura a natureza de que ele próprio comparte. Com efeito, se houver num caráter bondade suficiente para aliciar a admiração e o afeto de um espírito favorável, embora haja também alguns desses pequenos defeitos *quas humana parum cavit natura*, estes nos despertarão antes a compaixão que o ódio. Nada, a bem dizer, pode ser de maior utilidade moral do que as imperfeições que se vêem nos exemplos desse gênero; visto que constituem uma espécie mais capaz de afetar e impressionar os nossos espíritos do que os defeitos de pessoas muito viciosas e perversas. As fraquezas e os vícios dos homens em que há uma grande mistura de bem tornam-se mais notórios quando contrastados com as virtudes que lhes patenteiam a deformidade; e, quando verificamos que esses vícios são acompanhados de suas más conseqüências para as nossas personagens favoritas, aprendemos não só a evitá-los, por amor de nós mesmos, senão também a detestá-los pelos danos que já causaram àqueles que amamos.”<sup>151</sup>

Dois pontos não de ser especialmente destacados dessa longa exposição para os objetivos aqui perseguidos: primeiro, a reafirmação de uma moralidade pragmática, alicerçada sobre valores e padrões de comportamentos tangíveis, realistas, aos quais os sujeitos possam almejar de modo sensato, e que tolere, compreenda e perdoe as imperfeições do espírito humano; em seguida, o acentuado contraste que a virtude faz marcar com o vício, tornando-a ainda mais admirável, enquanto a este, mais repulsivo. Dessa feita, as eventuais falhas dos protagonistas de *Joseph Andrews* não apenas servem para ressaltar suas compleições em geral bondosas e afirmá-los como exemplares morais palpáveis, mas da mesma forma para amplificar a ojeriza dos leitores aos grandes males que o autor alega ridicularizar e denunciar na obra, a vaidade e a hipocrisia.

Ainda assim, conquanto o Prefácio busque distingui-las e até conceda maior reprovação à segunda, alegando que a primeira ao menos

---

<sup>151</sup> FIELDING, Henry. **Tom Jones**. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 454-455, tradução de Sandra Vasconcelos.



“[...] não implica uma negação absoluta das qualidades que são afetadas; [...] embora o vaidoso não seja o que pretende parecer ou não tenha a virtude que afeta no grau que espera lhe creditem”<sup>152</sup>, Battestin argumenta que “Na prática, entretanto, o objeto da furiosa indignação de Fielding era simplesmente o egoísmo em suas várias manifestações, uma qualidade que era para ele geralmente sinônima com vaidade”<sup>153</sup> - no paralelo feito pelo sr. Wilson,

“[...] a vaidade é a pior das paixões, e está mais apta a contaminar a mente do que qualquer outra. Pois assim como o egoísmo é muito mais geral do que nos apraz admitir, outrossim é natural detestarmos e invejarmos aqueles que se interpõem entre nós e o bem que desejamos.”<sup>154</sup>

Sua repulsa a tal disposição se dá a ver também na edição de 15 de abril de 1740 do *The Champion*, em que afirma que “Nenhuma paixão tem tanta ascendência na composição da natureza humana quanto a vaidade”<sup>155</sup>, estando mesmo “no fundo da maioria das vilanias, e a causa da maior parte das misérias humanas”<sup>156</sup>. Mais além, constata-se em um discurso do narrador a flexibilidade (e severidade) que aplica ao termo:

“Ó vaidade! Quão pouco não é tua força reconhecida, ou tuas operações discernidas? Quão temerariamente não enganas a humanidade sob diversas guisas? Por vezes usas a máscara da piedade, por vezes a da generosidade; não o bastasse, tens a impudência até mesmo de envergar aqueles gloriosos ornamentos que só pertencem à virtude heroica! Monstro odioso e disforme, que sacerdotes censuraram, filósofos desdenharam e poetas ridicularizaram: haverá infeliz tão desolado que admita conhecer-te em público? E todavia quão poucos se recusam a acolher-te quando a sós? Mais: és o cuidado da maior parte dos homens ao longo da vida. As maiores vilanias se cometem diariamente para aprazer-te: nem o mais vil ladrão, nem o mais excelso herói, estão acima de tua atenção. Teu amplexo é com frequência a única meta e a recompensa única do roubo privado e da província pilhada. É para adular-te, ó vadia, que tentamos arrancar aos outros aquilo de que não carecemos, ou privá-los daquilo de que eles carecem. Todas as nossas paixões são tuas escravas. A própria avareza amiúde não é mais do que tua aia, e mesmo a luxúria é tua alcoveta. O truculento medo, feito covarde, foge à tua vista, e a alegria e a tristeza cobrem a cabeça em tua presença.”<sup>157</sup>

---

<sup>152</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 64.

<sup>153</sup> BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding's art: a study of Joseph Andrews**. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 52, tradução minha.

<sup>154</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 255.

<sup>155</sup> *apud* BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding's art: a study of Joseph Andrews**. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 52, tradução minha.

<sup>156</sup> *Idem*, p. 52.

<sup>157</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 116-117.

Raiz de todos os outros males, em suma, a vaidade acarreta na rendição à perseguição indiscriminada da satisfação de apetites e caprichos pessoais, ainda que causando sofrimento ou engano a outros indivíduos ou mesmo comunidades, logo residindo em diametral oposição às injunções de benevolência, piedade, caridade e temperança que subsidiavam o romance. Sob o amplo guarda-chuva da expressão em tal acepção, pode-se, então, agrupar a quase inteireza das personagens reprováveis, em maior ou menor grau, por quem Joseph, Adams e Fanny são submetidos a desafios e contratempos, e mesmo avançar na direção de ser a batalha destes pela conservação de suas integridades e boas naturezas em meio às agressões e tentações sofridas o tema que move e dá coesão a um enredo de outro modo esparso e episódico: o predomínio das inclinações sensuais sobre a razão de Lady Booby a leva a expor-se diante de seu criado<sup>158</sup>, demiti-lo injustamente quando de sua rejeição<sup>159</sup> (o que acaba por dar início à série de aventuras subsequentes) e, mais tarde, tentar impedir seu casamento<sup>160</sup>; a sra. Slipslop igualmente vê-se subjugada pela luxúria<sup>161</sup> (embora não dirigida somente a Joseph, como quando de seu avanço sobre o pastor Adams após uma enorme confusão envolvendo o dândi Didapper<sup>162</sup>) e pelo rancor derivado de seus insucessos, além de sua tentativa de projetar erudição, fazendo-a afetar a pronúncia de palavras difíceis<sup>163</sup>, que pronunciava, em geral, erroneamente; a sra. Tow-Wouse demonstra insensibilidade às dores de um ferido e agonizante Joseph, a quem, avarenta, julgava não mais que um mendigo<sup>164</sup>, até mudar radicalmente sua atitude ao se convencer de que o rapaz seria em verdade um cavalheiro abastado<sup>165</sup>; o fidalgo libertino, preguiçoso e beberrão e seus amigos, “[...] um velho oficial de meio soldo, um ator, um poeta sem graça, um médico de araque, um rabequista arranhador e um manco mestre de dança alemão”<sup>166</sup>, incitam seus cães de caça a avançar sobre Adams e Joseph apenas por diversão<sup>167</sup>, embebedam e humilham o clérigo por entretenimento, submetendo-o

---

<sup>158</sup> Idem, p. 80-81.

<sup>159</sup> Idem, p. 92.

<sup>160</sup> Idem, p. 320-324.

<sup>161</sup> Idem, p. 84-85.

<sup>162</sup> Idem, p. 368.

<sup>163</sup> Idem, p. 76.

<sup>164</sup> Idem, p. 105-106.

<sup>165</sup> Idem, p. 114.

<sup>166</sup> Idem, p. 282.

<sup>167</sup> Idem, p. 277.

a várias zombarias<sup>168</sup>, e, finalmente, confabulam para sequestrar Fanny, que despertara o desejo do primeiro<sup>169</sup>; entre diversos outros exemplos que se poderia apontar.

Finalmente, é preciso analisar o episódio do sr. Wilson, interpretado por Battestin como o “centro filosófico, bem como estrutural, de *Joseph Andrews*, compreendendo uma espécie de epítome sinedóquica do significado e movimento do romance”<sup>170</sup>. Espelhando o enredo maior, que alegoriza moralmente a saída de Joseph da corrupta Londres, “um lugar ruim”<sup>171</sup> onde “há tão pouco companheirismo que vizinhos de porta não se conhecem”<sup>172</sup>, fazendo-o mesmo afetar seu comportamento a ponto de tornar-se “mais alinhado e mais galhardo do que qualquer dos janotas da cidade, com ou sem libré”<sup>173</sup>, para a “relativa naturalidade e simplicidade do campo”<sup>174</sup>, a narração de sua biografia permite, não obstante, uma longa exposição dos vícios da capital, símbolo máximo para Fielding de vaidade e egoísmo, bem como seu julgamento pelo pastor Adams<sup>175</sup>, indispensável em uma obra de propósitos reformistas. Adentrando-a “com pouco menos de dezessete anos”<sup>176</sup> e sem mentoria (ao contrário, portanto, do protagonista), as tentativas do jovem Wilson de integrar-se aos círculos da alta sociedade urbana rapidamente conduzem-no a uma cultura de gastos fúteis e perdulários, intrigas, modismos (“tornei-me logo mestre das frases da moda, aprendi a exaltar os passatempos da moda e conheci os nomes e rostos dos homens e mulheres mais em moda”<sup>177</sup>), aparências, em suma, de ambição por reputação e admiração que constituiria uma das facetas da vaidade. Ao longo de seus anos aí, acaba por conviver com figuras como libertinos, meretrizes e beberrões, e grupos como o de livres-pensadores deístas (que, apesar de afirmarem a “falsidade daquele antiquíssimo mas simples princípio de que existe

---

<sup>168</sup> Idem, p. 282-288.

<sup>169</sup> Idem, p. 289.

<sup>170</sup> BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding’s art: a study of Joseph Andrews**. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 119, tradução minha.

<sup>171</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 83.

<sup>172</sup> Idem, p. 83.

<sup>173</sup> Idem, p. 78.

<sup>174</sup> BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding’s art: a study of Joseph Andrews**. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 89, tradução minha.

<sup>175</sup> Idem, p. 119-120.

<sup>176</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 243.

<sup>177</sup> Idem, p. 244.

um ser tal como a divindade no universo”<sup>178</sup> e estabelecerem em seu lugar “uma certa *regra do direito*, pela adesão à qual todos se alçaram à suma pureza moral”<sup>179</sup>, acabam por revelar-se adúlteros, caloteiros e mentirosos), envolvendo-se mesmo em difamações, incontinência sexual (chegando até a contrair doenças)<sup>180</sup>, jogatina e outras graves falhas - como a ruína de uma jovem bela, esforçada, modesta e inocente, a quem ele destrói o noivado e passa a sustentar, posteriormente introduzindo-a à companhia de “outras amantes mantidas, com as quais ela costumava jogar cartas e frequentar peças e outras diversões”<sup>181</sup>, mudanças de ares que transformam-na em “rapace por dinheiro, extravagante em excesso e licenciosa ao conversar”<sup>182</sup>, terminando pelo que tornou-se, após se separarem, “uma devassa perdida e, depois de ter sido por anos uma prostituta comum, encerrou enfim sua miserável vida em Newgate”<sup>183</sup>. Seu estilo de vida desgovernado acaba, contudo, por levá-lo à falência e a privações (“Minhas roupas ficaram rotas, meu crédito ruim, meus amigos e conhecidos de toda sorte frios”<sup>184</sup>), passando assim a empreendimentos fracassados ou mal-remunerados - como escrever uma peça<sup>185</sup> e redigir para um livreiro e advogados<sup>186</sup> -, à mendicância, à “espera e a dependência dos grandes”<sup>187</sup> e à esperança na loteria e na sorte<sup>188</sup> - chegando a vender um bilhete que mais tarde descobriria premiado para poder comprar alguma comida, sinal da “cegueira moral que o conduz ignorantemente pelas provações da prosperidade e adversidade até o eventual desespero e fá-lo erroneamente depositar sua confiança na Fortuna ao invés da Providência”<sup>189</sup>. Chegando ao ponto mais baixo de sua trajetória ao ser preso por dívidas, acaba por ser libertado pela generosidade de sua futura esposa, que havia recentemente recebido uma herança de seu pai, ato caridoso que desperta definitivamente a reforma de seu espírito:

---

<sup>178</sup> Idem, p. 254.

<sup>179</sup> Idem, p. 254.

<sup>180</sup> Idem, p. 247.

<sup>181</sup> Idem, p. 248.

<sup>182</sup> Idem, p. 248.

<sup>183</sup> Idem, p. 249. Newgate era uma prisão de Londres, notória por sua violência e más condições. Fielding viria a utilizá-la mais extensamente como cenário anos depois em *Amelia*.

<sup>184</sup> Idem, p. 256.

<sup>185</sup> Idem, p. 256.

<sup>186</sup> Idem, p. 257-258.

<sup>187</sup> Idem, p. 256.

<sup>188</sup> Idem, p. 258-259.

<sup>189</sup> BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding’s art: a study of Joseph Andrews**. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 48-49, tradução minha.

“Esforcei-me para expressar toda a gratidão que pude por essa profusão de bondade, embora ela fosse talvez minha inimiga e começasse a afligir minha mente com agonias maiores do que todas as misérias que eu sofrera; ela me afetava com reflexões mais severas do que a pobreza, o suplício e as prisões me tinham podido infligir em conjunto. Pois, meu senhor, esses atos e profissões de bondade, que bastariam para ter inspirado num bom coração a mais violenta amizade por alguém do mesmo sexo, ou pela idade e feiura no sexo oposto, vinham-me de uma mulher, uma jovem e bela mulher, cujas perfeições eu há muito conhecia, e por quem há muito albergava uma paixão violenta [...]. Em suma, eles me vinham unidos à beleza, à brandura e à ternura, e a tão cativantes sorrisos...”<sup>190</sup>

O impacto positivo que a mulher produz sobre os sentimentos e a moral do sr. Wilson, bem como sua descrição física, remetem a Fanny e seus efeitos sobre o autocontrole e a retidão de Joseph. Concluindo que “os prazeres do mundo eram sobretudo tolices, e os negócios, velhacarias, sendo ambos nada mais que vaidade”<sup>191</sup>, retira-se com sua família para “o sossego, a tranquilidade e o amor”<sup>192</sup> do ambiente rural, não deixando, contudo, de envolver-se na promoção do bem-estar de vizinhos e hóspedes<sup>193</sup>, condizente com as admoestações de pregadores como Hoadly, que, indica Battestin, concorda com a superioridade da vida no campo, desde que não implique no descumprimento de “nenhuma das obrigações devidas estritamente à sociedade humana”<sup>194</sup>.

Havendo estabelecido, desse modo, os fundamentos teológico-morais latitudinários subjacentes a *Joseph Andrews*, seus elementos mais importantes - o caráter eminentemente prático e social, o cultivo da boa natureza e virtudes como caridade, benevolência, piedade, compaixão, temperança e tolerância, a sustentação sobre a razão e o pragmatismo, com a transferência a segundo plano da discussão acerca de questões metafísicas, doutrinárias ou cerimoniais, o apego à preservação de ordem e estabilidade - e sua expressão efetiva nas personagens e na estrutura da obra, cabe agora atentar-se com mais cuidado para as formas pelas quais Fielding busca incuti-los em seus leitores através de seu envolvimento e convencimento, empregando para tal uma sofisticada estratégia retórico-narrativa com cumprir com suas ambições pedagógicas.

---

<sup>190</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 261.

<sup>191</sup> Idem, p. 263.

<sup>192</sup> Idem, p. 264.

<sup>193</sup> Idem, p. 267.

<sup>194</sup> *apud* BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding's art: a study of Joseph Andrews**. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 48, tradução minha.

## Capítulo 2 - As estratégias retóricas do narrador para a reforma dos valores e comportamentos

### 2.1 O narrador como guia moral

Uma colocação de João de Azevedo e Dias Duarte oferece um ponto de partida interessante para a análise da construção do narrador de *Joseph Andrews* enquanto guia moral:

“Um elemento distintivo da prática romanesca de Henry Fielding é o seu caráter altamente (quase irritantemente) autoconsciente. Quem quer que se aventure a ler *Joseph Andrews* ou *Tom Jones*, os dois romances mais conhecidos de Fielding, rapidamente descobre que sua aventura não será solitária. A experiência, familiar a leitores de romances oitocentistas, de ‘entrar’ na história, de ‘habitar’ aquele mundo ficcional e vivenciá-lo junto aos personagens, é constantemente interrompida, pois há sempre alguém, uma presença, ao lado do leitor, falando-lhe ao ouvido. Refiro-me ao narrador, que, como um guia ou mestre de cerimônias, interpela-nos, admoesta-nos, didaticamente chamando nossa atenção para este ou aquele aspecto da história, para esta ou aquela nuance do caráter, da ação ou dos motivos de tal ou qual personagem.”<sup>195</sup>

Antes de mais nada, entretanto, cabe balizar nosso esforço a partir de algumas reflexões de Wayne Booth em seu livro *A retórica da ficção* acerca da autonomia do narrador enquanto personagem existente no universo de uma obra, distinto do escritor em sua vida efetiva - o que ele chama de “o ‘segundo eu’ do autor”<sup>196</sup> -, e sua concepção bastante larga desse sujeito distinto como uma espécie de arquiteto total de seu desenvolvimento. Quanto ao primeiro ponto, diz ele:

“Enquanto ele [o autor] escreve, ele cria não simplesmente um ‘homem em geral’ ideal, impessoal, mas uma versão implícita de ‘si mesmo’ que é diferente dos autores implícitos que nós encontramos nos trabalhos de outros homens. [...] Por mais impessoal que ele tente ser, seu leitor irá inevitavelmente construir uma figura do escriba oficial que escreve dessa maneira - e é claro que aquele escriba oficial nunca será neutro para com todos os valores. [...] independentemente do quão sincero um autor tente ser, seus diferentes trabalhos irão sugerir diferentes versões, diferentes combinações ideais de normas. Bem como as cartas pessoais de alguém implicam diferentes versões de si mesmo, a depender das relações distintas com cada correspondente e o propósito de cada carta, também o escritor se exhibe com um ar diferente a depender das necessidades de cada trabalho.”<sup>197</sup>

<sup>195</sup> DUARTE, João. Henry Fielding e a "história verdadeira". In: CHARBEL, Felipe; GUSMÃO, Henrique; MELLO, Luiza (org.). **As formas do romance: estudos sobre a historicidade da literatura**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ponteio, 2016. p. 241-242.

<sup>196</sup> BOOTH, Wayne. **The rhetoric of fiction**. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1983, p. 71, tradução minha.

<sup>197</sup> Idem, p. 70-71, tradução minha.

A personalidade da voz que conta a história, esteja em primeira ou terceira pessoa, deve ser pensada assim como um ente singular elaborado no âmbito do enredo, em sua relação com os demais elementos que dele participam e os propósitos éticos, estéticos ou emocionais do texto, não havendo de ser encarada como uma projeção direta ou absoluta do “ser real” da pessoa que escreve, o “escriba oficial”. Já em relação ao segundo argumento, lê-se:

“Nossa percepção do autor implícito inclui não apenas os significados dedutíveis, mas também o conteúdo moral e emocional de cada pedaço de ação e sofrimento de todos os personagens. Ela inclui, em suma, a apreensão intuitiva de um todo artístico completo; o valor principal ao qual esse autor implícito está comprometido, independentemente do partido a que seu criador pertença na vida real, é aquele que é expresso pela forma total. [...] O ‘autor implícito’ escolhe, consciente ou inconscientemente, o que nós vemos; nós o inferimos como uma versão ideal, literária, criada do homem real; ele é a soma de suas próprias escolhas.”<sup>198</sup>

Com base nisso, consideraremos aqui o narrador de *Joseph Andrews* não como restrito a suas intervenções explícitas, e sim um grande operador da apresentação do caráter das personagens e suas interações, a ordem em que se dão os múltiplos episódios, seus desfechos e sentidos, a direção, o ritmo e o tom da narrativa e tudo o mais, visando assim pensar o livro enquanto um artefato integral, concepção justificada ademais por suas referências abertas à organização consciente da forma do material. Por exemplo, no começo do décimo-primeiro capítulo do Livro I, declara:

“É uma observação por vezes feita a de que, para indicar nossa ideia de um sujeito simples, nós dizemos: ‘Ele se deixa entrever facilmente’. E não a julgo uma definição mais imprópria de um livro simples. Em vez de aplicar isto a alguma produção em particular, optamos antes por observar o contrário nesta história, em que o cenário se desvela em pequenos passos, e há de ser um leitor sagaz o que enxergar dois capítulos à sua frente.”<sup>199</sup>

Em outro momento, comentando as acusações de suborno dirigidas ao esbirro que vigiava a porta do quarto onde era mantido prisioneiro um dos ladrões que atacara Joseph, após este escapar pela janela, aproveitando-se de uma suposta distração do rapaz, de acordo com sua própria versão, afirma ironicamente que “[...] apesar dessas e de muitas outras alegações congêneres, estou assaz

<sup>198</sup> Idem, p. 73-75, tradução minha.

<sup>199</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 97-98.

convencido de sua inocência, tendo sido positivamente assegurado a respeito por aqueles que receberam a informação de sua própria boca [...]”<sup>200</sup>.

Com o esclarecimento desses pressupostos teóricos, pode ainda ser útil, para a plena compreensão dos efeitos desejados pela inserção de um narrador intrusivo, o contraste com o estilo de um outro romance, *Pamela*, de Samuel Richardson, que forneceu a Fielding, desgostoso de sua enorme popularidade, o estímulo para a execução de sua empresa, na ambição, segundo Battestin, de erigir uma alternativa estética e moral<sup>201</sup>. O enredo de *Pamela* gira em torno das provações às quais a personagem homônima, uma pobre criada na casa de um nobre poderoso, o Sr. B., é submetida após rejeitar as investidas de seu patrão, acometido por uma paixão doentia que o leva a castigá-la de maneiras cada vez mais cruéis na expectativa de subjugar sua resiliência inabalável na observância de seus princípios morais, em particular a castidade, entendida aqui apenas como abstinência sexual, até ser premiada com a redenção de seu algoz e o matrimônio, apesar da distância de suas extrações sociais. A sequência de acontecimentos é apresentada ao leitor pela própria protagonista em uma série de cartas endereçadas a seus pais, nas quais a narrativa em primeira pessoa não apenas exprime com acentuada vivacidade a forte intensidade emocional que envolve o universo da trama, como também dá a conhecer os sentimentos, elucubrações e julgamentos passados na mente da menina, criando um potente “efeito de realidade” que suscitou mesmo em muitos contemporâneos a suspeita de estarem diante de relatos verdadeiros.

A primeira objeção de seus críticos que convém apontar é precisamente à forma narrativa intimista, ou voyeurista, que, sob o véu da castidade, criaria cenas quase pornográficas<sup>202</sup>. Mais ainda, seria impossível saber se a representação dos eventos e personagens não estaria prejudicada por distorções, mentiras ou omissões que induzissem os leitores a tomar o lado da escritã, a única pessoa lírica pela qual eram dados a conhecer, prejudicando assim seu pretenso valor pedagógico<sup>203</sup>. A primeira reação de Fielding ao livro, a paródia *Shamela*, de abril

---

<sup>200</sup> Idem, p. 119.

<sup>201</sup> BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding’s art: a study of Joseph Andrews**. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 10-11.

<sup>202</sup> KEYMER, Thomas. *In*: RICHARDSON, Samuel. **Pamela; or, Virtue Rewarded**. 2. ed. Nova Iorque: Oxford University Press, 2001, p. xxii.

<sup>203</sup> MAIOLI, Roger. *In*: FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 18-19.



de 1741, na qual converte-a em uma mera interesseira que descobre na tolice de seu chefe um passaporte para ascender socialmente, provocando-o ao mesmo tempo que hipocritamente simula pureza, repercute também sua reserva quanto à sinceridade de um fiel desejoso de ver seu temor a Deus retribuído ainda na vida terrena<sup>204</sup>. Finalmente, parecia-lhe que o romance reduzia a virtude somente a uma noção estreita de castidade, negligenciando as demais<sup>205</sup>.

Há de se recapitular algumas das características e críticas supracitadas, adicionando ainda alguns dados: a inquebrantável permanência de Pamela Andrews na busca de “pureza” moral, fundada em sua fervorosa devoção religiosa, e a externalização da mesma em suas palavras e ações; a linguagem enérgica, sentimental, hiperbólica, com frequência torrencial por ela empregada, bem como os transe físicos que a acometem em ocasiões de profunda agitação emocional, creditados à intervenção divina; a ênfase na castidade enquanto valor fundamental e a reiterada expressão da personagem de sua vontade de retornar à pobreza e ao trabalho duro junto a seus pais, ou seja, uma renúncia aos prazeres carnis, ao luxo e à abundância mundanas, em prol de um estilo de vida ascético; sua maneira “insolente” de se dirigir a pessoas de posições superiores na hierarquia social em várias ocasiões, demonstrando dificuldade a se enquadrar a convenções de comportamento. Diante de tudo isso, não é exagero sugerir que *Pamela* compartilha aspectos da inflexível moralidade e modo de agir puritanos, e sua ascensão à condição de heroína e paradigma de virtude subentende um elogio à sua postura confrontativa ao que considera uma ordem injusta e corrupta, à sua “antinomia”.

O narrador de *Joseph Andrews* representa, portanto, uma resposta moral, não apenas promovendo, mas encarnando muitas das virtudes latitudinárias, e estética, enunciando a história não sob as percepções imediatas de alguém diretamente envolvido na trama, mas da posição de um observador externo que apenas ouviu falar de acontecimentos passados, e que, tendo assim pleno conhecimento do fim para o qual o todo se dirige, pode contá-lo com graça, leveza e ponderação, julgando no caminho os méritos das personagens, suas ações, motivos e sentimentos. Ou ainda, nos termos de Paul Baines,

<sup>204</sup> BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding's art: a study of Joseph Andrews**. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 5.

<sup>205</sup> MAIOLI, Roger. *In: FIELDING, Henry. A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams*. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 18.

“Persuasivo, espirituoso, firmemente no comando, sempre nos recordando de onde estamos no capítulo e dizendo-nos se é ou não provável que gostemos do próximo, a voz é nos mínimos detalhes cavalheiresca, de fora dos eventos que providencialmente arranja, consciente de e simpatizando com os estados emocionais das personagens, mas de forma alguma sujeito a eles.”<sup>206</sup>

Indo mais além, João de Azevedo e Dias Duarte acentua, conquanto discorrendo sobre o narrador de *Tom Jones*, em uma colocação que cremos poder ser sem maiores problemas extrapolada para seu antecessor, o posto de autoridade ao qual este se eleva através de suas pontuações, bem como a centralidade de algo do qual nos ocuparemos mais à frente, a íntima relação progressivamente por ele forjada com o leitor nesse processo:

“Com suas frequentes interrupções, apartes, comentários, digressões, o narrador mantém o controle da história e orienta o leitor em relação a ela, convocando-o também a ocupar a posição privilegiada que é a sua [...]: ‘a posição dos bastidores’, de onde é possível avaliar vantajosamente a ação e os caracteres.”<sup>207</sup>

Observe-se que a característica central de tal “posição dos bastidores” consiste em

“[...] um balanceamento cuidadoso entre envolvimento emocional - na medida em que a discriminação das qualidades morais dependem das respostas afetivas, i.e., dos ‘sentimentos morais’, decorrentes do engajamento prático e imaginativo com caracteres, motivos e ações - e distanciamento crítico (o esforço consciente de abstração do próprio interesse particular quando do ajuizamento).”<sup>208</sup>

Assim sendo, a invocação do papel de autoridade por parte do narrador depende da articulação bem-sucedida de dois fatores: uma ampla experiência e familiaridade com as coisas do mundo e os tipos humanos, seus desejos, conflitos, emoções, etc., e uma elevada capacidade de discernimento, de crítica sagaz das ações e suas motivações, dos vícios e virtudes. Discorrendo sobre *Tom Jones*, mas de forma que se pode igualmente trasladar com alguma segurança para *Joseph Andrews*, argumenta Wayne Booth:

---

<sup>206</sup> BAINES, Paul. In: RAWSON, Claude (ed.). **The Cambridge companion to Henry Fielding**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 62-63, tradução minha.

<sup>207</sup> DUARTE, João. Henry Fielding e a "história verdadeira". In: CHARBEL, Felipe; GUSMÃO, Henrique; MELLO, Luiza (org.). **As formas do romance: estudos sobre a historicidade da literatura**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ponteiro, 2016. p. 261.

<sup>208</sup> Idem, p. 260.

“Em um mundo ficcional que não oferece um único personagem simultaneamente sábio e bom [...] o autor está sempre lá, em sua plataforma, para lembrar-nos, por meio de sua sabedoria e benevolência, do que a vida humana deve ser e pode ser. Mais ainda, seu autorretrato é de uma vida enriquecida por um vasto conhecimento de cultura literária e de uma mente de enorme poder criativo - qualidades que nunca poderiam ser tão plenamente transmitidas através de seu mero exercício, sem o comentário sobre os materiais dramáticos da história de Tom. [...] É sua sabedoria e conhecimento e benevolência que permeia o mundo do livro, fixa seu tom cômico entre os extremos de indulgência sentimental e indignação desdenhosa, e, em certo sentido, redime o mundo de hipócritas e tolos de Tom. [...] ele atinge a média precisa entre o excesso e a escassez de piedade, benevolência, conhecimento e sabedoria mundana.”<sup>209</sup>

Figura mesmo divina no universo do livro, onisciente tanto do destino a que se encaminha o enredo quanto dos sentimentos das personagens, e responsável por julgá-las de acordo com a retidão de suas ações e motivações para com seus semelhantes, o narrador convence da justificabilidade de tamanha ambição por sua maneira espirituosa, inteligente e envolvente de apresentar os fatos, levando o leitor a acreditar em sua sofiscada competência para compreendê-los e analisá-los em suas complexidades, para além das facetas mais superficiais ou óbvias. Comparando-o a seus análogos nas obras de Sarah Fielding nos anos 1750, bastante influenciados pelos trabalhos de seu irmão, Booth realça em relação a estes: “A perspicácia do narrador é desajeitada, ‘sua’ sabedoria, pouco convincente.”<sup>210</sup> A aptidão do narrador de Henry Fielding para revelar as pessoas e o mundo em suas múltiplas vestes e camadas dá-se, em algum nível, pela apresentação de seus objetos sob distintas luzes, ora cômicos, ora irônicos, ora trágicos, um movimento fluido por vários modos de linguagem, ou, na terminologia de Hayden White, “estratégias tropológicas”, em que “[...] cada um possibilita o acesso a um aspecto específico da realidade e representa um meio possível de apreendê-la”<sup>211</sup>, mantendo-o interessante e impedindo que soe arbitrário ou tacanho, comprovando a refinada qualidade de sua inteligência, reflexão e juízo. Booth resume assim esse aspecto de seu caráter:

“O que eu estou dizendo aqui pode parecer mera tautologia: narradores interessantes são interessantes. Contudo, há muito mais aí do que isso: alguns narradores interessantes desempenham um tipo de função em seus trabalhos que nada mais poderia desempenhar. Eles não são simplesmente apropriados para um contexto, embora isso seja essencial.

---

<sup>209</sup> BOOTH, Wayne. **The rhetoric of fiction**. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1983, p. 217-218, tradução minha.

<sup>210</sup> Idem, p. 219, tradução minha.

<sup>211</sup> WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2014, p. 146.

Eles originalmente obtiveram sucesso, e ainda o obtêm, persuadindo o leitor a aceitá-los como oráculos vivos. Eles são guias confiáveis não somente para o mundo dos romances no qual aparecem, mas também para as verdades morais do mundo fora do livro. O comentarista que falha nesse modo é aquele que reivindica onisciência e revela estupidez e preconceito.”<sup>212</sup>

Parece oportuno avançar para uma fundamentação concreta dessa longa caracterização a partir de uma das passagens mais brilhantes do narrador em *Joseph Andrews*, sua dissertação acerca da diferença entre a “gente subida” e a “gente rasteira” na abertura do décimo-terceiro capítulo do Livro II. Iniciando por sugerir que “Parecerá sem dúvida estranhíssimo a muitos leitores”<sup>213</sup> que a sra. Slipslop, na conclusão da seção anterior, fingisse não conhecer Fanny após vê-la calorosamente beijada e abraçada por Joseph, despertando seu ciúme, quando do reencontro dos dois, apesar de ter vivido por muitos anos sob o mesmo teto que a garota, ele logo propõe-se a “explicar as razões de sua conduta”<sup>214</sup>, de modo a evitar “que algo soe desnatural nesta história”<sup>215</sup>. Criando assim uma espécie de “leitor-personagem”, confuso e menos astuto do que si próprio, cuja posição somos obrigados a ocupar, o narrador condescendentemente afirma sua condição de superioridade pela referência implícita a seu conhecimento do “natural”, aqui com o sentido, como lembra Sandra Vasconcelos, de se “[...] atentar para certos princípios essenciais, em busca do geral e do universal”<sup>216</sup>, supondo assim, mais do que somente uma vasta experiência com os acontecimentos e caracteres cotidianos do meio social, uma faculdade intelectual e crítica elevada a ponto de destilar o necessário e imanente dessas vivências do meramente contingente. Tranquilizando nossa perplexidade diante dos aparentes desencontros do mundo cotidiano ao prometer nele reintroduzir um grau de ordem e previsibilidade, de perenidade, ele não nos deixa opção além de sujeitar-nos a admiti-lo como professor, algo reforçado pela resoluta asseveração na sequência de que “[...] não temos dúvidas de que poderemos convencer o curiosíssimo leitor de que a sra. Slipslop não se desviou minimamente do caminho usual com essa

---

<sup>212</sup> BOOTH, Wayne. **The rhetoric of fiction**. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1983, p. 220-221, tradução minha.

<sup>213</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 199.

<sup>214</sup> Idem, p. 199.

<sup>215</sup> Idem, p. 199.

<sup>216</sup> VASCONCELOS, Sandra. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 96.

atitude”<sup>217</sup>.

Na sequência, descobrimos ser a espécie humana “dividida em dois tipos de pessoas, a saber, a gente *subida* e a gente *rasteira*”<sup>218</sup>, sendo as primeiras nada mais “do que a gente da moda”<sup>219</sup>, e as outras, “a sem moda nenhuma”<sup>220</sup>, com a palavra “moda” significando “uma concepção do nascimento e predicados superiores aos do rebanho da humanidade”<sup>221</sup>. Havendo “uma feroz contenda”<sup>222</sup> irrompido entre os lados e levado à consequência de que “os membros de um partido, para evitar suspeitas, não se deixariam ver publicamente em conversa com os do outro, embora mantivessem com frequência uma relação muito boa em particular”<sup>223</sup>, os espaços de convivência foram repartidos, “cortes, assembleias, óperas, bailes, etc.”<sup>224</sup> ficando com aqueles de maior extração, enquanto “arrasta-pés, feiras, folias, etc.”<sup>225</sup>, com os demais, à exceção de igreja e teatro, “onde elas se segregam uma da outra de maneira notável: pois, assim como a gente da moda se exalta na igreja acima da cabeça da gente sem moda, no teatro ela se rebaixa no mesmo grau sob seus pés”<sup>226</sup>, manifestação de que “longe de se considerarem mutuamente como irmãs na língua cristã, elas mal parecem considerar-se como membros da mesma espécie”<sup>227</sup> - como pode ser constatado pelo uso das expressões “*gente estranha, gente que ninguém conhece, a criatura, os desgraçados, as bestas, os brutos*”<sup>228</sup>, entre outras, empregadas sempre de forma derogatória para referir-se a alguém abaixo de si na escala social. Essa primeira parte da exposição contém um tom, por assim dizer, acadêmico, mesmo “sociológico”, ainda que com inequívoca dose de ironia, com o narrador preocupando-se em classificar e definir com firmeza e objetividade os distintos objetos de suas observações e demonstrar a dinâmica de suas interações na existência social cotidiana efetiva, buscando como meio de comprovação empírica de seu argumento, por um lado, uma análise dos

---

<sup>217</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 199.

<sup>218</sup> Idem, p. 200.

<sup>219</sup> Idem, p. 200.

<sup>220</sup> Idem, p. 200.

<sup>221</sup> Idem, p. 200.

<sup>222</sup> Idem, p. 200.

<sup>223</sup> Idem, p. 200.

<sup>224</sup> Idem, p. 200.

<sup>225</sup> Idem, p. 200.

<sup>226</sup> Idem, p. 200.

<sup>227</sup> Idem, p. 200.

<sup>228</sup> Idem, p. 200.

locais frequentados por cada um dos setores, implicando assim o compartilhamento e a adequação a um *ethos* e a determinadas formas de conduta, bem como da produção de hierarquias através de práticas culturalmente simbólicas, e, por outro, um conjunto de dados linguísticos e o conteúdo ideológico neles subentendido, tomando o cuidado, ademais, de prevenir eventuais erros de interpretação do leitor ao rejeitar entendimentos alternativos de seus conceitos, como quando adverte que a palavra “moda” “já perdeu seu sentido original, e atualmente nos transmite uma ideia muito diversa dele”<sup>229</sup>, dado que a princípio nada mais se compreendia daí do que “uma pessoa que se vestia segundo a moda da época”<sup>230</sup>.

A partir desse ponto, intensifica-se o acento sarcástico da apresentação. As discrepâncias até então dadas como estanques e evidentes são de repente relativizadas, e o que parecia dois pólos rigidamente separados surge mais como um contínuo, uma gradação que, sobretudo nas partes mais próximas ao centro, torna-se algo nebulosa, seus integrantes agindo ora de maneira “subida”, ora “rasteira”, a depender da situação. Assim se diz:

“[...] esses dois partidos, e especialmente aqueles que fazem fronteira de perto com os outros, ou seja, os mais rasteiros dos subidos e os mais subidos dos rasteiros, com frequência trocam de partido segundo o lugar e o momento; pois os que são gente da moda em um lugar são com frequência gente sem moda em outro; e, no que toca ao momento, talvez não seja desagradável considerarmos o panorama da subordinação qual fosse uma espécie de escada de mão; por exemplo, de manhã cedo levanta-se o postilhão, ou algum outro menino de que as grandes famílias, não mais do que os grandes navios, jamais carecem, e se põe a escovar as roupas e limpar os sapatos de John, o lacaio, que, tendo-se ele próprio vestido, põe mãos às mesmas tarefas pelo sr. Second-hand, gentil-homem do fidalgo; o gentil-homem, de maneira similar, presta respeitos mais tarde ao fidalgo; o fidalgo, tão logo se paramenta, comparece ao despertar de milorde, o qual nem bem acaba e o próprio milorde é visto no despertar do favorito, que, tendo sua hora de honrarias chegado ao fim, ocorre ele próprio a honrar o despertar de seu soberano.”<sup>231</sup>

O efeito retórico da rápida sequência de exemplos análogos, ao que em parte depõe a favor da afiada perspicácia e espíritosidade do narrador, reforça sutilmente seu conhecimento dos mais diversos espaços e ritos cotidianos (desviando-se mesmo para comparar a casa de uma grande família a um grande navio), códigos éticos e de comportamento, ofícios e setores sociais. Mais ainda, ao que a hipocrisia já fora apontada como fator socialmente homogêneo (“não se

<sup>229</sup> Idem, p. 200.

<sup>230</sup> Idem, p. 200.

<sup>231</sup> Idem, p. 200-201.

deixariam ver publicamente em conversa com os do outro, embora mantivessem com frequência uma relação muito boa em particular”), vícios como a vaidade, a arrogância, o servilismo ou a bajulação também são denunciados e alçados a constantes, presenças que perpassam todas as classes e se dão a ver a depender dos interesses pessoais colocados no momento, traindo a exigência da caridade e benevolência ao subordinar a solicitude e a presteza para com os próximos ao egoísmo e à mesquinharia - desenha-se, em suma, uma espécie de unidade na multiplicidade, um retorno ao ponto de que a vaidade, no sentido lato com o qual se a toma na obra, revela-se de uma miríade de formas, podendo afetar tanto uma postura agressiva e desdenhosa para com os subordinados, quanto uma falsa amabilidade e polidez aos superiores. A plena difusão de todos esses males é sumarizada em uma imagem de uma inteligência extremamente sardônica:

“Tampouco há, talvez, em toda essa escala da subordinação, um degrau a maior distância do outro do que o primeiro do segundo, de modo que, para um filósofo, a questão pareceria apenas a de se você escolheria ser um grande homem às seis da manhã ou às duas da tarde.”<sup>232</sup>

A autoridade do narrador como conselheiro moral constitui-se aqui com base em três fatores, quais sejam, sua experiência prática com os mais variados contextos, lugares e pessoas, sua capacidade crítica refinada por sua inteligência, educação e reflexão e a modelagem de seus pontos de vista sob um aparato retórico capaz de melhor capturar a atenção do leitor e assim potencializar seu impacto, favorecendo, portanto, sua transmissão e persuasividade, com o humor cumprindo uma função particularmente importante ao subverter convenções sociais exercidas geralmente sem maiores considerações e expôr suas dimensões arbitrárias, pretensiosas e ridículas, ou, nos termos de Mikhail Bakhtin:

“O riso tem a notável força de aproximar o objeto, introduz o objeto na zona do contato grosseiro onde se pode apalpá-lo de todos os lados, revirá-lo, colocá-lo no avesso, observá-lo de baixo para cima, quebrar-lhe o envoltório externo, olhar para as suas entranhas, duvidar dele, decompô-lo, desmembrá-lo, desnudá-lo e desmascará-lo, estudá-lo livremente e experimentá-lo. O riso destrói o medo e a reverência diante do objeto, diante do mundo, torna-o objeto de contato familiar e assim prepara a sua investigação absolutamente livre sobre ele. [...] A familiarização cômica e linguístico-popular do mundo é uma etapa excepcionalmente importante e indispensável

---

<sup>232</sup> Idem, p. 201.

no processo de formação da livre criação científico-cognitiva e artístico-realista da civilização europeia.”<sup>233</sup>

No todo, esse trecho acaba sendo uma representação do já citado “espelho nos gabinetes”<sup>234</sup>, a servir milhares para que “contemplem suas deformidades e se empenhem em reduzi-las”<sup>235</sup>. A frase final da dissertação exhibe então o grau de egoísmo, hipocrisia e falta de benevolência e respeito para com os demais a impedir a convivência harmoniosa da sociedade: “[...] mal há dois deles que não considerem a mínima familiaridade com as pessoas logo abaixo uma condescendência, e, se avançarem um degrau a mais, uma degradação”<sup>236</sup>. A aparentemente absurda atitude da sra. Slipslop, que motivou a digressão em primeiro lugar, justifica-se, desse modo, ao que “devemos ter visto diariamente pessoas muito subidas reconhecendo-nos em um lugar e não em outro, hoje e não amanhã”<sup>237</sup>, indo-se além para dizer que, caso seja verdade que os deuses “só fizeram os homens para se rirem deles”<sup>238</sup>, não há “parte de nosso comportamento que melhor atenda ao propósito de nossa criação do que essa”<sup>239</sup>.

Vejamos outro exemplo, as discussões entre os viajantes que resgatam Joseph ao encontrá-lo nu, com frio e severamente debilitado em uma vala, após ser assaltado e espancado por uma dupla de ladrões bem no início de sua jornada de retorno ao campo, no décimo-segundo capítulo do Livro I. A descrição da cena e as falas das personagens são sucintas, permitindo-nos acessar somente seus aspectos externos:

“O pobre coitado, que ficou imóvel por um bom tempo, estava apenas começando a recobrar os sentidos quando uma diligência apareceu. O postilhão, ouvindo os gemidos de um homem, deteve os cavalos e disse ao cocheiro que havia decerto um homem *morto* estirado naquela vala, pois ele o ouvira gemer. - Siga em frente, moleque - replicou o cocheiro -, já estamos para lá de atrasados e não temos tempo para tratar com gente morta. - Uma senhora que ouviu o que dissera o postilhão, e que também ouvira o gemido, pediu encarecidamente ao cocheiro que parasse e visse o que estava havendo. Com isso ele mandou o postilhão apear e ir olhar dentro da vala. Este o fez, e respondeu que havia nela um homem sentado, tão nu como viera ao mundo. - Ai, Jesus! - exclamou a dama. - Um homem nu! Caro cocheiro, siga em frente e deixe-o. - Nisso os cavalheiros

<sup>233</sup> BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance**: o romance como gênero literário. 1. ed. São Paulo: 34, 2019. v. 3, p. 90-91.

<sup>234</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 232.

<sup>235</sup> Idem, p. 232.

<sup>236</sup> Idem, p. 201.

<sup>237</sup> Idem, p. 201.

<sup>238</sup> Idem, p. 201.

<sup>239</sup> Idem, p. 201.



saíram do coche, e Joseph lhes rogou que tivessem piedade dele, pois fora roubado e quase que morto a pancadas. - Roubado! - exclamou um velho cavalheiro. - Vamos dar o fora o mais depressa possível, ou seremos roubados também.”<sup>240</sup>

Apenas os elementos essenciais ao desenrolar do enredo são fornecidos, com poucos detalhes físicos, emocionais ou psicológicos, a sequência de acontecimentos passando aceleradamente, de forma a condensar o contraste entre o estado do protagonista e as reações apressadas, exageradas e estereotipadas dos ocupantes do coche, criando um efeito absurdo que acaba por dar ares um tanto ridículos a um episódio que se suporia dramático, em privilégio à veia cômica da obra, que, como aponta Ian Watt, “exigia uma abordagem obrigatoriamente exterior”<sup>241</sup>, ao que “Se nos identificarmos com as personagens, não poderemos apreciar o humor da comédia mais ampla da qual elas são divertidos participantes”<sup>242</sup> - ou seja, se as personagens fossem tratadas de modo a preenchê-las com um turbilhão de sentimentos, hesitações e contradições em uma situação de tensão, dificilmente conseguiríamos nos atentar a seus aspectos toscos, acentuados pelas “reações físicas exageradas”<sup>243</sup> e a “artificialidade das emoções”<sup>244</sup>, bem como aos reprováveis e egoístas. A dimensão estética da narrativa, portanto, se, por um lado, sacrifica em parte o grau de realismo da caracterização dos sujeitos e seu modo de agir, por outro, favorece a organização, a arquitetura do acontecimento em coadunação aos propósitos mais gerais de denúncia de vícios morais e crítica de costumes - “a força de coesão do livro reside, em última análise, não nas personagens e em suas relações, mas numa estrutura intelectual e literária dotada de considerável grau de autonomia”<sup>245</sup>.

Dando continuidade à cena, vemos então a intervenção de um outro personagem e a série de arranjos que impedem o abandono de Joseph:

“Um jovem rapaz que pertencia à lei respondeu que quisera tivessem passado sem tomar conhecimento nenhum; mas que então se poderia provar que haviam sido *os últimos em sua companhia*; viesse ele a morrer, e poderiam ser chamados a prestar contas por seu assassinio. Ele por isso julgava aconselhável salvar a vida da pobre criatura, pelo bem deles próprios, se possível; pelo menos, se ele morresse, para evitar que o júri determinasse *que eles se haviam evadido*. Era portanto sua opinião que pusessem o

<sup>240</sup> Idem, p. 101.

<sup>241</sup> WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p. 291.

<sup>242</sup> Idem, p. 291.

<sup>243</sup> Idem, p. 293.

<sup>244</sup> Idem, p. 292.

<sup>245</sup> Idem, p. 296.

homem no coche e o levassem até a próxima estalagem. A dama insistiu em que ele não entraria no coche. Se o admitissem, ela mesma apareia, pois preferia permanecer naquele lugar por toda a eternidade a viajar com um homem nu. O cocheiro objetou que não poderia aceitar que o embarcassem a menos que alguém pagasse um xelim pelo transporte de quatro milhas. Isso os dois cavalheiros se negaram a fazer; mas o advogado, que receava que algum infortúnio lhe acontecesse caso o desgraçado fosse deixado para trás naquela condição, afirmando que ninguém poderia ser cauteloso demais em tais assuntos e que se lembrava de casos muito extraordinários nos livros, ameaçou o cocheiro e desafiou-o a negar-lhe embarque por sua conta e risco - pois, se o homem morresse, ele seria indiciado por assassinato, e, se vivesse e viesse a processá-lo, ele próprio se disporia a tomar parte no caso. Essas palavras tiveram um efeito sensível sobre o cocheiro, que conhecia bem a pessoa que as proferira; e o senhor idoso mencionado acima, julgando que o homem nu lhe proporcionaria oportunidades frequentes de exhibir seu espírito à dama, propôs unir-se aos companheiros em pagar uma caneca de cerveja pela passagem; até que, em parte alarmado pelas ameaças de um, e em parte pelas promessas do outro, e quem sabe *um pouco* tomado de compaixão pela condição da pobre criatura, que estava sangrando e tremendo de frio, ele por fim concordou [...]"<sup>246</sup>

Os defeitos de caráter das personagens, que já vinham sendo delineados no trecho anterior - a covardia, egoísmo e falta de compaixão da dama e do velho cavalheiro, a indiferença e ausência de piedade do cocheiro -, chegam aqui a seus pontos máximos, principalmente na figura do advogado, que, pouco interessado no bem-estar do sujeito à sua frente, recomenda sua salvação apenas para evitar um possível indiciamento por homicídio, vindo, no melhor estilo de uma moralidade hobbesiana, a praticar uma boa ação apenas por interesses pessoais, mesquinhos, sem qualquer traço de benevolência, de forma que, segundo Battestin, “perfeitamente exemplifica a indignidade moral de uma filantropia meramente política”<sup>247</sup> - no capítulo inicial do livro III, destaca-se-o, de fato, como uma “criatura mesquinha e egoísta [...]; que não faria o menor esforço, não correria o menor perigo e não investiria o menor dinheiro para assistir ou preservar seus semelhantes”<sup>248</sup>. Contudo, os defeitos dos demais são igualmente realçados ou mesmo expandidos: o cocheiro revela-se avaro, medroso e interesseiro, a dama permanece insensível e o velho cavalheiro, vaidoso e impudente, ainda que o episódio preserve sua alta velocidade, reações sumárias, contrastes cômicos, priorizando o arranjo de situações e caracteres típicos em um plano que explicita a inadequação das ações e motivações. Tal paradigma estético

<sup>246</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 101-103.

<sup>247</sup> BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding's art: a study of Joseph Andrews**. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 98, tradução minha.

<sup>248</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 232.

retoma “a velha tradição estabelecida pelos caracteres teofrásticos, ainda em voga durante o século XVIII”<sup>249</sup>, de acordo com Sandra Vasconcelos, marcada pelo objetivo de “apresentar a diversidade dos costumes e observações sobre a natureza humana e pintar os gregos em geral, sem deixar de lado as singularidades que diferenciam um homem do outro”<sup>250</sup> - próximo, assim, da posterior colocação de Fielding: “não descrevo homens, mas modos; não um indivíduo, mas uma espécie”<sup>251</sup>. A descrição das personagens focava-se, como coloca Watt,

“[...] apenas naquelas características do indivíduo necessárias para incluí-lo em sua espécie moral e social. Assim, estuda cada personagem à luz de seu conhecimento geral do comportamento humano, dos ‘costumes’, e qualquer coisa puramente individual não tem valor taxionômico.”<sup>252</sup>

O próprio advogado mais tarde é posto como uma representação de elementos essenciais, universais de um tipo humano, aplicando-se então a uma gama de situações muito mais vasta do que apenas aquelas expostas no contexto do livro, servindo como uma espécie de articulação entre casos particulares que emergem no dia-a-dia e princípios mais gerais a pautar a compreensão destes:

“O advogado não somente está vivo, como tem estado ao longo destes quatro mil anos, e espero que Deus lhe dê vida por muitos outros ainda. Ele na verdade não se confinou a uma única profissão, religião ou país; [...] enquanto uma pessoa tal como a que descrevi existir sobre a terra, sobre ela ele permanecerá.”<sup>253</sup>

A qualidade sintética das personagens e suas interações cumprem, dessa feita, as funções de concentrar e intensificar os vícios que se busca representar e simultaneamente ridicularizá-los, aumentando o impacto sobre o leitor, que, ao se deparar com uma tal visão patética, vulgar e repugnante, deve assim voltar-se para dentro de si, analisar os próprios sentimentos e, caso encontre algo reprovável, reformá-los, de forma assim a não imitar tais males. Mais do que

<sup>249</sup> VASCONCELOS, Sandra. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 50. A obra do filósofo grego antigo Teofrasto recebeu diversas edições, bem como imitações, na Inglaterra da época, marcando assim o elevado grau de interesse que então recebia.

<sup>250</sup> Idem, p. 50.

<sup>251</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 232.

<sup>252</sup> WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p. 291.

<sup>253</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 232.

apenas as feições externas, o exemplo do advogado constrange-o a considerar ademais as razões interiores, seu âmagô, uma regeneração que deve almejar alcançar todas as partes do sujeito.

Finalmente, Joseph é oferecido como uma alternativa moral e comportamental aos passageiros do coche, com sua virtude, altivez, castidade, retidão e autocontrole, mesmo em seu estado lastimável, contrastando com os defeitos daqueles e salientando-lhes o ridículo e a inadequação:

“[...] Joseph ia entrando no coche quando, ao avistar a dama, que segurava as hastes do leque diante dos olhos, negou-se absolutamente, miserável como estava, a embarcar, a menos que fosse munido de cobertura suficiente para evitar a mínima afronta à decência. Tão perfeitamente modesto era esse jovem; tão poderosos efeitos haviam tido sobre ele o exemplo imáculo da amável Pamela e os excelentes sermões do sr. Adams. Embora houvesse várias sobrecasacas pelo coche, não foi fácil superar a dificuldade que Joseph criara. Os dois cavalheiros protestaram que sentiam frio e não podiam abrir mão de um farrapo, enquanto que o homem de espírito dizia, entre risos, que a caridade começava em casa; e o cocheiro, que tinha duas sobrecasacas estendidas sob si, negou-se a emprestar qualquer delas, para que não se ensanguentassem; o lacai da dama pediu que o escusassem pela mesma razão, o que a própria dama, não obstante sua aversão a homens nus, aprovou. E é mais provável que o pobre Joseph, que se atinha obstinadamente a sua modesta resolução, tivesse perecido, não houvesse o postilhão (um rapazola que desde então foi deportado por roubar um galinheiro) tirado voluntariamente uma sobrecasaca, seu único agasalho, ao mesmo tempo proferindo a sonora jura (pela qual foi repreendido pelos passageiros) de que preferiria guiar de camisa a vida toda a tolerar que um semelhante seu ficasse em condição tão miserável.”<sup>254</sup>

A insistência de Joseph em manter-se no que considera correto tem como pano de fundo sua recusa altruísta em desrespeitar ou perturbar os padrões de valores, atitudes e relações interpessoais, nesse caso entre o masculino e o feminino, compactuados tacitamente pela sociedade, norteando as corretas formas de ser e estabelecendo regras a dirigir o funcionamento pacífico da vida cotidiana o indivíduo, assim, reconhece a necessidade de submeter seus desejos particulares ao bem-estar coletivo, alinhando-se aos preceitos latitudinários, com a drasticidade da situação amplificando dessa vez a admirabilidade da virtude, devendo inspirar o leitor a sua persecução. A técnica do narrador para o aconselhamento moral engendra, diz Watt,

“[...] não nos imergir completamente em seu mundo fictício, mas mostrar-nos a riqueza de seus recursos inventivos criando um divertido contraponto de cenas e personagens; mudanças rápidas constituem a essência da comicidade de Fielding, e um novo capítulo

---

<sup>254</sup> Idem, p. 103.

sempre traz uma situação nova para as personagens ou apresenta personagens diferentes numa cena semelhante, estabelecendo um contraste irônico.”<sup>255</sup>

À estrutura de contrastes, junta-se as intervenções explícitas, laudatórias ou derogatórias, do narrador, tal qual um mestre a recordar-nos do caráter inventado e controlado da obra, em sua “[...] inteligibilidade da vida e da ação no mundo em geral, sendo, porém, um artefato criado, [que] supõe um tratamento literário que estende e remodela esse conhecimento prévio em materiais e formas artísticas”<sup>256</sup>, como aqui no elogio a Joseph, direcionando inequivocamente a obra a seus fins pedagógicos. Note-se ainda desse trecho que, ao que as personagens com algum grau, ainda que mínimo, de elevação social recusam-se a emprestar uma peça de roupa ao jovem machucado, a ação caritativa nesse sentido acaba cabendo àquela de mais baixa posição, o postilhão, que, mesmo sendo traído e punido por uma fraqueza (como a camareira Betty ou o sr. Tow-wouse), em reafirmação da necessidade de se proteger a ordem social, não se deixando levar por sentimentalismos diante de atos que a ameacem, não deixa de ter enaltecida a sua boa natureza e superioridade moral sobre os demais, expressão do fato “notável de quão frequentemente os samaritanos de Fielding podem ser encontrados entre as classes mais baixas da sociedade”<sup>257</sup>, segundo Battestin.

Abordaremos ainda um último exemplo, particularmente interessante por envolver os três protagonistas e estandartes morais da obra, Fanny, Joseph e o Pastor Adams. No décimo-quarto capítulo do Livro IV, tendo sido obrigados a passar a noite na residência de Lady Booby por conta de uma tempestade, um princípio de conflito emerge quando o avoadado pastor Adams entra sem querer no quarto em que a garota repousava e se mete debaixo dos lençóis, para a estupefação de seu noivo quando este posteriormente lá o flagra. Assim o narrador introduz a cena:

“[...] por azar, ao invés de virar à direita virou à esquerda e foi dar no aposento onde ficara Fanny, que (como o leitor talvez se lembre) não havia dormido um átimo na noite anterior, e estava tão desgastada pelo que lhe ocorrera naquele dia que, não obstante os

<sup>255</sup> WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p. 296.

<sup>256</sup> DUARTE, João. Henry Fielding e a "história verdadeira". In: CHARBEL, Felipe; GUSMÃO, Henrique; MELLO, Luiza (org.). **As formas do romance**: estudos sobre a historicidade da literatura. 1. ed. Rio de Janeiro: Ponteio, 2016. p. 258-259.

<sup>257</sup> BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding's art: a study of Joseph Andrews**. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 178, tradução minha.

pensamentos de seu Joseph, caíra num sono tão profundo que nem todo o barulho no quarto adjacente fora capaz de perturbá-la. Adams tateou a cama e, puxando os lençóis bem de leve, prática a que a sra. Adams há muito o habituara, enfiou-se debaixo deles e depositou sua carcaça junto ao pé da cama, lugar que aquela boa mulher sempre lhe designara.”<sup>258</sup>

Toda a confusão nasce assim da sobreposição de uma conjunto de convenientes coincidências, algo que, ainda que possa despertar no leitor um senso de improbabilidade, não transgride os marcos de um conhecimento empírico do mundo, em linha com um argumento que Fielding desenvolve de maneira mais cuidadosa em *Tom Jones*:

“enquanto alguns estão, junto ao sr. Dacier, prontos para aceitar que a mesma coisa que é impossível pode também ser provável, outros possuem tão pouca fé histórica ou poética que acreditam nada ser possível ou provável o qual não tenha ocorrido a sua própria observação.”<sup>259</sup>

Condenando a introdução de acontecimentos fantásticos e sobrenaturais nas histórias romanescas, que inviabilizariam suas pretensões pedagógicas ao se afastarem de qualquer semelhança a cenários com os quais alguém poderia se deparar em sua vida cotidiana, atacava também, contudo, os críticos que rejeitavam “[...] a mistura de verdade e ficção, a juntar o crível com o surpreendente, para não chegar ao ponto em que os únicos personagens e incidentes permitidos fossem comuns, vulgares, banais”<sup>260</sup>, antes considerando destes que “suas observações da vida são frequentemente muito limitadas para fazê-los juízes apropriados do provável”<sup>261</sup>. Deslocando a responsabilidade pela identificação da validade de um dado encadeamento de fatos para a “exposição do leitor ao mundo”<sup>262</sup>, o não-convencimento deste deporia, portanto, somente contra si mesmo, conferindo em qualquer cenário uma posição de autoridade ao narrador. Ademais, a “estrutura baseada num elaborado contraponto de enganos e surpresas”<sup>263</sup> adequava-se à “visão da vida humana e o propósito literário

---

<sup>258</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 368.

<sup>259</sup> FIELDING, Henry. **Tom Jones**. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 346, tradução minha.

<sup>260</sup> VASCONCELOS, Sandra. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 90-91.

<sup>261</sup> MAIOLI, Roger. **Empiricism and the early theory of the novel: Fielding to Austen**. 1. ed. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2017, p. 82, tradução minha.

<sup>262</sup> Idem, p. 82, tradução minha.

<sup>263</sup> WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p. 295.

global<sup>264</sup>, ao fornecer às personagens oportunidades para demonstrar suas verdadeiras essências, sem deixar espaço para a suposição de premeditações que pudessem viciar a credibilidade de bondade de seus atos - Watt pondera, em passagem que, apesar de tratando de *Tom Jones*, serve aqui:

“[...] a sociedade e a ordem mais ampla que ela representa precisam ter prioridade, e o enredo atua como uma espécie de ímã que retira cada partícula individual da ordem fortuita resultante do acidente temporal e da imperfeição humana e coloca-a na posição adequada.”<sup>265</sup>

Segue-se então uma rápida bateria de desenvolvimentos do enredo, com a entrada de Joseph e a reação das partes causando a sensação de iminente eclosão de um grave conflito, logo superada com igual energia, retornando-os a seu estado habitual, uma sucessão vertiginosa que, abalando por um momento a solidez das certezas e expectativas do leitor, reitera-as de modo vigoroso e definitivo, ao que então já se alcança quase o final do livro, recordando-o em uma situação de tensão crucial, visto que o choque se dá agora precisamente entre os protagonistas, de suas excelências morais:

“Assim como o gato ou o cãozinho de alguma ninfa adorável, por quem dez mil amantes padecem, jaz tranquilamente ao lado da encantadora donzela, e, ignorando o cenário de delícias em que repousa, medita a futura captura de um rato ou o achado de uma travessa de pão com manteiga; outrossim jazia Adams ao lado de Fanny, ignorando o paraíso de que estava tão próximo; nem podia a emanação de doçuras que fluía do hálito dela suplantar os fumos de tabaco que dançarolavam nas ventas do pastor. E o sono ainda não alcançara o bom homem quando Joseph, que acertara secretamente com Fanny de vir vê-la ao romper do dia, bateu de leve à porta do quarto; quando ele o repetiu por duas vezes, Adams gritou: - Entre, quem quer que seja! - Joseph achou que tinha-se enganado de porta, embora ela lhe tivesse dado as orientações mais precisas; todavia, reconhecendo a voz do amigo, abriu-a e viu algumas peças femininas dispostas numa cadeira. Fanny acordou no mesmo instante e, esticando o braço contra a barba de Adams, gritou: - Céus! Onde estou? - Bênçãos! Onde estou eu? - disse o pastor. Então Fanny berrou, Adams saltou da cama e Joseph ficou, como dizem os poetas trágicos, feito a estátua da surpresa. - Como ela veio parar no meu quarto? - perguntou Adams. - Como o senhor veio parar no dela? - troou Joseph, com perplexidade. - Não sei nada do assunto - respondeu Adams -, salvo que ela é uma vestal para mim. Por cristão que sou, não sei se ela é homem ou mulher. É um infiel o que não crê em bruxarias. Elas tão certamente existem hoje como nos dias de Saul. Minhas roupas também foram levadas por bruxedos, e as de Fanny trazidas no lugar delas. - Pois ele insistia em que estava em seus próprios aposentos; mas Fanny negou-o veementemente, e disse que sua tentativa de persuadir Joseph de tamanha falsidade a convencia de seus perversos desígnios. - Como! - disse Joseph, em fúria -, ele lhe mostrou alguma rudeza? - Ela respondeu que não podia acusá-lo de nada mais do que de enfiar-se vilmente na cama com ela, o que achava rudeza suficiente, e algo que

---

<sup>264</sup> Idem, p. 295.

<sup>265</sup> Idem, p. 289.

nenhum homem faria sem intenções perversas. A ótima opinião que Joseph tinha de Adams não seria facilmente abalada, e, quando soube de Fanny que nada de mau acontecera, ele se acalmou um pouco; mas ainda estava perplexo e, como conhecia a casa e sabia que os aposentos das mulheres ficavam de um lado do quarto da sra. Slipslop e os dos homens, do outro, estava seguro de achar-se no quarto de Fanny. Assegurando Adams, portanto, dessa verdade, pediu-lhe que explicasse como fora parar ali. Então Adams, de pé em seu camisão, que não ofendia Fanny, já que os dosséis da cama estavam puxados, relatou tudo o que acontecera; e, assim que concluiu; Joseph lhe disse ser óbvio que ele se confundira ao virar à direita ao invés de à esquerda. - Puxa vida - exclamou Adams -, é verdade, tão certo como seis vinténs; você acertou bem na mosca. - Então atravessou o quarto esfregando as mãos e pediu perdão a Fanny, garantindo que não sabia se ela era homem ou mulher. Essa inocente criatura, acreditando firmemente em tudo o que ele dissera, afirmou que já não estava zangada [...]<sup>266</sup>

O trecho inicia-se com novas demonstrações do desapego do pastor Adams aos prazeres carnavais e sua incansável dedicação à vida do espírito, afastando qualquer conjectura acerca de intenções maldosas de sua parte, bem como do esplendor físico de Fanny, algo que, de acordo com Claude Rawson,

“[...] subentende uma ‘normalidade’ ideal em que a proporção e o equilíbrio dos olhos humanos, seios ou membros são levados em consideração, e a cuja desfiguração nós nos referimos como ‘anormal’, bem como uma violação de valores morais costumeiros podem ser chamados de ‘não-natural’ [...]. Uma presunção anexa, familiar desde a mais remota poesia e ficção, é que o valor moral é refletido na beleza física, ao que o herói mais forte, ou a heroína ideal, tende também a ter um corpo supremamente belo.”<sup>267</sup>

O emprego de um tal tropo literário vem assim evoca e atesta ao leitor, ainda que implícita ou inconscientemente, uma contraparte positiva em termos morais, em uma complexa rede de instrumentos a torná-lo mais permeável aos preceitos éticos e religiosos da obra. Ademais, nas comparações de Adams a animais que diligentemente perseguem seus instintos ou, mais à frente, da reação de Joseph à estátua da surpresa, constata-se outra tentativa de remetê-lo a objetos externos ao universo restrito do romance com os quais possa ligar-se de forma imediata, buscando produzir assim um tipo de sinestesia visual que reforce o impacto das proposições e corrobore ou suspenda com ainda mais profundidade as certezas dadas em um primeiro momento quanto ao conteúdo moral das personagens.

A entrada do jovem rapaz, logo depois, marca o começo de uma escalada de inquietações, ao que este hesita por um instante ao ouvir a voz de Adams, em tanto crendo em sua boa natureza que pensa ter cometido um engano, evoluindo

<sup>266</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 368-370.

<sup>267</sup> RAWSON, Claude. In: RAWSON, Claude (ed.). **The Cambridge companion to Henry Fielding**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 160, tradução minha.



para a fronteira de uma contenda ao que, após a troca de um curto diálogo, Joseph e Fanny passam a desconfiar de uma malícia do clérigo, reforçada por sua incapacidade de explicar satisfatoriamente o que poderia ter acontecido, antes preferindo recorrer ao sobrenatural. O ceticismo do casal diante de uma tal fala reproduz a acima discutida incompetência que se assume, de um ponto de vista empirista, assolar enredos fantasiosos, com elementos retirados da imaginação, para além da imitação da realidade constatável pelos sentidos, para o esclarecimento das ações, motivações e efetivas relações entre os sujeitos em sua existência social - mais ainda, a aparência absurda da justificativa de Adams fá-lo mais parecer um mentiroso, pretense vício que quase destrói por completo sua credibilidade, conduzindo ao ponto de maior irritação de Joseph e Fanny. Há de se notar, não obstante, que ao longo de também este episódio as falas cortantes e reações exageradas das personagens dão vazão a um tom cômico - paroxisticamente, no espelhamento das exclamações aturdidadas de Adams e Fanny ao perceberem estar na mesma cama -, opção estética interpretada por Watt como “[...] aquele tipo convencional de perplexidade cômica que serve para intensificar nosso prazer com o final feliz, sem no meio-tempo envolver nenhum derramamento desnecessário de lágrimas de nossa parte”<sup>268</sup>, de modo a não dissipar nossa atenção “ao imediato contraponto de mal-entendido e contradição”<sup>269</sup>.

Assim sendo, a resolução da confusão ocorre com a mesma celeridade com a qual ela se inicia. Dois fatores relevantes subjazem o perdão dos noivos ao pastor Adams. Primeiro, abandonando sua justificativa mística de outrora, ele articula uma resposta que permanece nos limites do possível e do provável, algo que, seguindo o argumento de Maioli, dá a ela um “peso evidencial”<sup>270</sup> ao que, nos parâmetros da psicologia empirista, apela a “experiências passadas”<sup>271</sup> do ouvinte, ou, em resumo, “Achar algo provável é tê-lo experimentado antes”<sup>272</sup>. A experiência passada sobre a qual a narrativa apoia-se para adquirir legitimidade, contudo, possui ainda mais importância, visto que ela consiste no conhecimento

---

<sup>268</sup> WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p. 282.

<sup>269</sup> Idem, p. 282.

<sup>270</sup> MAIOLI, Roger. **Empiricism and the early theory of the novel**: Fielding to Austen. 1. ed. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2017, p. 82, tradução minha.

<sup>271</sup> Idem, p. 82, tradução minha.

<sup>272</sup> Idem, p. 82, tradução minha.

da boa natureza, benevolência e caridade do religioso. Joseph, longe de ser completamente inocente, é capaz de discernir maus intentos por trás de promessas e asseverações. No décimo-sexto capítulo do Livro II, por exemplo, estando eles a pé e sem dinheiro, deparam-se ao entrar em uma paróquia com um cavalheiro que, aparentando um comportamento gentil, promete hospedá-los pela noite e emprestar cavalos para que sigam viagem, apenas para ter de enfrentar uma série de supostos contratemplos que o impedem de cumprir com o dito, o que não impede, contudo, que Adams a princípio demonstre satisfação e gratidão, creia em suas várias desculpas e lamente seu azar, de acordo com a boa natureza que o impedia suspeitar em qualquer um a intenção de enganar, dado que ele mesmo jamais a possuía<sup>273</sup>. O rapaz, por outro lado, mantém-se cético desde o começo, vindo a declarar, após constatar seus temores confirmados, que “[...] é uma máxima entre os cavalheiros de meu ofício que os patrões que mais prometem menos cumprem; e eu os ouvi muitas vezes dizer que descobriram as melhores gorjetas nas famílias que não lhes prometiam nenhuma.”<sup>274</sup> A disposição de Joseph em estender a Adams o benefício da dúvida e, em seguida, juntamente a Fanny, aceitar de pronto a veracidade de seu relato expressam seu conhecimento da boa natureza que não permitiria ao clérigo trair seus amigos para atender a alguma ambição pessoal, com a distensão radical de humor em relação ao momento imediatamente anterior servindo para intensificar nossa percepção da envergadura desta. Mais do que isso, podemos inferir de uma das supracitadas críticas latitudinárias aos hobbesianos, qual seja, a de que sua inaptidão em enxergar qualquer virtude no espírito e nas ações humanas denunciaria não mais do que a podridão de seus próprios corações e mentes, que a capacidade de projetar determinados sentimentos, valores e motivações sobre um outro exige antes de mais nada possuí-los em si mesmo: desta feita, o imediato perdão de Joseph e Fanny ao pastor Adams revela igualmente sua identificação à caridade e benevolência que inundam o homem, deixando ver a magnitude de suas próprias boas naturezas. A derradeira ocasião em que os três protagonistas se veem reunidos privadamente, sem a presença de outras personagens, já no antepenúltimo capítulo, termina assim com um desencontro e

---

<sup>273</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 214-219.

<sup>274</sup> Idem, p. 219.

reconciliação que, conquanto breve, e até por isso mesmo, cristaliza suas índoles bondosas, castas, benevolentes e caridosas, recordando e, mais uma vez, apresentando a elevada altura de suas excelências morais e seus portes como exemplares de conduta.

Exploramos assim algumas das estratégias retóricas e estéticas utilizadas pelo narrador para assegurar sua autoridade como guia moral e transmitir, convencer e inculcar nos leitores um conjunto de valores e padrões de conduta próximos aos dos teólogos latitudinários. Estas passam pela constante remissão de suas personagens e episódios à imitação empírica da realidade, ainda que no campo do possível, extraordinário, mas não impossível; a criação de um leitor-personagem com o qual possa dialogar, sempre em posição superior; a caracterização generalista, sintetizante das personagens, pouco se preocupando em desenvolver suas individualidades, em prol de uma crítica de costumes; o desenrolar acelerado de acontecimentos, diálogos, confusões, mal-entendidos e reviravoltas, criando um conjunto de contrastes que acentue o impacto das denúncias dos vícios ou louvor das virtudes; a contraposição de personagens admiráveis àquelas reprováveis, igualmente intensificando a mensagem moral da obra; o tom cômico, que sirva para satirizar, ridicularizar e expor o absurdo da vaidade, do egoísmo, da luxúria, da hipocrisia, etc.; a cuidadosa organização ou arquitetação das sequências de eventos de modo a frequentemente criar tensões e desequilibrar o leitor, apenas para que o narrador surja como uma espécie de divindade que restaura a ordem e reafirma os princípios a guiar o mundo; a referência a tropos literários ou imaginários externos, que orientem os sentimentos dos leitores e induzam a uma sinestesia que colabore para causar um efeito mais profundo. Em resumo, portanto, podemos dizer que, por mais que a moralidade e a construção de enredo e personagens almejem fundar-se sobre parâmetros racionais, empíricos ou pragmáticos, o narrador busca frequentemente despertar emoções, fomentar tensões e direcionar a atenção do leitor em sentidos que o tornem mais permeável e receptivo a tais conteúdos, confiando não apenas em um convencimento do ponto de vista lógico, mas também na produção de sentimentos que agucem sua autopercepção e constringam-no ao cultivo de dados comportamentos e afetos. Contudo, há ainda um outro importante procedimento empregado pelo narrador nesse seu esforço que devemos analisar aqui, qual seja,

o desenvolvimento de uma relação progressivamente mais íntima com seus leitores, uma amizade a fazer-nos cada vez mais apegados a ele e, de tal maneira, predispostos a aceitar suas opiniões e recomendações. É disto, então, que iremos ocupar-nos na segunda seção deste capítulo.

## 2.2 O narrador como amigo

Para começarmos a analisar este outro elemento da caracterização do narrador de *Joseph Andrews*, sua apresentação como um amigo leal, divertido e receptivo, crucial na produção dos efeitos desejados sobre o leitor, cabe retomar algumas colocações de Wayne Booth, que, apesar de tratarem de *Tom Jones*, servem aqui em grande medida:

“Apesar do Fielding dramatizado servir para reunir várias partes de *Tom Jones* que poderiam de outro modo parecer desconexas, e apesar de ele servir dúzias de outras funções, do ponto de vista da estrita função ele vai longe demais: muito de seu comentário não se relaciona a nada além do leitor e si próprio. [...] Se nós lemos diretamente através de todas as aparentemente gratuitas aparições por parte do narrador, deixando de lado a história de Tom, nós descobrimos uma narrativa corrente de crescente intimidade entre o narrador e o leitor, uma narrativa com uma espécie de enredo próprio a um desfecho separado. [...] Em *Tom Jones*, o ‘enredo’ de nosso relacionamento com Fielding-como-narrador não possui similaridade com a história de Tom. Não há complicação, nem mesmo qualquer sequência, exceto pela gradualmente crescente familiaridade e intimidade conduzindo ao adeus. E muito do que nós admiramos ou gostamos no narrador é no mais das questões bastante diferente daquilo que gostamos ou apreciamos em seu herói.”<sup>275</sup>

De fato, também por diversas vezes na obra aqui em questão o narrador volta-se ao leitor em um tom dialógico, de quem mantém uma conversa cotidiana com um conhecido, ora com alguma piada ou constatação irônica, mais um ângulo de seu acentuado senso de humor, ora com observações de caráter mais geral, ou mesmo normativo. Logo após concluir sua dissertação acerca das gentes “subida” e “rasteira”, por exemplo, lê-se:

“E agora, leitor, espero que perdoes esta longa digressão, que me pareceu necessária para vindicar o grande caráter da sra. Slipslop de algo que a gente rasteira, que nunca viu gente subida, poderia julgar um absurdo; mas nós, que a conhecemos, devemos ter visto

---

<sup>275</sup> BOOTH, Wayne. **The rhetoric of fiction**. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1983, p. 215-217, tradução minha.

diariamente pessoas muito subidas reconhecendo-nos em um lugar e não em outro, hoje e não amanhã; tudo o que seria difícil justificar senão pelo modo como aqui procurei fazer; [...]"<sup>276</sup>

Dois efeitos, ou ao menos a intenção de causá-los, são distinguíveis nesse trecho: primeiro, a referência direta a nós, leitores, reforça uma sensação de proximidade, de participarmos de uma conversa pessoal com um sujeito que acompanhamos em uma jornada; ademais, ao adotar a primeira pessoa do plural e supor uma experiência comum e desagradável a ambos, a de ser esnobado por conta de uma determinada posição social, o narrador convida a que nos identifiquemos com ele e elevemos nosso grau de empatia, tornando-nos ainda mais envolvidos e permitindo que nos sintamos mais confortáveis com sua companhia, como se na presença de uma pessoa honesta e compreensiva. Já em um momento anterior, assim se descreve a estupefação de Lady Booby quando Joseph recusa suas ofertas por sua preocupação em preservar sua virtude:

“O leitor já ouviu poetas falando da Estátua da Surpresa; já ouviu igualmente, ou do contrário terá ouvido bem pouco, como a surpresa fez falar um dos filhos de Crespo, embora fosse mudo. Viu os rostos, na galeria dos dezoito *pence*, quando pelo alçapão, sob música suave ou sem música, o sr. Bridgewater, o sr. William Mills ou algum outro de aparência espectral ascendeu com o rosto todo pálido de pó e a camisa ensanguentada de fitas; mas de nenhum desses, nem mesmo de Fídias ou Praxíteles, caso tornassem à vida... não, nem mesmo do lápis inimitável de meu amigo Hogarth lhe adviria uma tal ideia da surpresa como a que teria penetrado seus olhos houvessem eles contemplado Lady Booby no momento em que essas últimas palavras afloraram dos lábios de Joseph.”<sup>277</sup>

Resta evidente, antes de mais nada, a tentativa do narrador de se aproximar de seu leitor a partir de um perfil cultural, uma formação neoclássica e uma familiaridade com a literatura, o teatro, a pintura e a escultura que se pressupõe que ambos compartilhem: como pode ser observado quando da discussão, no Prefácio, acerca da ocasional admissão do burlesco na dicção, particularmente “nas descrições de batalhas e em alguns outros trechos que escusa apontar ao leitor clássico, para cujo entretenimento tais paródias ou imitações burlescas foram mormente calculadas”<sup>278</sup>, este constitui o público-alvo privilegiado da obra, uma consequência algo inevitável do fato de que, como aponta Ian Watt,

---

<sup>276</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 201.

<sup>277</sup> Idem, p. 91.

<sup>278</sup> Idem, p. 60.

“Fielding estava mergulhado na tradição clássica e, embora não se curvasse passivamente às normas, achava que a crescente anarquia do gosto literário exigia medidas drásticas”<sup>279</sup>. A remissão a tais elementos, desse modo, visam igualmente fomentar uma identificação entre narrador e leitor, agora com base na partilha de um conjunto de signos sociais e culturais distintivos que subentendam, por sua vez, uma mútua compreensão de vivências, opiniões e valores, uma espécie de companheirismo e, assim, uma convivência prazerosa. Entretanto, não se pode deixar de considerar que o objetivo retórico desta interrupção sobre o fluxo da trama e a listagem de tais imagens é a produção de um suspense que, ao fim, acentue o caráter ridículo e a comicidade da reação de Lady Booby, motivada pela vaidade e a luxúria, um uso do humor que, por um lado, regozijando-nos, contribui para fazer-nos mais afeitos à voz que conta a história e aumenta nossa permeabilidade a seus conteúdos morais, enquanto, por outro, funciona como ferramenta de desmascaramento e denúncia dos vícios, obrigando-nos a recuperar uma já mencionada colocação de Fielding, qual seja, a de que a “alegria e o riso requintados”<sup>280</sup> são melhores promotores do “bom humor e benevolência”<sup>281</sup> dos indivíduos, e, dessa feita, de um comportamento civil e amável para com os demais, do que “uma tragédia ou uma palestra solene”<sup>282</sup>. Assim sendo, apontamos três instrumentos retóricos com os quais o narrador busca criar uma relação próxima e amistosa com o público, de modo a elevar o nível de confiança por este depositado sobre ele e facilitar, portanto, a transmissão de suas perspectivas morais e comportamentais: o encaminhamento imediato de sua fala aos leitores, o que, criando a sensação de um diálogo, torna-os interlocutores, prendendo suas atenções e obrigando-os a posicionar-se e, então, interagir com a obra; a referência a experiências, emblemas e valores sociais e culturais que fomentem identificação e empatia, um senso de pertencimento, conforto e camaradagem entre as partes; e, um emprego do humor que conceda leveza e graça à convivência, acentuando um prazer que reforce nosso apego ao narrador e favoreça nossa inclinação ou, ao menos, abertura para a recepção de suas ideias e exortações.

---

<sup>279</sup> WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p. 264.

<sup>280</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 61.

<sup>281</sup> Idem, p. 61.

<sup>282</sup> Idem, p. 61.

Uma melhor compreensão desses pontos exige observar algumas das proposições retóricas elaboradas por um outro autor, Anthony Ashley-Cooper, o 3º Conde de Shaftesbury (1671-1713), de quem se pode assegurar a influência intelectual sobre Fielding, ou, ao menos, a familiaridade deste com seus escritos a partir de sua citação direta em uma passagem do Prefácio (ainda que esta não possua uma importância direta aqui): “E quer me parecer que a opinião de milorde Shaftesbury sobre o mero burlesco coincide com a minha quando ele assevera que ‘não se há de encontrar tal coisa nos escritos dos antigos’”<sup>283</sup>. A percepção das afinidades entre ambos, ademais, possui uma longa trajetória, como se constata ao que uma das correntes interpretativas acerca dos fundamentos morais de *Joseph Andrews* que Battestin procura combater, detendo grande relevância então, entendia na obra uma afinidade ao deísmo, bem como que “a ênfase de Fielding sobre a bondade natural e a benevolência social”<sup>284</sup> representaria “a moralidade ‘de lorde Shaftesbury vulgarizada’”<sup>285</sup>, com o estudioso criticando-a com base em que

“[...] embora Fielding ocasionalmente tenha aludido com admiração aos ensaios engenhosos de Shaftesbury em crítica literária, *Soliloquy; or Advice to an Author e Sensus Communis; an Essay on the Freedom of Wit and Humour*, ele em geral evitou recomendações das perspectivas éticas de *Characteristics*.”<sup>286</sup>

De fato, embora, como nota Duarte, Shaftesbury tenha várias vezes expressado admiração por teólogos latitudinários, como Benjamin Whichcote (1609-1683), Jeremy Taylor (1613-1667), Ralph Cudworth (1617-1688), Henry More (1614-1687) e John Tillotson, e afirmado sua fé cristã e obediência à Igreja da Inglaterra<sup>287</sup>, uma acusação frequentemente a ele dirigida era a de “deísta”<sup>288</sup>, consequência de sua defesa do livre-pensamento e de uma religião racionalista e liberal voltada a “promover a tolerância, a caridade e a virtude em geral”<sup>289</sup>, dispensando, contudo, a importância de ideias como “‘Graça’, ‘pecado original’, ‘sacrifício’, ‘revelação’, ‘redenção’, ‘cidade celestial’, ‘recompensas e punições’

<sup>283</sup> Idem, p. 61.

<sup>284</sup> BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding’s art: a study of Joseph Andrews**. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 12, tradução minha.

<sup>285</sup> Idem, p. 12, tradução minha.

<sup>286</sup> Idem, p. 12, tradução minha.

<sup>287</sup> DUARTE, João. **O progresso do peregrino: religião e política na gênese do Iluminismo inglês**. 1.ed. Curitiba: Prismas, 2017, p. 202.

<sup>288</sup> Idem, p. 204.

<sup>289</sup> Idem, p. 203.

[...]”<sup>290</sup>. Entretanto, ainda que suas perspectivas morais e teológicas não tenham em muito encontrado a simpatia de Fielding, não é absurdo conjecturar o contrário em relação a suas reflexões sobre retórica. Ao longo de suas experimentações em *Characteristics of Men, Manners, Opinions, Times*, de 1711, em que visa encontrar uma linguagem adequada para a transmissão de conteúdos morais e a reforma comportamental de seu público cavalheiresco, de recortes sociais urbanos mais elevados, favorecendo um porte polido e civil, ele critica, como aponta Duarte, o estilo dos sermões sacerdotais e acadêmicos:

“A voz magistral e o tom elevado do pedagogo comandam reverência e temor’, sendo ‘de uma utilidade admirável para manter os entendimentos à distância e fora de alcance’, ironiza o filósofo. Monológicos, rígidos, impolidos, intimidadores e tediosos, o sermão e a conferência não ensinam, ‘tutoram’, i.e., induzem uma obediência passiva nos ouvintes e servem apenas à autocelebração do orador. Para Shaftesbury, a oratória acadêmica e clerical era inerentemente perniciosa à vida moral e uma fala mais ‘polida’ se fazia necessária, mais próxima do *sermo*, da palavra viva, natural e dialógica do intercâmbio amistoso e privado, do que da *eloquencia*, a palavra solene, artificial e atemorizante dos discursos acadêmicos e eclesiásticos.”<sup>291</sup>

A conversação polida era assim “o modelo ético-discursivo ideal”<sup>292</sup>, abrangendo “um domínio intersubjetivo amplo, no qual estão envolvidos modos de agir vis-à-vis ao outro e o intercâmbio de opiniões e sentimentos - um domínio que poderíamos definir como o da ‘sociabilidade’”<sup>293</sup>, no qual pessoas educadas, refinadas por uma autorreflexão constante e sistemática, conviveriam em um “diálogo franco, livre e racional”<sup>294</sup>, distinto da “monotonia pedante e dominadora do púlpito e da cátedra”<sup>295</sup>. Em suma,

“[...] a liberdade defendida por Shaftesbury exige uma situação autorregulada de interação interpessoal discursiva, um ‘público’ engajado em processos abertos de troca, exame e crítica. Garantida a sua condição de plena operação, ela funciona como um elixir ou purgante poderoso, dotado da capacidade extraordinária de dissolver humores e temperamentos antinaturais e de corrigir todo tipo de excesso nas maneiras, nos costumes, nas opiniões, nas artes e nos demais produtos intelectuais, estabelecendo a justa medida do *wit*, do humor e do gosto, i.e., a verdadeira ‘polidez’. [...] ‘Toda a polidez deve-se à liberdade’” porque a interação e a discussão abertas [...] tendem, na visão do filósofo, a desmascarar o falso e a corrigir o erro, de maneira análoga ao que ocorre a

---

<sup>290</sup> Idem, p. 214.

<sup>291</sup> Idem, p. 219.

<sup>292</sup> Idem, p. 224.

<sup>293</sup> Idem, p. 224-225.

<sup>294</sup> Idem, p. 226.

<sup>295</sup> Idem, p. 226.



objetos que, submetidos a um atrito constante pelo contato com outros objetos, têm seus ângulos e asperezas polidos.”<sup>296</sup>

Um diálogo guiado dessa maneira por razão, respeito mútuo, equilíbrio, prudência e civilidade, capaz de envolver os interlocutores, levá-los a refletir sobre os mais diversos temas, convencê-los e, inculcando idéias, valores e normas de conduta, dirigir seus sentimentos e ações, devia passar, entre outros elementos, por “bom humor e divertimento, pois uma conversação deve ser prazerosa para atrair e manter a atenção do grupo”<sup>297</sup>. O humor, ademais, seria “um lenitivo geral contra o vício e uma espécie de remédio específico contra a superstição e a ilusão melancólica”<sup>298</sup>, alusão evidente à supracitada concepção fisiológico-moral que tentava desacreditar a fé das congregações puritanas antinomianas, indo além para também atacar o clero *High-Church* por sua maneira ríspida, violenta e irracional de combatê-las, recomendando uma “gentil simpatia, penetrando no motivo da inquietação das pessoas”<sup>299</sup> para então “afastá-la e curá-la por meios joviais”<sup>300</sup> e tomando como “sem sentido”<sup>301</sup> a ambição de

“Prescrever limites à imaginação e à especulação, regular as apreensões, crenças e temores religiosos dos homens, suprimir pela violência a paixão natural do entusiasmo ou tentar defini-la e reduzi-la a uma espécie ou submetê-la a uma forma determinada [...]”<sup>302</sup>

As funções do humor na manutenção do bem-estar social, na promoção de uma postura sóbria, moderada, racional e tolerante por parte dos sujeitos e na exposição do vício e do erro é então assim descrita por João de Azevedo e Dias Duarte:

“O ‘humor’ tem dois sentidos relacionados aqui: enquanto ‘ridículo’ e ‘zombaria’, é a melhor arma contra a falsidade e a impostura de toda a sorte; e, enquanto ‘um tipo sóbrio de jovialidade’, é o temperamento apropriado para ajuizar sobre o próprio caráter e sobre tudo mais, inclusive a religião. A ‘gravidade’, diz Shaftesbury, ‘é da mesma essência da impostura’. Certas coisas que podem parecer ‘muito graves e imponentes em nossa imaginação’ são, na realidade, ‘muito ridículas e impertinentes em sua própria natureza’. Ao assumir opiniões ‘de forma irrefletida’, podemos estar consagrando ‘certas noções-ídolo’, que, ‘talvez, sejam monstros e não divindades e verdades sagradas’. É fundamental, portanto, distinguir aquilo que é realmente sério e digno de atenção daquilo

---

<sup>296</sup> Idem, p. 230.

<sup>297</sup> Idem, p. 231.

<sup>298</sup> Idem, p. 238.

<sup>299</sup> Idem, p. 241.

<sup>300</sup> Idem, p. 241.

<sup>301</sup> Idem, p. 241.

<sup>302</sup> Idem, p. 241.

que é mero embuste e deve ser desmascarado. O teste decisivo, nesse caso, é o ‘ridículo’: ‘a verdade, supõe-se, mantém-se invariável sob qualquer luz, e uma dessas luzes principais, ou meios naturais, pelas quais as coisas podem ser vistas de modo a obter-se um completo reconhecimento é o próprio ridículo, ou aquela forma de prova pela qual discernimos o que é merecedor de justa zombaria em qualquer assunto’. A luz do ridículo, o ouropel é posto a nu e o ouro reluz. ‘Pois qual ridículo pode prevaricar contra a razão?’<sup>303</sup>

Tais colocações fazem lembrar a intenção declarada de Fielding no Prefácio a seu debute como romancista de restringir a obra apenas à exposição do “ridículo”, cuja “única fonte”<sup>304</sup> seria a afetação, por sua vez provinda da vaidade e da hipocrisia, estas consistindo, em geral, em um desencontro entre a aparência externa de um objeto ou ação e sua verdadeira natureza, cuidando de garantir, contudo, que ela permaneça somente onde adequada, não se estendendo a tragédias ou males como “a feiura, a enfermidade e a pobreza”<sup>305</sup> em si mesmas, também em sintonia com a posição de Shaftesbury, que entendia haver “uma grande diferença entre buscar transformar tudo em matéria de riso e buscar, em tudo, aquilo que merece o riso”<sup>306</sup>.

Mais ainda, Fielding e Shaftesbury têm em comum a ênfase no diálogo e no bom humor enquanto estratégias de sociabilidade, captura da atenção e estima dos interlocutores, convencimento e promoção de valores, sentimentos e comportamentos. Para melhor esclarecer a influência que as ideias do filósofo provavelmente alcançaram sobre o romancista, comparemos um trecho de um sermão de Isaac Barrow, *Of Being Imitators of Christ* - no qual Battestin entende ter Fielding se inspirado para formular os protagonistas Joseph e pastor Adams como exemplos de castidade e caridade, respectivamente<sup>307</sup> -, a um de *Joseph Andrews*, com ambos discorrendo sobre um mesmo tópico, a importância de figuras virtuosas como paradigmas sob os quais possamos refletir nossas ações e buscar bem encaminhá-las. Dessa maneira Barrow apresenta a questão:

“Nós podemos ademais considerar que, na natureza da coisa mesma, bons exemplos são de singular vantagem para nós, como sendo aptos a ter uma poderosa virtude, eficácia e

<sup>303</sup> Idem, p. 236-237.

<sup>304</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 63.

<sup>305</sup> Idem, p. 64.

<sup>306</sup> *apud* DUARTE, João. **O progresso do peregrino: religião e política na gênese do Iluminismo inglês**. 1.ed. Curitiba: Prismas, 2017, p. 237.

<sup>307</sup> BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding’s art: a study of Joseph Andrews**. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959, p. 26.

influência sobre nossa prática: consideração a qual devia muito nos engajar a observá-la, aplicando-a como um instrumento de fazer a nós mesmos bons, e conseqüentemente de nos tornar felizes. Bons exemplos são, como eu digo, de enorme vantagem para a prática em várias contas. Exemplos mais sintética, fácil e agradavelmente informam nossas mentes, e dirigem nossa prática, que preceitos, ou qualquer outra forma ou instrumento de disciplina. Preceitos são proferidos em uma maneira universal e abstrata, nua, vazia de toda roupagem circunstancial, sem qualquer intervenção, assistência ou voto de sentido; e conseqüentemente não podem ter uma operação veemente na imaginação, e logo abandonam a memória; como clarões de um relâmpago, sutis demais para causar qualquer grande impressão, ou deixar qualquer pegada notável, naquilo que encontram; eles devem ser expressos em termos agradáveis, e digeridos no método exato; eles são variados, e em muitos pedaços desarticulados conspiram para criar um corpo inteiro de direção: eles também admitem casos diversos, e requerem várias exceções, ou restrições, a se apreender distintamente e reter longamente na memória, necessitam um esforço entediante e contínua atenção da mente, junto de um juízo afiado e constante. Mas bons exemplos, com menos problemas, mais velocidade e maior eficácia, nos fazem compreender o negócio, representando-o como uma figura exposta aos sentidos, tendo as partes ordenadamente dispostas e completamente unidas, adequadamente vestidas e arrumadas em suas circunstâncias; contido em um compasso estreito, e perceptível em uma olhada, tão facilmente se insinuando na imaginação, e de forma duradoura permanecendo lá dentro: neles você vê de uma vez descritas a coisa feita, a qualidade do agente, a maneira de se fazer, os minuciosos períodos, medidas e complementos da ação; com tudo aquilo com o qual você poderia talvez não ser, por numerosas regras, familiarizado; e isso no mais dócil, familiar e deleitoso modo de instrução, que é pela experiência, história e observação de eventos tangíveis. Um sistema de preceitos, ainda que primorosamente compactado, é, em comparação, nada mais que um esqueleto, uma massa seca, escassa, sem vida, exibindo nada de pessoa, lugar, tempo, maneira, grau, nos quais principalmente a carne e sangue, as cores e graças, a vida e alma das coisas consistem; de modo que assim elas nos agradam, afetam e movem: mas os exemplos comunicam, além disso, uma benévola corpulência, uma vida, um movimento; faz dele conspícuo, ilustrado e ativo, transformando sua universalidade ideal em realidade de singular subsistência."<sup>308</sup>

Impossível deixar de notar que Barrow lança mão de alguns recursos também empregados por Fielding, por vezes se referindo, ainda que com um genérico “você” ou, no máximo, um “nós”, diretamente a seu ouvinte, utilizando imagens retiradas do mundo natural na construção de seu argumento, causando assim um maior impacto, e enraizando a legitimidade de sua fala em constatações empíricas. Ainda assim, o tom da exposição é muito mais grave e solene, com as distinções entre preceitos abstratos e exemplos práticos, bem como a apresentação de qualidades próprias, se dando de maneira sistemática, rigorosa e professoral, sensação intensificada mesmo pela força e assombro engendrado por suas metáforas (“o clarão de um relâmpago”, “um esqueleto”, “uma massa seca, escassa e sem vida”, “a carne e o sangue”). Em momento algum os ouvintes são

---

<sup>308</sup> In: VALPY, Abraham (ed.). **The works of dr. Isaac Barrow:** with some account of his life, summary of each discourse, notes, etc. by the rev. T. S. Hughes, B. D.. 1. ed. Londres: A.J. Valpy, 1830, p. 452-453, tradução minha.

chamados para opinar ou contra-argumentar, com Barrow em todo momento posicionando-se indiscutivelmente na posição de autoridade intelectual e espiritual, passando de ponto a ponto, descrição a descrição, de uma conceitualização a outra como quem firmemente proclama uma verdade, uma lição, dizendo aquilo que *é* - a remissão direta aos fiéis, assim, vem em parte com o propósito de reforçar a potência do argumento pela identificação automática, através da primeira pessoa do plural, da norma encetada pelo orador e as realidades particulares de cada presente, ou, de outro modo, dissipar distrações e garantir que o discurso esteja sendo bem acompanhado, devendo seus receptores, no entanto, permanecer escutando de forma passiva, acolhedora e submissa, própria às relações de poder implícitas quando de matérias religiosas entre o sujeito que ocupa o púlpito e seu público. Evidentemente, há de se levar em consideração o ambiente, o contexto e os objetivos que atravessam os elementos estéticos de um texto, sendo em algo inevitável uma tamanha seriedade e a asserção absoluta por parte de um clérigo de sua proeminência como líder e guia fiel na fé e nos costumes durante uma cerimônia eclesial, na qual as noções afirmadas se pretendem verdades cabais e transcendentais a serem seguidas - Erich Auerbach, em seu livro *Mimesis*, publicado em 1946, já aponta em sua análise da história bíblica de Abraão essa qualidade “autoritária” da crença religiosa, que se reflete na sua retórica própria:

“O encantamento sensorial não é a sua intenção, e se, não obstante, têm um efeito bastante vital também no campo sensorial, isto se deve ao fato de que os sucessos éticos, religiosos, interiores, que são os únicos que lhes interessam [aos relatos bíblicos], se concretizam no material sensível da vida. Porém, a intenção religiosa condiciona uma exigência absoluta de verdade histórica. [...] O que ele [o narrador bíblico] produzia, portanto, não visava, imediatamente, à ‘realidade’ - quando a atingia, isto era ainda um meio, nunca um fim -, mas à verdade. Ai de quem não acreditasse nela! [...] A pretensão de verdade da Bíblia é não só muito mais urgente que a de Homero, mas chega a ser tirânica; exclui qualquer outra pretensão. O mundo dos relatos das Sagradas Escrituras não se contenta com a pretensão de ser uma realidade historicamente verdadeira - pretende ser o único mundo verdadeiro, destinado ao domínio exclusivo. Qualquer outro cenário, quaisquer outros desfechos ou ordens não têm direito algum a se apresentar independentemente dele, e está escrito que todos eles, a história de toda a humanidade, se integrarão e se subordinarão aos seus quadros. Os relatos das Sagradas Escrituras não procuram o nosso favor, como os de Homero, não nos lisonjeiam para nos agradar e encantar - o que querem é nos dominar, e se nos negamos a isto, então somos rebeldes.”<sup>309</sup>

---

<sup>309</sup> AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 11-12.

Fielding também reconhece que gêneros diferentes demandam tratamentos estéticos distintos, submetidos aos temas e objetivos ali cabidos, não sendo necessário para demonstrá-lo mais do que o resgate de um comentário do pastor Adams no décimo-primeiro capítulo do Livro III de *Joseph Andrews*: “Nunca soube de nenhuma peça adequada à leitura de um cristão, exceto *Catão* [, de Joseph Addison] e *Os Amantes Conscienciosos* [, de Richard Steele]; devo reconhecer que na última há coisas *quase solenes o bastante para um sermão*”<sup>310</sup>. Ainda assim, é difícil não pensar na antipatia de Shaftesbury pelo estilo austero, intimidador e tedioso dos sermões, inspirando não muito mais que “reverência e temor”, quando nos defrontamos com a fala incisiva de Barrow.

Vejamos assim como o tema é tratado no primeiro capítulo do Livro I da obra aqui estudada:

“É uma observação batida mas verdadeira a de que exemplos atuam na mente com mais força que preceitos. E se isso é justo quanto ao odioso e repreensível, é-o mais forçosamente para o amável e louvável. Aí a emulação opera com máximo efeito sobre nós, e inspira nossa imitação de maneira irresistível. Um homem bom é portanto uma lição constante para todos os seus conhecidos, e de muito maior uso nesse círculo restrito do que um bom livro. Mas como amiúde ocorre de os melhores homens serem pouco conhecidos, e não poderem por conseguinte estender em muito a serventia de seus exemplos, o escritor pode ser chamado em auxílio para melhor difundir sua história e apresentar os adoráveis retratos aos que não têm a felicidade de conhecer os originais; e assim, ao comunicar tais modelos valiosos ao mundo, ele talvez preste um serviço mais durável à humanidade do que a pessoa cuja vida originalmente serviu de modelo. Sob essa luz sempre considere aqueles biógrafos que registraram as ações de grandes e dignos indivíduos de ambos os sexos. Para não falar daqueles autores antigos, que hoje em dia são pouco lidos, sendo lavrados em idiomas obsoletos e, como em geral se alvitra, ininteligíveis - tais como Plutarco, Nepote e outros de que ouvi falar na juventude -, nossa própria língua oferece muitos exemplos de excelente uso e instrução, finamente calculados para plantar nos jovens as sementes da virtude, e facilimos de entender por pessoas de capacidade moderada. Assim são a história de João, o Grande, que por suas bravas e heróicas ações contra homens de corpo vultoso e atlético conquistou o glorioso epíteto de mata-gigantes; a de certo Conde de Warwick cujo prenome era Guido; as vidas de Argalo e Partênia; e, acima de tudo, a história daqueles sete valorosos personagens, os Campeões da Cristandade. Em todos esses o deleite se mistura à instrução, e o leitor é quase tão engrandecido como entretido.”<sup>311</sup>

Embora o Fielding-narrador também inicie com uma série de asserções que, disfarçando-se como meramente descritivas, não deixam de ser, à segunda vista, normativas, recurso, portanto, próximo ao utilizado por Barrow, servindo para estabelecer de forma discreta a superioridade do conhecimento do orador e seu

<sup>310</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 303, grifos meus.

<sup>311</sup> Idem, p. 69-70.

lugar de autoridade, o tom com que esta se dá é muito diferente: afirmando seu ponto ser uma “observação batida” e, em seguida, elaborando-o em frases concisas, que se nos dirigem de maneira sumária, informando-nos um conjunto de opiniões sobre a relação entre exemplos e preceitos e o poder dos primeiros sobre os padrões de comportamento como se fosse ele autoevidente e unânime, não requerendo assim maiores explicações, a exposição se afasta da gravidade que marca o sermão do teólogo e passa a soar corriqueira, cotidiana, uma leveza que deixa o leitor plácido e confortável, ao contrário da fala anterior, que com seus esforços de classificação e esclarecimento, listagem de características e emprego de metáforas e delicados destrinchamentos, assume o ar de um assunto de extraordinária importância. Mais ainda, há de se distinguir o modo como se recomenda a observância dos bons exemplos em um e outro caso. No Fielding-narrador, fala-se de uma irresistibilidade da imitação destes, que, ademais, espraariam os benefícios de sua presença para todo um círculo social, quase que dispensando a necessidade de qualquer esforço por parte do leitor, que pode então relaxar sabendo estar prestes a receber enormes vantagens, tanto em sua vida interior individual, quanto em seu dia-a-dia social, uma promessa de ganhos difícil de se rechaçar. Barrow, enquanto isso, comanda-nos a um ativo engajamento em imitar os bons exemplos, a uma aplicação deles como instrumentos em nossa melhoria, dedicando em seguida um tempo considerável para alertar-nos da insuficiência dos preceitos abstratos, construção que mais opera em despertar um medo quanto a possibilidade de nosso fracasso e induzir a uma ansiosa diligência. Finalmente, Fielding-narrador, humilde e acolhedoramente, abranda a altivez de seu papel, descrevendo-se como não mais do que um auxiliar a levar ao conhecimento de mais pessoas exemplos louváveis, uma modéstia que permite-nos entrar em uma relação mais horizontal, sem a distância de soberano e súdito, mas como dois semelhantes que começam a se conhecer, deixando-nos tranquilos para formar nossas próprias concepções acerca de seus argumentos.

Na sequência, passa-se ao apontamento de autores, indivíduos e histórias que oferecem consideráveis ganhos morais aos que os conhecem, entre os clássicos, bem como em narrativas folclóricas ou romanescas então bastante

populares, religiosas<sup>312</sup> ou não. Por um lado, a afirmação de sua intimidade com tais leituras adianta a vasta erudição que o narrador apresenta no decorrer do livro, prova assim de seu refinado intelecto, e, sobretudo, advoga em prol de sua própria qualidade moral, visto que fica implícito ter ele extraído os ensinamentos nelas contidos e convertido-as a sua prática, estabelecendo-o logo de saída como um caráter confiável, com o qual podemos envolver-nos sem maiores receios. Por outro, há a tentativa de se abrir um campo comum de gostos e referências culturais para com seus interlocutores que os anime a aproximar-se e a abrir-se para o desenvolvimento de uma amizade - percebe-se que apesar de não deixar de citar escritores da Antiguidade, algo que talvez poderia ser considerado uma mostra de pouca educação por leitores com uma formação clássica, o narrador prefere deixá-los de lado, quiçá temendo soar pedante ou intimidador para a maioria que o acompanhasse, antes focando-se sobre histórias mais disseminadas na cultura popular, em uma atitude simpática e acolhedora.

Na continuação do capítulo, contudo, deparamo-nos com uma súbita virada sarcástica:

“Mas passo por estes e muitos outros para mencionar dois livros recém-publicados que representam modelos admiráveis do amável em um e outro sexo. O primeiro deles, que trata da virtude masculina, foi escrito pela própria pessoa eminente que viveu a vida que registrou, e que no entender de muitos não viveu tal vida senão para escrevê-la. O outro nos foi comunicado por um historiador que toma suas luzes emprestadas, como é o método comum, de documentos e registros autênticos. O leitor, creio eu, já conjectura que me refiro às vidas do sr. Colley Cibber e da sra. Pamela Andrews. Quão habilmente o primeiro, ao insinuar que *escapou* de ser promovido aos mais altos escalões da Igreja e do Estado, nos ensina o desdém da grandeza mundana! Quão firmemente nos inculca a absoluta submissão a nossos superiores! Por fim, quão completamente nos arma contra uma paixão tão irrequieta e miserável como o medo da vergonha, quão claramente expõe o vazio e a vaidade daquele delírio, a reputação! O que as leitoras aprendem com as memórias da sra. Andrews é tão bem exposto nos excelentes ensaios ou cartas prefixados à segunda e às subsequentes edições da obra que seria aqui uma repetição desnecessária. A história autêntica com que ora presenteio o público é um exemplo de grande bem que aquele livro promete fazer, e da prevalência dos exemplos que há pouco mencionei; pois se verá que foi sobretudo tendo em vista o excelente padrão de virtudes de sua irmã que o sr. Joseph Andrews pôde preservar sua pureza em meio a tão grandes tentações. Só acrescentarei que esse caráter da castidade masculina, embora sem dúvida tão desejável e cabível em uma parte da espécie humana como na outra, é quase que a única virtude que o grande apoloquista não se arrogou por amor de dar o exemplo a seus leitores.”<sup>313</sup>

Evidentemente, a alusão direta a fenômenos culturais amplamente difundidos na

---

<sup>312</sup> Idem, p. 70, nota de rodapé.

<sup>313</sup> Idem, p. 70.

época, a autobiografia do ator, dramaturgo e diretor Colley Cibber (1671-1757)<sup>314</sup> e o romance *Pamela*, servem para ironizar e desdenhar de seus conteúdos morais e a forma de apresentação destes, simultaneamente anunciando um modelo ético e estético contrastante. Mas, mais ainda, a passagem leva a seu extremo aquele estabelecimento de uma gama de referências culturais e sociais compreendidas por todos os participantes de uma interação, indo além para, a partir do uso de um humor zombeteiro, fundar uma identidade de sentimentos e opiniões, de preferências e animosidades sobre as quais uma relação íntima possa crescer, envolvendo o leitor através de uma afinidade ora “positiva”, ou seja, com o compartilhamento de valores, de apreço por determinados produtos culturais e de sentimentos admiráveis e caloroso, ora “negativa”, com o riso e o desprezo por dadas atitudes, preceitos morais e artefatos culturais de fundo vaidoso. Não só humor e coparticipação em um mesmo universo cultural, no entanto, aproximam narrador e leitor aí: o deslocamento do assunto para tópicos então extremamente presentes nas conversas e discussões do cotidiano dão ao trecho uma definitiva sensação de diálogo entre duas partes, da maneira como poderia se dar em uma das “recentes instituições urbanas de sociabilidade, como as ‘*coffee-houses*’, e das publicações impressas a elas associadas”<sup>315</sup>, que então se multiplicavam e representavam, segundo o filósofo Jürgen Habermas, em seu livro *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, “os centros de uma crítica inicialmente literária e depois também política, nos quais começa a ser produzida uma paridade das pessoas cultas entre a sociedade aristocrática e a intelectualidade burguesa”<sup>316</sup>. Mais do que simplesmente referendar as opiniões de um narrador que não deixa brechas para discordâncias, o leitor é incitado a uma reflexão acerca das obras criticadas e dos argumentos levantados no ataque, para assim se posicionar autonomamente de forma favorável ou não em relação a tais problemas. No momento em que o Fielding-narrador dirige-se ao leitor para supor as conjecturas

---

<sup>314</sup> Colley Cibber foi um poeta, ator e dramaturgo contemporâneo de Fielding, tendo cumprido um importante papel em catapultar a carreira deste no teatro. Apesar disso, a relação dos dois posteriormente degingolou, com mútuos ataques e ofensas públicas de um lado a outro em suas publicações. De fato, crendo inicialmente ser *Pamela* de sua autoria, Fielding assinou *Shamela* sob o pseudônimo de “Conny Keyber”. Para mais informações, cf. MAIOLI, Roger. In: FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011.

<sup>315</sup> DUARTE, João. História, Romance e Iluminismo: considerações preliminares. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 62, p. 555-572, 2017, p. 559.

<sup>316</sup> HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2014, p. 143.



deste, coloca-se igualmente que ele possui uma dimensão participativa, interativa, capaz de antecipar falas, de responder, de assentir ou não, de pensar. Em outra instância, já ao final, quando se nos pontua um último acréscimo à fala, tem-se a impressão de um interlocutor que, tendo já longamente discorrido sobre um tema, não quer parecer indelicado, prolixamente monopolizando a conversa, reforçando esse efeito de diálogo e troca. O processo de crítica e reflexão que o leitor, frequentemente obrigado a se posicionar, deve assim enfrentar, nele solidifica e intensifica seu alinhamento às opiniões apresentadas, ao vê-lo emergir de si próprio, de seu raciocínio, e não imposto por alguma autoridade externa que submete-o a acatar uma verdade sobre a qual não detém nenhum poder. Entretanto, esse tamanho grau de liberdade de consciência que o narrador parece a princípio conceder é apenas ilusório, ou, na melhor das hipóteses, parcial. Arquitetando cuidadosamente a progressão do discurso, o narrador constrói e nos mergulha em um universo de premissas e atestações infundidas de parcialidade que, entretanto, como já discutido, são apresentadas como colocações objetivas, obviedades, simples lugares-comuns que não merecem maior preocupação, acabando por ser, contudo, profundamente consequentes, ao elevar um conjunto de concepções estéticas e morais e referências culturais compartilhadas que as representam ao posto de certezas absolutas e cristalinas enquanto guias de condução das ações, não estando essas abertas ao debate. Ao enfim sermos chamados a nos pronunciar, a escala de valores subjacente à obra já foi sorratamente depositada sob nossos pés na forma de axiomas éticos e estilísticos, estreitando sem que percebêssemos o número de respostas que podemos tranquilamente formular: controlando habilmente seu texto e aplicando com precisão as ferramentas retóricas necessárias onde o convém, o narrador mitiga as probabilidades de discordâncias radicais, moderando-as, ou até, no melhor dos casos para si, anulando-as. As ambições de reforma de valores e comportamentos de *Joseph Andrews* passam assim por uma poderosa ilusão de participação e interação, de que, de alguma forma, somos capazes de intervir nos rumos da obra ou nos pontos de vista desse condescendente “narrador-deus”, de que o sentido por nós retirado de nosso percurso pelos vários episódios e confusões está em grande parte sob nosso controle, raramente vindo à tona a complexa teia retórica e estrutural traçada ao nosso redor por nosso companheiro

de viagem. Como salienta Roland Barthes, o ato de escrever significa erigir-se em “centro do processo de palavra, é efetuar a escritura afetando-se a si próprio, é fazer coincidir a ação e o afeto, é deixar o escritor no interior da escritura, não a título de sujeito psicológico [...], mas a título de agente da ação”<sup>317</sup>: ao fim e ao cabo, o mestre do texto e o único responsável por seu encadeamento e direção é o autor, não sendo nosso desejo em nada capaz de alterá-lo. Ainda assim, uma parte significativa de seu brilhantismo retórico e narrativo reside precisamente na tensão entre esse fato e a sensação latente de autonomia, liberalidade e amizade que nos é estendida.

Porém, as diferenças de função e lugar de um sermão e uma história de ficção impõem limitações ao grau de conveniência desta comparação. Como tal, passemos agora a uma segunda, dessa vez com o romance *Pamela*, de Samuel Richardson, detendo-nos em um e outro nas formas pelas quais duas personagens análogas, as não muito virtuosas criadas domésticas sra. Jewkes e sra. Slipslop, têm suas aparências físicas brevemente descritas. A casta protagonista Pamela Andrews assim fala da primeira, responsável por vigiá-la duramente na casa onde permanece boa parte do livro sequestrada pelo depravado sr. B, em uma de suas cartas a seus pais:

“Agora eu vou dá-los uma figura dessa miserável! Ela é uma coisa larga, atarracada, ofegante, gorda, bem feia, se qualquer coisa que Deus fez pode ser feia; por volta de quarenta anos de idade. Ela tem uma mão enorme, e um braço tão grosso quanto minha cintura, eu creio. Seu nariz é achatado e curvo, e suas sobrelanceias crescem sobre seus olhos; um olho morto, maldoso, cinza, arregalado, com certeza, ela possui. E seu rosto é achatado e largo; e quanto a cor, parece como se ela tivesse sido guardada um mês em salitre: eu ousou dizer que ela bebe! - Ela tem uma voz áspera de homem, e é tão grossa quanto ela é longa; e ainda assim parece tão fatalmente forte, que eu temo que ela arremessaria a seus pés em um instante, se eu a aborrecesse. - De tal que com um coração mais feio que seu rosto, ela me assusta tristemente; e eu estou arruinada, com certeza, se Deus não me proteger; pois ela é muito, muito perversa - de fato ela é.”<sup>318</sup>

Ao longo da exposição que Pamela faz aqui da sra. Jewkes, percebe-se distintamente uma irritação, o nervosismo de alguém que relata suas percepções e sentimentos de maneira imediata em meio a uma situação perigosa. A garota receia o que a pode acontecer em um futuro que parece sombrio, sobre o qual não possui nenhum controle, estando todas as suas esperanças na providência divina.

<sup>317</sup> BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 22.

<sup>318</sup> RICHARDSON, Samuel. **Pamela; or, Virtue Rewarded**. 2. ed. Nova Iorque: Oxford University Press, 2001, p. 114, tradução minha.

Vindo em um domingo em que a governanta a impede de comparecer à igreja e ordena que uma outra empregada tome seus sapatos, em uma demonstração de poder, permeia o trecho um tom emocionado, denso, que nos coloca em direto contato com as emoções que a acometem, que, por sua vez, influem no modo como escreve - segundo Watt, “A forma de carta permite ao autor um tipo de acesso a pensamentos e emoções que o diálogo excluiria e que dificilmente se prestariam à análise racional [...]”<sup>319</sup>. Quanto às características da sra. Jewkes em si, observa-se novamente o já comentado tropo da homologia entre deformidade física e espiritual. Claude Rawson, no entanto, comenta em relação aos elementos retóricos dessa descrição:

“Os detalhes são frequentemente similares [aos de outras descrições de personagens femininas reprováveis], mas eles vêm em uma sequência não-estilizada, como repulsivos fatos empíricos ao invés de desvios aberrantes de padrões aceitos com confiança. A ‘voz áspera de homem’ da sra. Jewkes evoca uma atmosfera ardente com timbres lésbicos, ao invés de [...] um desarranjo sobretudo cômico da adequação das coisas. As palavras têm o selo da heroína, não do autor, como em seu comentário sobre a compleição de salitre de Jewkes, com sua imediatez de rancor (‘eu ousou dizer que ela bebe!’), que Fielding teria convertido em uma elegante sabedoria narrativa.”<sup>320</sup>

A aparência da sra. Jewkes deve assim espelhar uma completa e radical decadência moral e espiritual, com a mulher representando de maneira quase total vícios como o egoísmo, a falta de empatia, a violência e a lascívia, exemplo do que Sandra Vasconcelos aponta como a tendência de Richardson a criar “personagens puras”<sup>321</sup>, ou seja, absolutamente virtuosas ou defeituosas, visto que, na visão de Samuel Johnson, admirador das opções estéticas do autor, “personagens moralmente ambíguas podiam ser acompanhadas com prazer e interesse pelo leitor e por isso eram potencialmente perigosas”<sup>322</sup>. Em todo caso, o discurso enérgico, aflito, com diversas características nada atraentes nos sendo apontadas em uma rápida sucessão, suscitando o surgimento de um ser em todos os sentidos monstruoso na imaginação do leitor, busca causa neste uma consternação pelo destino da protagonista, uma piedade que o submeta a aceitar

<sup>319</sup> WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p. 285.

<sup>320</sup> RAWSON, Claude. In: RAWSON, Claude (ed.). **The Cambridge companion to Henry Fielding**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 159-160, tradução minha.

<sup>321</sup> VASCONCELOS, Sandra. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 48-49.

<sup>322</sup> Idem, p. 49.

sem questionar suas exortações e exemplaridade moral, deixando-o em uma posição em algo submissa e estupefata frente ao turbilhão de emoções e acontecimentos que se o apresentam. O acesso à vida interior de Pamela e a sua interpretação maniqueísta dos fatos cria um universo de contrastes e desafios pelo qual, navegando com dificuldades, mas ainda assim mantendo-se irrevogavelmente fiel a suas convicções, afirma seu esplendor moral e, por consequência, sua autoridade, não obstante as críticas a uma tal abordagem já tratadas anteriormente. Não se pode deixar de observar, entretanto, que ainda que as hesitações, contradições e fortes sentimentos da protagonista confirmam à obra de Richardson, do ponto de vista de Ian Watt, um maior grau de realismo que as de Fielding, ela está marcada por uma acentuada inflexibilidade para com os menores males ou erros: “devemos, inversamente, reconhecer que muitas infrações morais em *Tom Jones* recebem um tratamento muito mais tolerante do que o que qualquer moralista puritano lhes teria dispensado”<sup>323</sup>.

Sendo assim, tomemos agora a governanta de *Joseph Andrews*:

“Assim que selou e despachou essa carta, Joseph desceu as escadas, onde encontrou a sra. Slipslop, com a qual aproveitaremos esta oportunidade para deixar o leitor um pouco mais familiarizado. Era ela uma senhora solteira de uns quarenta e cinco anos, que, tendo dado uma escorregadela na juventude, mantivera-se desde então boa donzela. Não era na época notavelmente bonita, sendo muito baixa, corpulenta demais e um tanto vermelhona, com o adendo de espinhas no rosto. O nariz era igualmente grande demais, e os olhos por demais pequenos; parecia uma vaca, menos pelo bafo que por dois globos marrons que levava na dianteira; uma das pernas era igualmente um pouco mais curta que a outra, o que a fazia coxear quando andava. Essa formosa criatura há muito havia posto os olhos da afeição em Joseph, no que não se deparara com tanto sucesso como provavelmente quisera, muito embora, para além da sedução de seus charmes nativos, lhe houvesse servido chá, docinhos, vinho e muitas outras guloseimas das quais, por guardar as chaves, ela tinha absoluto comando. [...] O fato é que ela atingira uma idade em que supunha poder entregar-se a quaisquer liberdades com um homem sem o perigo de trazer ao mundo um terceiro que os traísse. Imaginava que, com tão longa abnegação, não apenas compensara a escorregadela juvenil a que aludimos mais acima, como amealhara um quinhão de mérito que desculpava quaisquer falhas futuras. Em uma palavra, ela resolvera dar livre curso a suas inclinações amorosas, e pagar a dívida de prazer que constataria ter consigo mesma, tão logo fosse possível.”<sup>324</sup>

Uma vez mais, o trecho se inicia com uma interrupção do narrador e sua remissão direta ao leitor que o acompanha. A descrição se dá indiretamente, com o

<sup>323</sup> WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p. 300.

<sup>324</sup> FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 83-84.

organizador da narrativa apresentando-a de forma tranquila, mais cadenciada, o tempo de seus verbos encontrando-se no pretérito, ao contrário da passagem anterior, denotando assim seu controle sobre o rumo em que se desenrolarão os eventos subsequentes, fomentando uma calma, não uma excitação. Igualmente, a feiura física de Slipslop sugere suas falhas morais, como fica aí patente por sua luxúria, autoindulgência, egoísmo, vaidade e hipocrisia. O tratamento desses elementos, contudo, é cômico, não possui aquela gravidade ou turbulência emocional que caracteriza a escrita de Pamela, fazendo a mulher parecer uma figura mais bufônica do que propriamente maldosa, algo reforçado pela adjetivação de seus elementos fenotípicos (nariz grande, olhos pequenos, uma das pernas um pouco mais curta que a outra, etc.), que soam menos ameaçadores do que a de seu par (mão enorme, braço grosso, olho morto, maldoso, cinza e arregalado, entre outros). Nesse sentido, sua imagem menos exagerada reflete também a maior moderação, a relativa tolerância de Fielding apontada por Watt, não sendo a sra. Slipslop, apesar de todos os seus defeitos, uma réproba inveterada, consistindo antes uma personagem mista, capaz de demonstrar virtudes ou praticar boas ações eventualmente - bem ou mal, sua licenciosidade vem após um longo período de arrependimento e abnegação. Ademais, a linguagem menos incisiva, com seu senso de humor expresso em ironias (“essa formosa criatura”), metáforas (“parecia uma vaca, menos pelo bafo que por dois globos marrons que levava na dianteira”) e eufemismos (“sem o perigo de trazer ao mundo um terceiro que os traísse”), busca antes divertir o leitor do que atemorizá-lo, fomentar um atento desejo e expectativa pela continuidade da história, pelos próximos acontecimentos, reviravoltas e confusões, não um assombro solene ou piedade, aproximando-o e envolvendo-o no enredo que se desdobra. Para além disso, vemos aqui também aquele diálogo que subliminarmente obriga o leitor a participar da história e se posicionar, sobretudo mais ao fim, quando somos informados de que a sra. Slipslop cria, após tantos anos, já ter purgado seus erros de juventude, podendo assim se entregar a alguns prazeres carnavais. Por mais que a colocação do narrador traga implicitamente um julgamento e prescrição moral, o modo mais ou menos objetivo pelo qual as sentenças são formuladas deixam um campo aberto para que opinemos, que concordemos ou não com as concepções e atitudes da personagem (embora,

novamente há de se notar, o cenário antes criado pelo Fielding-narrador busque engendrar um elevado grau de sutil coerção, dificultando que desviemo-nos completamente de seu parecer sem sentir algum remorso). Também aqui, constata-se assim, o narrador faz uso do humor e do diálogo como ferramentas de envolvimento do leitor e produção de uma relação de amizade, companheirismo para com ele, de modo a mantê-lo aberto e receptivo aos paradigmas morais, reflexões e sentimentos que visa nele incutir, a tolerância, a empatia, o autocontrole, o perdão, entre outros - indo além, não deixa de haver a recuperação de antigos motivos literários subconscientemente presentes em um espectro mental social comum no espelhamento de qualidades morais em suas contrapartes físicas, apelando também para uma identificação entre as partes através do compartilhamento de arquétipos, embora se deva admitir que esse procedimento se faz ver em uma miríade de autores, sendo, como aponta Rawson, quase uma fixação da literatura da época<sup>325</sup>, não sendo distintamente fieldingiano, portanto.

Creemos ter assim explorado neste capítulo alguns dos principais recursos retóricos dos quais o narrador lança mão na tentativa de conquistar o leitor, eficientemente transmitir suas concepções morais e religiosas e nele incuti-las de modo a reformar seus modos de conduta e convivência no seio da sociedade, tornando-o mais polido, moderado, civil e afável. Evidentemente, a abordagem pela qual optamos possui algumas limitações, realçando determinados elementos que mais diretamente nos interessavam em detrimento de outros, pois, como Wayne Booth coloca de maneira arguta,

“É frustrante tentar lidar criticamente com tais efeitos, porque eles não podem de maneira alguma ser demonstrados para o leitor que não os tenha experimentado. Nenhuma quantidade de citações, nenhuma quantidade de resumo do enredo, pode possivelmente mostrar o quão totalmente o caráter do autor implícito domina nossas reações ao todo. Por volta de tudo que nós podemos fazer é olhar de perto um trabalho [...], analisando em termos estáticos o que em qualquer leitura bem-sucedida é tão sequencial e dinâmico quanto a própria ação.”<sup>326</sup>

Embora esteja ele falando aí de *Tom Jones*, a advertência se encaixa também nesse trabalho, marcando seus limites naturais e explicitando o campo sobre o qual procuramos delinear nosso objeto. De qualquer forma, é fato também que os

<sup>325</sup> RAWSON, Claude. In: RAWSON, Claude (ed.). **The Cambridge companion to Henry Fielding**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 159-160.

<sup>326</sup> BOOTH, Wayne. **The rhetoric of fiction**. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1983, p. 215, tradução minha.

recortes, fontes e decisões que precedem a redação de qualquer pesquisa invariavelmente restringem-na em alguns aspectos para beneficiá-la em outros. Sendo assim, esperamos ter contribuído para um melhor entendimento dos aspectos retóricos e estilísticos adotados por Fielding em seus romances no âmbito dos objetivos pedagógicos reformistas que os estimulam e subjazem.

## Conclusão

Duas preocupações que perpassaram toda a extensão do presente trabalho foram a dinâmica entre a produção de consenso ao redor de determinados valores, ideias e instituições e a manutenção da estabilidade política e social no seio de uma comunidade, por um lado, e, por outro, as relações entre retórica e promoção de determinados conteúdos morais, ideológicos e religiosos, entre outros. Esperamos assim ter contribuído para avançar minimamente, a partir do estudo de um caso específico, porém bastante fértil, a compreensão de temas que há muito já ocupam estudiosos e pensadores das ciências humanas e sociais, mas que nem por isso deixam de se esgotar diante das novas realidades e problemas com os quais somos permanentemente obrigados a nos deparar diante das mudanças políticas, sociais, culturais e ideológicas que inexoravelmente sobrevêm às dinâmicas de formações sociopolíticas e econômicas complexas.

Produto de um momento em que antigos valores e instituições viam suas hegemonias culturais se dissolverem, mas que nada os havia substituído de maneira completa, ensejando assim graves conflitos entre grupos de interesse e visões de mundo antagônicas, *Joseph Andrews* não deixa de se aproveitar brilhantemente, contudo, do alto nível de liberdade criativa, de possibilidade de renovação que não raro acompanha, mesmo que como um pequeno alento, tais períodos de crise. Tomando as palavras de Sandra Vasconcelos,

“Para o leitor especializado fica, além disso, a imagem forte do escritor flagrado em pleno processo de busca e sondagem, perscrutando caminhos e alternativas, à procura da melhor forma expressiva para dar conta de uma matéria nova e original. Nunca, talvez, tenha sido dada a esse leitor, de maneira tão escancarada, a oportunidade de testemunhar uma fase rica de experimentação em que uma sociedade em mudanças exige do escritor que encontre novos modos de representá-la.”<sup>327</sup>

De fato, Fielding mescla suas reflexões explícitas acerca da forma e função que o gênero literário que então ascendia e cuja denominação era ainda assunto polêmico, e mais tarde viria a ser definitivamente conhecido como “romance”, a experimentações de enredo, estrutura, tom, caracterização, estilo e muito mais, dando à luz uma obra que, por sua singularidade e ousadia, sua profusão de ideias e permanente vitalidade, mantém-se fresca e envolvente mesmo para leitores

---

<sup>327</sup> VASCONCELOS, Sandra. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 98.



contemporâneos, ainda que não totalmente inteirados do contexto histórico mais amplo que a permeava.

Procuramos argumentar, contudo, no sentido de que, longe de ser um livro caleidoscópico, fragmentário, uma sequência irregular de pensamentos e acontecimentos que, por mais que interessantes em si mesmos, acabam por criar um conjunto disforme e confuso, ou mesmo uma unidade de concepção que para bem ser compreendida, entretanto, exige um tratamento diferenciado entre seus elementos cômicos e éticos, *Joseph Andrews* possui uma integralidade, visto que seu fundo pedagógico, as questões morais que almeja veicular, somente pode ser bem pensado se consideramos o estilo retórico, os artifícios de linguagem e construção de uma dada ambiência que nele se elaboram, sobretudo a partir da figura do narrador, eixo que conecta suas muitas partes, personagem que nos acompanha a todo momento: moral, educação e retórica, todos estão aqui em diálogo e devem, portanto, ser pensados em função uns dos outros. A variedade de *Joseph Andrews* concentrada na voz de um ente sagaz que nos dá a conhecer o seu desvelamento, apesar de a princípio pode fazê-lo parecer um amontoado instável de proposições, é precisamente o que o permite tocar em uma gama de assuntos tão diversa de forma convincente, sem parecer cansativo ou arrastado, dizendo respeito tanto a problemas internos da obra ou a debates estéticos sobre literatura quanto a temas políticos, religiosos, morais e culturais além de seu escopo imediato, tornando um texto fechado perene à realidade externa, ao contexto em que é lido, ao leitor que o consome, um processo de renovação permanente que em algum ponto sempre preserva seu interesse.

## Referências Bibliográficas

- AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. 688p.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance: o romance como gênero literário**. 1. ed. São Paulo: 34, 2019. v. 3.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 462 p.
- BATTESTIN, Martin. **The moral basis of Fielding's art: a study of Joseph Andrews**. 1.ed. Middletown: Wesleyan University Press, 1959. 212p.
- BOOTH, Wayne. **The rhetoric of fiction**. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1983. 574 p.
- DICKINSON, Harry T. (ed.). **A companion to eighteenth-century Britain**. 1. ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2002. 550 p.
- DUARTE, João. Henry Fielding e a "história verdadeira". *In*: CHARBEL, Felipe; GUSMÃO, Henrique; MELLO, Luiza (org.). **As formas do romance: estudos sobre a historicidade da literatura**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ponteio, 2016. p. 239-265.
- DUARTE, João. História, Romance e Iluminismo: considerações preliminares. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 62, p. 555-572, 2017.
- DUARTE, João. **O progresso do peregrino: religião e política na gênese do Iluminismo inglês**. 1.ed. Curitiba: Prismas, 2017. 316p.
- FIELDING, Henry. **A história das aventuras de Joseph Andrews e seu amigo, o senhor Abraham Adams**. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2011. 384 p.
- FIELDING, Henry. **Tom Jones**. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 1996. 916 p.
- GALLAGHER, Catherine. Ficção. *In*: MORETTI, Franco (org.). **O romance: a cultura do romance**. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2009. v. 1, p. 629-658.
- GALLAGHER, Noelle. Historiography, the Novel, and Henry Fielding's Joseph Andrews. **Studies in English Literature 1500-1900**, Baltimore, v. 52, n. 3, p. 631-650, 2012.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2014. 568 p.
- MAIOLI, Roger. **Empiricism and the early theory of the novel: Fielding to**

Austen. 1. ed. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2017. 217 p.

RAWSON, Claude (ed.). **The Cambridge companion to Henry Fielding**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. 202 p.

RICHARDSON, Samuel. **Pamela; or, Virtue Rewarded**. 2. ed. Nova Iorque: Oxford University Press, 2001. 546 p.

VALPY, Abraham (ed.). **The works of dr. Isaac Barrow: with some account of his life, summary of each discourse, notes, etc. by the rev. T. S. Hughes, B. D.** 1. ed. Londres: A.J. Valpy, 1830. 504 p. v. 2.

VASCONCELOS, Sandra. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2002. 165 p.

WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010. 352 p.

WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 336 p.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2014. 320 p.